



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM



JÉSSICA DE MENEZES NOGUEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES
SOBRE ENVELHECIMENTO E TECNOLOGIAS DE CUIDADO-
EDUCAÇÃO**

RIO DE JANEIRO
2017

JÉSSICA DE MENEZES NOGUEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES
SOBRE ENVELHECIMENTO E TECNOLOGIAS DE CUIDADO-
EDUCAÇÃO.**

Relatório final de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte do processo de obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Concepções Teóricas, Cuidados Fundamentais e Tecnologias na Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia de Assunção Ferreira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Freitas

**RIO DE JANEIRO
2017**

CIP - Catalogação na Publicação

d778x de Menezes Nogueira, Jéssica
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES
SOBRE ENVELHECIMENTO E TECNOLOGIAS DE CUIDADO
EDUCAÇÃO / Jéssica de Menezes Nogueira. -- Rio de
Janeiro, 2017.
159 f.

Orientadora: Márcia de Assunção Ferreira.
Coorientadora: Maria Célia de Freitas.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2017.

1. Envelhecimento. 2. Adolescente. 3.
Representações Sociais. 4. Enfermagem. 5. Tecnologia
Cuidado-Educação. I. de Assunção Ferreira, Márcia,
orient. II. de Freitas, Maria Célia, coorient. III.
Titulo.

JÉSSICA DE MENEZES NOGUEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES
SOBRE ENVELHECIMENTO E TECNOLOGIAS DE CUIDADO-
EDUCAÇÃO.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Aprovada em:

Profa. Dra. Márcia de Assunção Ferreira - Presidente

Prof. Dr. Júlio Afonso Jacques Gambôa - 1º Examinador

Profa. Dra. Fátima Helena do Espírito Santo - 2ª Examinadora

Profa. Dra. Maria Célia de Freitas - 3ª Examinadora

Profa. Dra. Neide Aparecida Titonelli Alvim - 4ª Examinadora

Profa. Dra. Maria Luiza de Oliveira Teixeira- Suplente

Profa. Dra. Francisca Tereza de Galiza - Suplente



Dedico à minha avó, Ana América Moreira de Menezes (*in
memorian*). O amor é infinito.



AGRADECIMENTOS

Ao Meu Deus, fonte de luz e de amor.

À Sagrada Família, Jesus, Maria e José, pela intercessão sempre concebida.

Aos meus pais, Rita Ivete de Menezes e José Jacinto Nogueira por me proporcionarem a vida e pela sabedoria que me foi transmitida, possibilitando a realização deste sonho.

À minha tia Rita Claudete de Menezes, pelo carinho, ensinamentos e por, desde cedo, ensinar-me a grandeza que é o saber.

Ao namorado Tiago Lopes, pelo companheirismo, amor e compreensão que tornou esta jornada mais leve.

À minha irmã, tia e, aos primos, pelo amor, e por confiarem no meu potencial. Tudo tornou-se mais tranquilo com vocês. Obrigada pela paciência e dedicação. Amo muito vocês.

Aos demais familiares, amigos e todos aqueles que torcem pelo meu sucesso.

À Márcia de Assunção Ferreira, professora, orientadora e amiga, faltam-me palavras para agradecer tamanha confiança que vem depositando em mim durante toda essa trajetória acadêmica. Gratidão por cada ensinamento, profissional e pessoal.

À professora Maria Célia de Freitas, pela contribuição neste e em tantos outros projetos. Obrigada pelo carinho e torcida.

À minha amiga-irmã Francisca Tereza de Galiza pelo apoio na concretização deste e de tantos outros projetos de vida e de pesquisa.

Aos Professores Júlio Gambôa, Fátima Helena do Espírito Santo, Neide Titonelli Alvim, Maria Luiza Teixeira, engrandecimento deste trabalho. Obrigada pela disponibilidade em participar deste momento.

Aos colegas da Universidade do Minho, em especial às Professoras e amigas Alice Delerue e Katiusce Faccin pelo engrandecimento deste trabalho e por me acolherem tão bem em terras longínquas durante o doutorado Sanduíche em Braga-Portugal.

Aos professores e colegas do Núcleo de Enfermagem Fundamental, Grupo de Pesquisa Representações e práticas de cuidado em saúde e Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery– UFRJ. Muitos aprendizados e um crescimento sem medidas é o que me proporcionou os estudos durante esse caminhar do doutoramento. Ensinamentos que ficam para a vida.

A Liana Lima, grande amiga e professora, que acreditou no meu estudo e proporcionou um campo fértil para a realização da pesquisa.

Aos adolescentes e professores da Escola em que realizei o estudo, que tanto me ensinaram sobre a vida pessoal e profissional. Buscarei, sempre, ações concretas para melhorar o cotidiano de vocês.

Aos professores e profissionais de Enfermagem que muito ensinaram com suas experiências.

À Hanna Gadelha e demais colegas do grupo de pesquisa Cuidados Clínicos de Enfermagem ao Idoso e as Práticas Educativas da Universidade Estadual do Ceará sempre presentes no caminhar acadêmico.

À CAPES por me proporcionar viver uma das experiências mais maravilhosas que aconteceu comigo, o doutorado sanduíche na Universidade do Minho. É disto que a ciência brasileira precisa, incentivo e visibilidade para mostrarmos nossas potencialidades e conhecimento.

À FAPERJ pelo incentivo financeiro para realização deste estudo ao proporcionar recursos monetários aos pesquisadores para melhorar e ampliar a ciência no Brasil

Aos amigos-família que o Rio de Janeiro me proporcionou, tudo ficou mais colorido com a presença de vocês: Thiago Silva, Ítalo Silva, Silvia Lins e Fernanda Duarte. Terão sempre um lugar muito especial na minha vida.

À Dona Lai que esteve presente como mãe-carioca nesta jornada e sempre terá um pedaço do meu coração.

À minha avó (*in memoriam*) que foi/é um exemplo de amor e candura que me embalou desde que nasci. Tenho certeza que vibra, aonde ela estiver, por cada vitória minha. O amor nunca morre.



"Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem
ele, o oceano seria menor."

Madre Teresa de Calcutá



RESUMO

NOGUEIRA, Jéssica de Menezes. **Representações Sociais de adolescentes escolares sobre envelhecimento e tecnologias de cuidado-educação.** 2017. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A problemática do presente estudo debruça-se nos sentimentos, emoções, julgamentos e valores que há nas Representações Sociais sobre o envelhecimento para adolescentes, e como atuam as tecnologias de cuidado-educação na sensibilização destes sujeitos para o tema. Portanto, tem-se como pressuposto que conhecer as RS dos adolescentes sobre envelhecimento permite configurar um panorama de saberes que estes têm sobre a temática em questão. Como essas estratégias sensibilizam o repensar das relações intergeracionais, envelhecimento de si e do outro. Objetivou-se identificar as representações sociais de adolescentes escolares sobre o envelhecimento, constituição e elementos estruturadores; desvelar as relações de imagens, sentidos e práticas dos adolescentes escolares em face de suas representações sobre o envelhecimento; implementar uma tecnologia de processo de cuidado-educação junto aos adolescentes sobre o envelhecimento e promover reflexões sobre o processo fisiológico do envelhecimento, a cidadania e o cuidado ao idoso junto aos adolescentes. O campo de estudo foi uma escola de ensino médio profissionalizante na cidade de Fortaleza/CE, com adolescentes de 12 a 18 anos. Foi realizada observação participante assistemática, com o fim de melhor introdução ao campo de estudo. Houve duas fases distintas de produção de dados: TALP induzido por "envelhecimento" com 385 adolescentes e os momentos de tecnologia cuidado-educação com 58 alunos. Realizada a caracterização sociodemográfica dos adolescentes em todas as fases. Aconteceram quatro momentos interventivos: Construção de painéis utilizando a fotolinguagem; Jogo do envelhecimento; Gincana sobre o estatuto do idoso, e avaliação. Os dados provenientes do TALP foram processados no software EVOC 2003 e os dos grupos foram analisados pelo Alceste 2012. Os achados dos dados provenientes do TALP evidenciaram a representação social hegemônica, estereotipada e negativa da velhice. Quando confronta-se os sexos, o feminino atribui o envelhecimento às questões relacionadas às doenças, enquanto que o masculino vê por um viés mais social. Ao analisar comparativamente os adolescentes que têm convívio intradomiciliar com o idoso e os que não têm, observa-se que a convivência diária com a pessoa idosa agrega um vocabulário mais rico e próximo com o universo do envelhecer, fato não observado nos adolescentes privados da oportunidade de convívio com o idoso. O material analisado pelo Alceste revelou 7 classes distintas, porém, algumas com aproximação temática entre si, sendo elas as classes: 4, 5 e 1 que abordaram os aspectos relacionais da sociedade; 2 e 3 que versa sobre a juventude *versus* terceira idade e o estreitamento das relações e, por fim, as classes 6 e 7 que agregam as tecnologias de cuidado-educação como estratégias para repensar o envelhecimento. Tais dimensões compõem uma rede de significados articulados que abarcam o sentido funcional da tecnologia aplicada ao envelhecimento; os afetos produzidos pelos adolescentes e as imagens que trazem sobre como é o envelhecer e as relações intergeracionais; e, por fim, a sensibilização que essas tecnologias de cuidado-educação proporcionam. A maneira como tais representações se elaboram dá f a dinâmica da prática dos sujeitos frente ao objeto, a qual, considerando seus a constituintes, delimita estilos de relação com o envelhecimento do outro e de si. D se, portanto, a tese de que a discussão de temas relacionados ao processo de

envelhecimento permite aos adolescentes desvelarem um campo que ainda é estranho a eles, permitindo a quebra de paradigmas e que, assim, possam (re)pensar o envelhecer de si e do outro, podendo atuar também como agentes multiplicadores de saberes e práticas obtidas a partir dos momentos provenientes das tecnologias de cuidado-educação.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Adolescentes; Relacionamento Intergeracional; Enfermagem; Tecnologia de cuidado-educação.

ABSTRACT

NOGUEIRA, Jéssica de Menezes. **Social Representations of scholarship adolescents on aging and educational care technologies. 2017.** 162 f. Thesis (Doctorate) - Nursing Doctorate Course, Anna Nery School of Nursing, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The problem of the present study is focused on the feelings, emotions, judgments and values that exist in the Social Representations about the aging for adolescents and how the care-education technologies act in the sensitization of these subjects to the theme. Therefore, it is assumed that knowing the SR of the adolescents about aging allows to configure a panorama of the knowledge that these have on the subject in question. As these strategies sensitize the rethinking of intergenerational relationships, aging of self and of the other. The objective was to identify the social representations of school adolescents on aging, constitution and structuring elements; To unveil the relationships of images, meanings and practices of school adolescents in the face of their representations about aging; To implement a technology of process of care-education with adolescents on aging and to promote reflections on the physiological process of aging, citizenship and care for the elderly with adolescents. The field of study was a vocational high school in the city of Fortaleza / CE with adolescents from 12 to 18 years old. An asystematic participant observation was performed in order to better introduce the field of study. There were two distinct phases of data production: TALP induced by "aging" with 385 adolescents and moments of care-education technology with 58 students. The socio-demographic characterization of adolescents was carried out in all phases. There were four intervening moments: Construction of panels using photolanguage; Aging game; Game on the law of the elderly. The data from the TALP were processed in the EVOC 2003 software and those from the groups were analyzed by Alceste 2012. The data findings from the TALP showed the hegemonic, stereotyped and negative social representation of old aged. When confronted with the sexes, the feminine attributes aging to disease-related questions as the masculine sees a more social bias. When analyzing comparatively the adolescents who are living indoors with the elderly and those who do not, it is observed that the daily living with the elderly adds a richer and closer vocabulary with the universe of aging fact not observed in adolescents are deprived of the opportunity With the elderly. The material analyzed by Alceste revealed 7 different classes, but some with a thematic approximation among them, being the classes: 4, 5 and 1 that approached the relational aspects of the society; 2 and 3 which deals with youth versus old aged and the narrowing of relationships and, finally, classes 6 and 7 that add care-education technologies as strategies to rethink aging. These dimensions make up a network of articulated meanings that encompass the functional sense of technology applied to aging; The affections produced by adolescents and the images they bring about aging and intergenerational relations; The sensitization that these technologies of care-education provide. The way in which such representations are elaborated gives form to the dynamics of the subjects' practice in front of the object, which, considering its constituent aspects, delimits styles of relation with the aging of the other and of itself. Therefore, the thesis is defended that the discussion of themes related to the aging process allows the adolescents to unveil a field that is still strange to them, allowing paradigm breaks and thus (re) thinking of aging oneself and the other, being able to act Also as agent multipliers of knowledge and practices obtained from the moments coming from the technologies of care-education.

Keywords: Aging; Adolescents; Intergenerational Relationship; Nursing; Care-education technology.

RESUMEN

NOGUEIRA, Jéssica de Menezes. **Representaciones sociales de adolescentes en la educación escolar y tecnologías de atención en la educación**. 2017. 162 f. Tesis (Doctorado) - Doctorado en Enfermería, Escuela de Enfermería Anna Nery de la Universidad Federal de Río de Janeiro, Río de Janeiro, 2017.

El problema de este estudio se centra en los sentimientos, las emociones, los juicios y los valores que se encuentran en las representaciones sociales sobre el envejecimiento para adolescentes y actúa como las tecnologías de cuidado-educación para sensibilizar sobre estos temas para el sujeto. Por lo tanto, ha sido el supuesto de que cumple con los adolescentes sobre el envejecimiento RS le permite establecer un panorama de conocimiento que tienen sobre el tema en cuestión. ¿Cómo estas estrategias sensibilizan al replanteamiento de las relaciones intergeneracionales, envejecimiento en sí y en el otro. Este estudio tuvo como objetivo identificar las representaciones sociales de los estudiantes adolescentes sobre el envejecimiento, la constitución y sus elementos estructurales; desvelar las relaciones de imágenes, significados y prácticas de estudiantes adolescentes delante de sus representaciones sobre el envejecimiento; implementar una tecnología de proceso de atención de la educación con los adolescentes sobre el envejecimiento y promover la reflexión sobre el proceso de envejecimiento fisiológico, la ciudadanía y la atención a los ancianos junto a los adolescentes. El campo de estudio fue un instituto de formación profesional en la ciudad de Fortaleza / CE con los adolescentes de 12-18 años. Fuera realizada una observación participante no sistemático que se llevó a cabo con el fin de mejor introducción al campo de estudio. Había dos fases distintas de producción de datos: TALP inducida "envejecimiento" de 385 adolescentes y los tiempos de la tecnología del cuidado-educación con 58 estudiantes. Celebradas las características sociodemográficas de los adolescentes en todas las etapas. Intervencionista pasó cuatro veces: los paneles de construcción que usan fotolenguaje; el juego de lo envejecimiento; Gincana del estatuto de la edad avanzada y la evaluación de la situación. Los datos de la TALP se procesaron en el software EVOC 2003 y los grupos se analizaron por el software Alceste 2012. Los resultados de los datos de la TALP mostraron representación social hegemónica, estereotipada y negativa de la vejez. Cuando se enfrentan sexos, los atributos femeninos de envejecimiento a cuestiones relacionadas con enfermedades, y los masculinos ven un sesgo más social. Mediante las análisis de los adolescentes en comparación con quienes tienen contacto intradomiciliario con los ancianos y los que no lo tienen, se observa que el contacto diario con el viejo añade un vocabulario más rico y junto al universo de la vejez; todavía, esto no se observó en los adolescentes que se ven privados de oportunidades de socialización con los ancianos. El material analizado por Alceste reveló siete clases distintas, pero algunos, el enfoque temático entre sí, siendo las clases: 4, 5 y 1, que se dirigió a los aspectos relacionales de la sociedad; 2 y 3 que se ocupan de los jóvenes frente a las relaciones más estrechas y de edad avanzada; y, por último, las clases de 6 y 7 que ofrecen las tecnologías de cuidado-educación como estrategias para repensar el envejecimiento. Tales dimensiones constituyen una red de significados articulados que componen el sentido funcional de la tecnología aplicada al envejecimiento; las afecciones producidas por los adolescentes las imágenes que traen acerca de cómo el envejecimiento y las relaciones e generaciones; conciencia de que estas tecnologías proporcionan cuidado-educación forma en que tales representaciones se elaboran componen los sujetos a través de la práctica de objeto dinámico, que, teniendo en cuenta sus aspectos constituyentes, definen

estilos relacionados con el envejecimiento de la otra y de sí mismo. Se argumenta, por tanto, la tesis de que discutir temas relacionados con el proceso de envejecimiento permiten a los adolescentes revelar un campo que todavía les es extraño que permite cambio de paradigma y por lo tanto, pueden (re) pensar la edad del mismo y del otro, puede actuar así como agentes multiplicadores del conocimiento y las prácticas obtenidas a partir de los momentos de las tecnologías de cuidado-educación.

Palabras clave: Envejecimiento; Adolescentes; Relaciones Intergeneracionales; Enfermería; Cuidado-Educación Tecnológica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: comparação dos núcleos centrais entre os sexos.	55
Figura 2: comparação dos núcleos centrais entre adolescentes que convivem com idoso no domicílio e os que não convivem	58
Figura 3: representação gráfica dos resultados do processamento do texto pelo programa alceste 2012 – número de uces e número de palavras analisáveis por classe.....	66
Figura 4: divisão das classes: Classificação Hierárquica Descendente.....	67
Figura 5: Dendograma - Organização das classes a partir da análise lexical dos grupos pelo Programa Alceste.....	68
Figura 6: organograma de organização da classe 4.....	76
Figura 7: classificação Hierárquica Ascendente da Classe 5	81
Figura 8: síntese organizativa da classe 5	82
Figura 9: classificação Hierárquica Ascendente para classe 1 de acordo com o programa Alceste.	86
Figura 10: Síntese da organização da classe 1	87
Figura 11: esquema sintetizador da discussão das classes 4, 5 e 1.	100
Figura 12: classificação hierárquica ascendente para a classe 2 de acordo com o programa Alceste.....	106
Figura 13: síntese da classe 2	107
Figura 14: classificação hierárquica ascendente para a classe 3 de acordo com o programa Alceste.....	113
Figura 15: síntese da classe 3	114
Figura 16: esquema sintetizador da discussão das classes 2 e 3.	123
Figura 17: classificação hierárquica ascendente para classe 6, de acordo com programa Alceste	129
Figura 18: síntese da classe 6.	130
Figura 19: classificação Hierárquica Ascendente para classe 7 de acordo com o programa Alceste	136
Figura 20: síntese da classe 7	137
Figura 21: esquema sintetizador da discussão das classes 2 e 3	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gírias e significados vocalizados por adolescentes escolares.....	39
Quadro 2: Variáveis utilizadas na linha de comando do corpus, seus códigos e classificação.....	48
Quadro 3: apresentação das variáveis analisadas no questionário sociodemográfico ..	50
Quadro 4: dados referentes ao TALP em todas as turmas	51
Quadro 5: distribuição das OME do termo indutor envelhecimento para o sexo feminino.	52
Quadro 6: distribuição da OME do termo indutor envelhecimento para o sexo masculino	54
Quadro 7: distribuição estrutural do termo indutor envelhecimento para adolescentes que tem convívio intradomiciliar com idosos	56
Quadro 8: distribuição das evocações do termo indutor envelhecimento para adolescentes que não têm convívio intradomiciliar com idosos.....	57
Quadro 9: Distribuição sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos.	64
Quadro 10: temas das classes produzidas pelo Alceste a partir do corpus dos grupos de tecnologia de cuidado-educação.....	69
Quadro 11: Apresentação do bloco 1 de análise	71
Quadro 12: Organização da classe 4	72
Quadro 13: palavras analisadas da classe 5	77
Quadro 14: organização da classe 1	83
Quadro 15: apresentação do bloco 2 de análise	101
Quadro 16: organização lexical da classe 2	102
Quadro 17: organização lexical da classe 3	108
Quadro 18: apresentação do terceiro bloco de análise.....	124
Quadro 19: organização lexical da classe 6	125
Quadro 20: organização lexical da classe 7	131

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA	26
1.2 OBJETIVOS	26
1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	27
2 REFERENCIAL TEÓRICO	32
3 METODOLOGIA	36
3.1 MATERIAIS E MÉTODOS	36
3.1.1 Natureza do estudo	36
3.1.2 Campo da pesquisa e participantes	37
3.1.3 Método, técnicas de produção de dados e amostragem	37
3.1.3.1 Observação participante	37
3.1.3.2 Produção de dados	40
3.1.3.2.1 Primeira fase	40
3.1.3.2.2 Segunda fase	40
3.1.4 Análise e interpretação	45
3.2 QUESTÕES ÉTICAS	48
4 ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO	49
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO	49
4.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO	50
4.3 DISCUSSÃO	58
5 APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS E ANÁLISE DOS DADOS PELO SOFTWARE ALCESTE	64
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DOS MOMENTOS DE TECNOLOGIAS CUIDADO-EDUCAÇÃO	64
5.2 ANÁLISE TEXTUAL REALIZADA PELO SOFTWARE ALCESTE	65
5.3 ANÁLISE TEXTUAL DOS DEPOIMENTOS PRODUZIDOS PELOS ADOLESCENTES NOS GRUPOS DE TECNOLOGIA DE CUIDADO-EDUCAÇÃO.	65

6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO E FORMAS DE LIDAR COM ESSA REALIDADE	71
6.1 PRIMEIRO BLOCO DE DISCUSSÃO: ASPECTOS RELACIONAIS DA SOCIEDADE	71
6.1.1 Classe 4 – Idadismo: reflexo do preconceito sobre a velhice na contemporaneidade	72
6.1.2 Classe 5 – relações sociais e o papel do idoso nesse contexto	76
6.1.3 Classe 1 – processo de construção do relacionamento intergeracional	82
6.2 DISCUSSÃO	87
7 JUVENTUDE VERSUS TERCEIRA IDADE: ESTREITANDO RELAÇÕES ...	101
7.1 CLASSE 2 – TERCEIRA IDADE: JUVENTUDE DA VELHICE	101
7.2 CLASSE 3 – NÓS E ELES: ESTREITANDO RELAÇÕES	107
7.3 DISCUSSÃO	114
8 TECNOLOGIAS DE CUIDADO-EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIAS PARA REPENSAR O ENVELHECIMENTO	124
8.1 CLASSE 6 – EU NUNCA TINHA PENSADO NISSO: ENVELHECIMENTO UMA NOVIDADE A SER DESVELADA	125
8.2 CLASSE 7 – RESPONSABILIDADE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO MÉDIO	130
8.3 DISCUSSÃO	137
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
APÊNDICES	160
ANEXOS	169

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O envelhecimento é um triunfo do desenvolvimento. O aumento da longevidade é uma das maiores conquistas da humanidade. As pessoas vivem mais em razão de melhorias nos hábitos nutricionais, nas condições sanitárias, nos avanços da medicina, nos cuidados com a saúde, no ensino e no bem-estar econômico.

Em 1950, havia 205 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no mundo. Em 2012, o número de pessoas mais velhas aumentou para quase 810 milhões. Projeta-se que esse número alcance um bilhão em menos de 10 anos e que duplique até 2050, alcançando dois bilhões (UNFPA, 2012).

A população em envelhecimento também apresenta desafios sociais, econômicos e culturais para indivíduos, famílias, sociedades e para a comunidade global. A ONU aponta que as implicações sociais e econômicas deste fenômeno são profundas, estendendo-se para muito além da pessoa do idoso e sua família imediata, alcançando a sociedade mais ampla e a comunidade global de forma sem precedentes (UNFPA, 2012).

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, esse processo vem acontecendo de forma acelerada, com pouco preparo de recursos humanos e materiais para atendê-la. Em 2025, serão aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas no mundo com mais de 60 anos – e, até 2050, 2 bilhões (OMS, 2016). O Brasil passará de país “jovem” (até 7% de idosos) para ser considerado país envelhecido (mais de 14% de idoso) em apenas 25 anos (2011 – 2036). Em 2050, 38 milhões de brasileiros – ou seja, 18% da população – serão idosos (CHAIMOWICZ, 2013).

Percentual de idosos na população total residente no Brasil aumentou de 10,15% em 2000 para 10,79% em 2010, o que expressa a magnitude do contingente demográfico e sua distribuição relativa no país (FIOCRUZ, 2011).

As projeções para o ano de 2025 são de aproximadamente 34 milhões de indivíduos com mais de 60 anos, dos quais 10,6% corresponderão aos idosos com 80 anos e mais, o que colocará o Brasil na sexta posição entre os países com maior número de pessoas idosas no mundo, diferenciando da década de 50 em que o país estava na 16ª colocação (IBGE, 2012). Sobre a situação das regiões brasileiras, a região nordeste destacou-se por ter o maior crescimento na proporção de idosos na população: em 2000 este índice era de 9,3%; já em 2010 ele aumentou para 10,28%, revelando um aumento

de 0,98%. Nas demais regiões, as taxas foram: Sudeste (0,6%), Sul (0,48%), Centro-Oeste (0,47%) e Norte (0,44%) (FIOCRUZ, 2011).

Dentre os estados do Brasil, o Rio de Janeiro é a cidade com a maior quantidade de idosos do país, de acordo com dados do Censo 2010 do IBGE. Na lista dos dez bairros brasileiros com maior proporção de idosos, a capital fluminense possui nove, liderando o ranking dos estados brasileiros em proporção de idosos, com 13,3% da população local com 60 anos ou mais – ou seja, mais de 2,12 milhões de pessoas são de idosos, embora a cidade tenha ficado na 22ª colocação do crescimento desta faixa etária com 0,41% (IBGE, 2012).

Dentre todos os estados do Brasil, o Piauí foi quem teve o maior aumento da proporção de idosos em sua população, passando de 8,8% em 2000 para 10,64% em 2010, revelando um aumento de 1,84%. Em segundo lugar, ficou o estado do Ceará com uma elevação da proporção de idosos igual a 1,33%: passando de 9,43% em 2000 para 10,76% em 2010. Quanto à cidade de Fortaleza, esta dispõe aproximadamente de 9,6% do quantitativo de idosos do Ceará, sendo representado por 3,7% de homens e 5,6% por mulheres (IBGE, 2012).

Segundo os cálculos do IBGE (2012), o número de brasileiros vai crescer até 2042, a partir de quando o número de óbitos superará o de nascimentos. Em 2060, as estimativas apontam que o país terá o mesmo número de habitantes do que 2025 (218,2 milhões).

Em resumo, a transição demográfica vem provocando mudanças na estrutura etária da população brasileira, com alteração na proporção de crianças, adultos e idosos; em linhas gerais, uma redução da participação relativa de crianças e jovens e aumento proporcional de adultos e idosos (BRASIL, 2017).

Com o número e a proporção de pessoas idosas aumentando mais rapidamente que quaisquer outras faixas etárias, e em uma escala cada vez maior de regiões no mundo, surgem preocupações sobre a capacidade da sociedade de tratar dos desafios associados a essa evolução demográfica.

O processo de envelhecimento traz consequências biológicas e sociais. As limitações físicas e cognitivas que ocorrem no processo de envelhecimento geram fragilidades que, muitas vezes, são mal compreendidas pela família e pela sociedade, gerando conflitos intergeracionais, desencadeando desrespeitos e, conseqüentemente, violência – o que passa a ser considerado um problema mundial, atingindo a todas as populações independentemente dos fatores sociais, econômicos e culturais, e deixando de

ser considerado como problema particular de cada família (FLORÊNCIO; FERREIRA; FILHA; SÁ, 2007).

Portanto, quando não se investe em estratégias participativas, pautadas na educação da população sobre o tema em vista, o desconhecimento sobre as alterações fisiológicas do envelhecimento permanece e gera relações conflituosas entre os familiares. Corroborando com essa afirmação, Silva e Lacerda (2007) dissertam que essas relações conflituosas podem estar associadas a fatores de risco como relações familiares desgastadas, dificuldades financeiras, fatores culturais e socioeconômicos, distribuição de heranças e migração de alguns componentes familiares.

Veras (2009) complementa que o país necessita de preparação para esse envelhecimento que já está ocorrendo de forma muito acelerada. É ótimo que se viva mais, mas é preciso que a sociedade dê condições para que se possa usufruir desse tempo a mais de vida. É justamente este o grande desafio que se enfrenta atualmente.

O envelhecimento humano, na verdade, quase nunca foi estudado. Poucas escolas no país têm a preocupação de discorrer sobre temas relacionados ao processo de envelhecimento, os quais deveriam ser abordados desde o ensino fundamental, perpassando por toda formação do aluno. Nesse caso, é necessário que haja uma preparação efetiva para a população sobre o processo de envelhecimento e o ser idoso, para que os paradigmas que permeiam o envelhecimento sejam revistos e possibilitem a mudança de conduta da população sobre a temática (VERAS et. al., 2002).

O envelhecimento é um fenômeno transversal à vida humana. Portanto, em todas as fases do ciclo vital, o indivíduo e a sociedade se depararão com temas referentes a esta temática – e cada uma terá uma forma peculiar de visualizar o fenômeno, de atribuir ideias e noções que conformarão seu pensar e agir frente ao idoso.

Nesse sentido, para a população jovem, a cultura da mobilidade, da flexibilidade, da efemeridade e da provisoriedade elege o adolescente como modelo, tendo por referência o Estatuto da Criança e do Adolescente, que delimita esta fase entre os 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Dahl e Hariri (2005) definem a adolescência como um período de transição universal e inevitável, considerando-a como um segundo nascimento. Estes autores reconhecem a influência da cultura ao mesmo tempo em que valorizam as diferenças individuais do adolescente e sua característica de plasticidade (maleabilidade), podendo ser considerados inovadores e provocativos para sua época.

A adolescência, pela mediação da gerontologia, teria na perspectiva da longevidade orientações éticas com oferta de valores ampliados. Como aponta Martins, Camargo e Biasus (2008), os adolescentes constroem uma ideia de “idoso” vinculando-o à carência e ao sofrimento (perdas físicas e psicológicas), mas também à experiência e à sabedoria. Apresentam uma ideia de velhice vinculada a perdas, transformações orgânicas e psicológicas, considerando uma fase difícil do desenvolvimento. Mas, de maneira ambivalente, percebem que o passar dos anos reserva ao idoso: sabedoria, experiência e conhecimento. Corroborando com esta ideia, Santos, Tura e Arruda (2011) afirmam haver dois polos de sentidos, de acordo com adolescentes, acerca da pessoa velha: um deles se pauta na figura do ‘avô’; o outro na do ‘idoso’

Ainda de acordo com Santos, Tura e Arruda (2011), a figura do avô parece ser a referência de pessoa velha para esses jovens, seja pela provável convivência com seus avós, por serem considerados importantes e fazerem parte de suas vidas, por serem as pessoas mais velhas que conhecem ou por serem os exemplos de pessoa velha, que circulam nas mídias e em obras literárias, por exemplo. De acordo com essas inferências, a afetividade pode ser uma dimensão que integra essa construção representacional, assim como os aspectos concretos que materializam de forma objetiva uma imagem da velhice. Isso é reforçado tanto pela menção a outros familiares e conhecidos, a pessoas públicas ou personagens, como pela descrição física.

Já a do idoso, agrega sentidos relativos a uma construção normativa da categoria Idoso, que enseja respeito e valorização, em oposição a uma conotação negativa ou pejorativa associada ao termo “velho”. Ao idoso são associados, direta ou indiretamente, elementos considerados em outros estudos como ganhos com o envelhecer – experiência, sabedoria, conhecimento –, que compensariam perdas e limitações. Estas são os aspectos em comum entre Idoso e Avô, ou seja, o declínio e limitações físicas, elementos frequentemente encontrados em estudos similares (SANTOS; TURA; ARRUDA, 2011).

Portanto, estas imagens que refletem a condição de idoso, avô ou qualquer outra que remeta ao processo de envelhecimento humano, trazem relevantes noções sobre como o adolescente se porta frente ao envelhecer do outro, com os idosos e com o seu próprio processo de envelhecimento. Nesse sentido, as formas de estabelecer estas relações estão enraizadas no senso comum no universo dos adolescentes.

Desse modo, estes fatos mostram a importância de os adolescentes compreenderem as demandas postas pelo envelhecimento humano, considerando os aspectos positivos, como: ser ativo, bem-viver, bagagem de conhecimentos e vivências,

pois a compreensão gera compaixão, que é um sentimento mais propício ao acolhimento e a generosidade nas relações.

A compaixão é a própria essência do amor e da solidariedade entre os homens, porque amor e solidariedade explicam-se somente a partir do caráter essencialmente doloroso da vida. Portanto, quando se coloca em xeque o envelhecimento/velhice e idoso para o adolescente, podem-se estabelecer meios para que seja despertada a compaixão (ABBAGNANO, 1998). Nesse sentido, a educação para o envelhecimento junto aos adolescentes contribui para o despertar da compaixão, na medida em que os leva a uma melhor compreensão dos estados físico e emocional consequentes do processo de envelhecimento e, com isso, potencialmente uma reconfiguração dos modos de lidar cotidianos dos adolescentes com os idosos.

A enfermagem se preocupa com o cuidado do ser humano em todos os contextos de sua prática profissional, dentre eles a educação. A educação para o cuidado é um tópico de interesse para os enfermeiros, independentemente de sua área de atuação. O ato de ensinar – especialmente, o autocuidado –, é uma das principais atividades da profissão, uma vez que se considera uma profissão dinâmica, sujeita a transformações permanentes e que continuamente incorpora reflexões sobre novos temas, problemas e ações, porque seu princípio ético é o de manter ou restaurar a dignidade do corpo em todos os âmbitos da vida (LIMA, 2004).

O ato de cuidar exige, ainda, mais do que um conhecimento técnico; requer que se busque a essencialidade da técnica para se efetivar no processo de realizar ações de cuidado junto à pessoa. Exige que se entenda o sujeito a partir dele próprio que vive, sofre, produz e se reproduz no seu cotidiano de vida. Esse entendimento é condição necessária para o cuidado, sob o ponto de vista humanístico e integral (FERREIRA, 2006).

A enfermagem é uma prática social (ZOBOLI; SCHVEITZER, 2013); logo, os investimentos em atividades educativas permitem às pessoas adotarem modos de cuidado de si e, consecutivamente, do outro. No que se refere ao envelhecimento saudável, os investimentos na produção de conhecimento e na formação de pessoas são necessários para que desenvolvam habilidades para atuarem nas mudanças de mitos e estereótipos persistentes, visto que o crescimento demográfico se revela a cada dado apresentado. Dessa forma, sabe-se que a partir do conhecimento de dados demográficos e epidemiológicos, o enfermeiro poderá investir em estratégias que viabilizem o melhor

cuidado a esse grupo populacional e, ainda, investirá em atividades educativas que possibilitem despertar a consciência das pessoas sobre o tema.

No âmbito da discussão que está sendo posta nesta pesquisa, a enfermagem teria como meta a educação gerontológica, em que o processo educacional, em face da longevidade, pode ser visto sob o conceito da gerontologia, constituindo-se como a ciência cujo objeto de investigação e ação reside no processo de envelhecimento humano e suas implicações para a vida das pessoas nas mais diversas faixas etárias e em todos os âmbitos sociais os quais estão inseridos.

A educação gerontológica, vista assim na perspectiva da enfermagem, possuiria a tarefa de avaliar o saber das pessoas acerca do envelhecimento e, com isso, elaborar estratégias educativas como forma de agregar conhecimentos e valores de qualidade que compreendem relações permanentes entre eles e o processo de envelhecimento de si e do outro, distribuídas nos diversos grupos sociais, minimizando estereótipos e violência ao idoso (BOTH, 2011).

A natureza da educação gerontológica consiste em olhar a educação sob o recorte da qualidade de vida – e, de modo especial, os períodos da infância-adolescência, meia-idade e velhice merecem um olhar atento para que sejam configurados os estilos de vida carregados de disposições e oportunidades de autorrealização, o que implica em mudanças radicais no processo educacional (BOTH, 2011).

Em vista das discussões supracitadas, o enfermeiro pode ter um caráter inovador neste processo para que se efetive a educação gerontológica nos espaços sociais, com o fim de preparar a formação, fomentar a discussão para que tenha repercussões no processo de conscientização das pessoas sobre as temáticas referentes ao envelhecimento de si e do outro; propiciando o ajuste ou mudança nas representações que os adolescentes têm dos idosos, quer para prepará-los para seu envelhecimento, sensibilizando-os para a temática, quer respeitando a bagagem de conhecimentos, advindos da vivência dos mais velhos.

Portanto, é necessário implementar estratégias de educação participativa, em que os adolescentes possam produzir um repensar das questões afeitas ao envelhecimento, estratégias tais que os levem a refletir sobre a velhice no mundo contemporâneo, uma educação transformadora de pensamentos e ações, de modo que o cuidado em saúde seja implementado não somente quando a velhice está posta, mas sim como fruto de um processo que se constrói ao longo da vida.

As pessoas não têm condições de participar ativamente da vida em sociedade, transformando-a quando assim julgar necessário, se não forem instigadas, se não tiverem as condições necessárias para se dar conta do real e a se portar de forma crítica na tomada de decisão nas condutas adequadas para suprir suas necessidades; dando prosseguimento à sua contínua tarefa de buscar a transformação da realidade a partir da tomada de consciência de um fato.

Nesse sentido, uma educação problematizadora não se furta a aguçar a curiosidade do educando, possibilitando ao mesmo o desvelamento crítico da realidade, motivando-o a participar ativamente na construção do próprio conhecimento (FREIRE, 2010). É impossível uma educação – que não seja mero “adestramento” – sem que o educando seja protagonista, educando-se a si mesmo; conduzindo, de forma particular e intransferível, seu próprio processo de conscientização e libertação (FREIRE, 2010).

Uma consciência crítica pressupõe um método de conhecimento da realidade em que nos encontramos, levando-nos a pensar com mais critérios sobre a realidade que há no entorno. A conscientização é o aprofundamento da consciência crítica, que é ao mesmo tempo ação/reflexão/ação para a superação da realidade hegemônica – sendo, em virtude disso, um apelo à ação (FREIRE, 2006).

Santos, Shimizu e Garrafa (2014) afirmam que o conhecimento, como produção humana, é também histórico, permeado por dúvidas e incertezas; reconhecer o caráter histórico do saber significa tomar consciência de que o mesmo é produção social, movido pelo dinamismo da práxis (ação/reflexão), da curiosidade e da criatividade resultante do processo de conscientização que se dá ao longo da existência humana.

Nesse sentido, tem-se como aliada ao conhecimento de Paulo Freire (2006) a tecnologia de processo, proposta por Teixeira e Ferreira (2009), sustentada no debate teórico da valorização da cultura de saberes dos sujeitos envolvidos no cuidado. A tecnologia de processo de cuidado-educação associa o reconhecimento e o respeito da identidade cultural dos sujeitos, sendo importantes para que se busque o desvelamento da realidade de forma participativa com os sujeitos – e não impositivamente a eles –; assim, participação ativa dos sujeitos em qualquer processo de cuidado-educação só se faz possível quando todos os envolvidos nas ações se sentem com igual direito de expressão.

Agregada a essas discussões, se evidencia a necessidade de o enfermeiro atuar como agente efetivo em estratégias para se trabalhar junto aos adolescentes. Ao se pautar em suas representações, trará à tona o conhecimento socialmente compartilhado, valores,

crenças e práticas (MOSCOVICI, 2012) – especialmente, no caso desta pesquisa, em relação ao envelhecimento e ao idoso.

À luz do exposto, pressupõe-se que conhecer as Representações Sociais (RS) dos adolescentes sobre envelhecimento permite configurar um panorama de saberes que estes têm sobre a temática em questão, bem como essas estratégias sensibilizam o repensar das relações intergeracionais, o envelhecimento de si e do outro.

Entende-se por envelhecimento o processo do desenvolvimento normal, envolvendo alterações neurobiológicas estruturais, funcionais e químicas. Também incidem sobre o organismo fatores ambientais e socioculturais – como qualidade e estilo de vida, dieta, sedentarismo e exercício – intimamente ligados ao envelhecimento sadio ou patológico (SANTOS; ANDRADE; BUENO, 2009).

A definição de idoso no Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, abrange pessoas com 60 anos ou mais e goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003).

Tendo em vista esses fatos, os adolescentes participantes desta investigação serão aqueles que estiverem na escola, ambiente que servirá de contexto situacional para que a pesquisa seja levada a cabo. A escola se torna cenário propício para o desenvolvimento deste projeto, uma vez que nela é possível se ter adolescentes em quantidade e qualidade suficientes para a abordagem da problemática, respostas às questões e atendimento dos objetivos.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

- Quais são as representações sociais de adolescentes escolares sobre envelhecimento?

1.2 OBJETIVOS

- Identificar as representações sociais de adolescentes escolares sobre o envelhecimento, constituição e elementos estruturadores;
- Desvelar as relações de imagens, sentidos e práticas dos adolescentes escolares em face de suas representações sobre o envelhecimento;

- Implementar uma tecnologia de processo de cuidado-educação junto aos adolescentes escolares sobre o envelhecimento;
- Promover reflexões sobre o processo fisiológico do envelhecimento, a cidadania e o cuidado ao idoso junto aos adolescentes.

As estratégias educativas realizadas foram organizadas de acordo com o método adotado nesta pesquisa, comportando técnicas que, no seu conjunto e fundamentada em referencial teórico, tem o potencial de estruturar uma tecnologia de processo de cuidado-educação de modo que possa ser replicada em outros projetos de intervenção, modificando ou organizando processos de trabalhos de enfermeiros que atuem na área de saúde escolar (FARIA, 1992).

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Pesquisa realizada no curso de mestrado¹, à luz do Modelo de Promoção da Saúde proposto por Nola J. Pender, com metodologia da Pesquisa Convergente Assistencial (PCA), evidenciou a necessidade de o enfermeiro fazer pesquisas que propiciem a mudança de comportamento das pessoas em relação ao envelhecimento nas mais diversas faixas etárias, especialmente do adolescente, sensibilizando-o, permitindo a reflexão e conseqüente mudança de paradigmas dos mais jovens em relação ao ser idoso e ao processo de envelhecimento.

Neste ínterim, o enfermeiro teria lugar privilegiado no fomento de discussões sobre o tema, fundamentadas cientificamente, voltadas para adolescentes com o fim de proporcionar a agregação de conhecimentos relacionados ao processo de envelhecimento e velhice. Dessa forma, torna-se relevante a pesquisa para que o enfermeiro tenha sua atuação alicerçada também na educação da população.

Além disso, esta pesquisa também tem por base estudos sobre Representações Sociais sobre a temática em destaque, realizados em parceria com a Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Ceará.

¹ Dissertação de mestrado defendida em 26 de novembro de 2012, cujo título é “Comportamento promotor de saúde de idosos reinseridos em modalidades educacionais”, no Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, UECE.

Os resultados destes estudos apontaram que a elaboração para vivenciar o envelhecimento deve ser iniciada ainda nas séries básicas, não apenas na conscientização de se respeitar o idoso; mas, principalmente, no que é envelhecer, condição a qual todos estão sujeitos. A educação é a chave para a mudança de paradigmas: é uma forma de intervenção no mundo. A educação é possível para o homem porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Além disso, a educação voltada para a gerontologia serve como fator atenuante para reduzir as discordâncias de valores e ideias que causam conflito entre as diferentes gerações (PEREIRA, 2012).

O significado de pessoa idosa para os adolescentes é marcado pela contradição respeito e desrespeito, por elementos positivos, como experiência e sabedoria. Contudo, para eles, a pessoa idosa também representa a necessidade de cuidados, fragilidade, possivelmente decorrente do processo de envelhecer e suas alterações. Ressaltam, ainda, os aspectos físicos como cabelos brancos, rugas e cansaço, palavras também lembradas pelos adolescentes quando pensam na velhice (FREITAS; FERREIRA, 2013).

Com isso, evidencia-se que o pensamento social arraigado pela influência do grupo permite revelar a realidade, com ênfase na observação da necessidade do respeito, apesar do desrespeito na realidade vivida pelo individual e grupal, o que poderá ser modificado com a compreensão do processo de envelhecimento (FREITAS; FERREIRA, 2013).

As Representações Sociais dos adolescentes referem-se à forma como apreendem os fenômenos da vida cotidiana, as informações circulantes nos discursos e os acontecimentos, partilhando o mundo com as ideias de outras pessoas e seus acontecimentos. Essas relações favorecem e guiam o modo de nomear, definir e explicar os diferentes aspectos da realidade diária. Tais acontecimentos se fundamentam nas experiências, informações, saberes que integram a trajetória de vida, porquanto a RS é um conhecimento prático. Forma-se para dar condições aos sujeitos de atuarem e lidarem com os objetos do cotidiano (FREITAS; FERREIRA, 2013).

Nesse sentido, o campo de saber dos adolescentes sobre envelhecimento e velhice é derivado de um constructo cultural e social que interfere diretamente nas ações desse grupo para com os assuntos em voga neste estudo.

Para se ter uma ideia mais abrangente acerca dos estudos que vêm sendo feitos sobre este tema – envelhecimento e adolescente – fez-se uma busca nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Index*

Medicus Eletrônico da *National Library of Medicine* (Medline), em virtude da abrangência nacional e internacional de periódicos científicos contidos nessas bases.

Como estratégias de busca, utilizaram-se os descritores de assunto contidos no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) do Portal BVS (Biblioteca Virtual da Saúde), e do *Medical Subject Heading* - MeSH do PubMed, selecionados a partir dos operadores booleanos (OR/AND). Como descritores cruzou-se adolescente, adolescência, saúde do adolescente com envelhecimento, saúde do idoso, senescência. Pesquisou-se artigos em português, inglês e espanhol, integralmente disponíveis nas referidas bases de dados, resumos e artigos publicados e que tratassem, parcialmente ou totalmente, da temática em estudo.

Captou-se 294 artigos na íntegra que, com a leitura dos textos completos, resultou em 12 artigos para análise, dividindo-se quatro no Brasil, quatro nos Estados Unidos da América, dois na China, um na Turquia e um no Irã. Os autores dos artigos são de diversas profissões: psicólogos, enfermeiros, médico, cientistas sociais e sociólogo.

Tais estudos revelaram que o processo de formação do adolescente é complexo e necessita do apoio de professores aptos a lidar com a temática do envelhecimento e que apliquem estratégias adequadas para que sensibilizem esta população com o fim de melhorar o relacionamento intergeracional, bem como auxiliar na construção do próprio envelhecimento.

Os adolescentes referem-se aos aspectos negativos do envelhecimento como uma ideia de “idoso” vinculando-o à carência e sofrimento (perdas físicas e psicológicas), considerando esta uma fase difícil da vida. Não sabendo como lidar com isso, apenas têm por senso comum uma fase degradante da vida humana. Portanto, isso reforça ainda mais a relevância deste estudo, pois há evidências que refletem a necessidade de preparar os adolescentes para o envelhecimento de si e do outro.

Já os aspectos positivos revelaram o reflexo do convívio dos adolescentes com idosos em ambiente intrafamiliar, em que têm por chefe da família avô ou avós. O convívio com idosos influenciou positivamente a percepção referente ao tema do companheirismo na velhice, trazendo como representações essenciais a sabedoria, experiência e o conhecimento. Revela-se que há uma grande convivência multigeracional nos domicílios, enfatizando ainda mais a urgência de temáticas que estabeleçam o envelhecimento no plano das discussões dos adolescentes.

Os resultados do levantamento da produção sobre o tema mostraram a relevância do estudo; mas, ainda se soma a isso que a Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa

em Saúde traz a perspectiva da necessidade de estudos científicos sobre a organização familiar frente ao envelhecimento e relação intergeracional (BRASIL, 2008).

Não obstante, revela-se que este projeto atende ao Plano Nacional de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PNDPG-Capes), que destaca a necessidade de que haja aproximação da formação em nível *Stricto Sensu* com o ensino básico e médio. Neste ínterim, este projeto, ao se propor investigar o tema junto a adolescentes no contexto da escola aplicando uma metodologia ativa, alinha-se a atual política ditada pela Capes-Ministério da Educação.

O “Programa Observatório da Educação”, doravante denominado pela sigla OBEDUC, cuja base legal é o Decreto nº 5.803, de 08/06/2006, em seu Art. 2º, destaca que “o objetivo do Programa é apoiar a realização de projetos de pesquisa em ensino e educação, vinculados aos Programas de Pós-graduação que oferecem cursos de doutorado e/ou mestrado acadêmico ou mestrado profissional, com o objetivo de fomentar a produção acadêmica e a formação de recursos humanos em educação e áreas afins” (BRASIL, 2006; BRASIL, 2012).

Considera-se a temática relevante, pois inova o saber/fazer do enfermeiro em ambiente diferente do seu cuidar cotidiano, visto que visa implementar estratégias de educação em ambiente escolar sobre o processo de envelhecer junto a adolescentes, para que os mesmos possam ser despertados sobre como melhor lidar com as pessoas idosas no ambiente sociofamiliar e na sociedade como um todo. Tal estratégia se reveste de caráter inovador, pois permite desafiar o enfermeiro a pensar e aplicar novas formas de cuidado a partir da apreensão das RS dos adolescentes sobre a temática proposta.

Conhecer as Representações Sociais de adolescentes sobre o idoso é necessário para que se possa acessar os conteúdos que eles associam ao envelhecimento e as práticas daí advindas. Assim, ao se propor conteúdos sobre a temática a serem debatidos nas escolas, poder-se-á trabalhar não somente informações, mas afetos e atitudes, objetivando que os adolescentes pensem, repensem e mobilizem seus sentidos e sensibilidades para o relacionamento intergeracional.

Nesse contexto, o estudo permitirá firmar a Enfermagem como uma prática social e educacional historicamente construída, permitindo ampliar a visão crítica sobre a organização e implementação do processo educacional, firmando as distâncias entre dois setores responsáveis pela formação cidadã: a academia e a escola. Esta atitude propiciará o alargamento dos horizontes da pesquisa, criando o ambiente propício para fortalecer o conhecimento próprio da profissão, ao passo em que ampliará a possibilidade

de se aprofundar a capacidade organizativa – na medida em que serão estabelecidas pesquisas de cunho participativo junto à população, permitindo a reflexão e sensibilização e o reformular de ideais sobre envelhecimento que mobilizam afetos e realizam julgamentos sobre o ser idoso, tendo um campo fértil para a minimização de problemas relacionados aos conflitos intergeracionais (TREZZA; SANTOS; LEITE, 2008).

Esta tese reconhece e valoriza a importância da pesquisa no campo da educação gerontológica, trazendo implicações pontuais e abrangentes para o trabalho do enfermeiro como educador e gerontólogo, pois desvelar as representações sociais do adolescente sobre o envelhecimento gera subsídios para propostas de materiais didáticos sobre o tema do envelhecimento, a ser aplicado na formação de nível médio e de outros níveis de ensino.

Portanto, reafirma-se o compromisso com a construção de um conhecimento para inovação das práticas assistenciais no campo estudado. Nesse caso, o enfermeiro-pesquisador-educador tem como prática assistencial a realização de estratégias que objetivem refletir e despertar o interesse dos adolescentes escolares, a partir de sua imersão no campo a ser estudado; e, assim, instigar discussões entre os adolescentes sobre temas relevantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria das Representações Sociais (TRS), fundada no campo da psicossociologia, é um referencial que possibilita desvelar o saber de senso comum, entendendo-o como um conjunto de elementos que, articulados, explicam atitudes e práticas de grupos sociais. Para aplica-la, o objeto precisa ter o que comumente se denomina de espessura social; isto é, relevância para determinado(s) grupo(s), que são os produtores de representações. Por isso, a representação é sempre de alguma coisa por alguém (MOSCOVICI, 2012).

Por representação social, Moscovici (2012) entende como sendo a organização do conhecimento dos homens que dá forma a realidade física e social, por meio das ligações cotidianas entre as pessoas e o contexto cultural que as cerca, liberando os poderes da imaginação para tornar inteligível essa estruturação do mundo real.

Tanto as características do objeto quanto do sujeito incidem na formação da representação social; logo, em uma pesquisa que aplica a TRS, o objeto a ser investigado precisa ser construído no campo de conhecimento psicossociológico, considerando o contexto no qual será pensado pelos grupos sociais. Estas condições teóricas trazem implicações metodológicas na construção dos instrumentos de produção de dados, na escolha dos participantes e do campo. Isto porque as representações sociais se formam nas teias da comunicação, nas suas diversas modalidades, relacionando-se o caráter social da representação à inserção social dos indivíduos envolvidos (COUTINHO, NÓBREGA, CATÃO, 2003; JODELET, 2001).

No caso desta pesquisa-tese, a complexidade do objeto – o envelhecimento nas representações sociais de adolescentes – mobiliza informações, sentimentos, emoções, afetos e julgamentos. Desvelar tais representações sociais oportuniza a compreensão de comportamentos e atitudes de adolescentes para com os idosos. Nesse tipo de investigação, busca-se os saberes e as práticas, as explicações, as crenças, os julgamentos e valores a respeito do objeto representado, que justificam as formas de lidar cotidianas.

O indivíduo vivencia transformações e continuidades ao longo de sua vida. Tais mudanças são articuladas entre si, não somente em um dado momento da vida, mas também em meio às transformações que ocorrem no entorno e contorno no qual ele está inserido. As interações sociais levam a pessoa ao constante organizar-se e reorganizar-se, de modo a reestruturar suas relações com o mundo, o que abre novas possibilidades para o curso do seu desenvolvimento.

As representações sociais promovem grande contribuição na compreensão da relação dos sujeitos (indivíduo e/ou grupo) com o mundo através do meio ambiente; além de favorecer a disseminação do conhecimento, a definição de identidades pessoais e sociais, a caracterização de grupos e, por fim, as transformações sociais, utilizando como canal, nessa intermediação, a linguagem e a comunicação (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 1978).

A relação dos fenômenos cognitivos com a pertença social das pessoas está diretamente relacionada com as implicações afetivas, normativas, com suas experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, que assim podem ser transmitidos pela comunicação social (JODELET, 2001). É com base nessa perspectiva que Moscovici sustenta sua teoria, articulando o funcionamento cognitivo com o funcionamento do sistema social – resultando, portanto, na pluralidade de abordagens e na diversidade de significações.

A apreensão das representações será possível com a utilização de métodos particulares, capazes de captar o pensamento, enraizado no inconsciente e no processo primário. Para Coutinho *et. al.* (2003), essas técnicas fornecem representações daquilo que, no indivíduo e para o outro, é desconhecido por outros meios.

A estruturação e o funcionamento de uma representação explicam a gênese desse processo formativo, tendo na objetivação e na ancoragem elementos que garantem a articulação entre a atividade cognitiva e os aspectos sociais que sustentam as representações sociais. A representação tem o propósito de transformar o não-familiar em familiar, ou seja: a novidade em algo conhecido. Objetiva-se quando se materializa a ideia, a torna visível e palpável, por assim dizer: reproduz-se um conceito em uma imagem.

Moscovici (2012) propõe que a concretização de uma abstração é uma das características mais enigmáticas do pensamento e da fala. Autoridades políticas e intelectuais a exploram com a finalidade de subjugar as massas. Este processo é decomposto em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização.

Na fase de construção seletiva, há um processo seletivo e uma descontextualização de algumas informações, crenças e ideias acerca do objeto da representação; isso ocorre em decorrência de aspectos culturais e de critérios normativos – indicativos de quais elementos concordam com o sistema de valores sociais vigentes.

Os elementos que são conflitantes com os valores são simplesmente excluídos (CAMPOS, 2002).

A etapa da esquematização permite o agrupamento dos elementos selecionados e contextualizados, formando um núcleo figurativo onde a imagem reproduzirá a estrutura conceitual. Esse núcleo, denominado estruturante, com função geradora e organizadora, atribui sentido e determina os elos de unificação entre os outros elementos (periféricos) que se entrelaçam na formação do tecido representacional (CAMPOS, 2002).

Acerca dessa discussão, Nóbrega (2001, p. 74) esclarece que “além de organizador, o núcleo tem a propriedade de assegurar a estabilidade da estrutura imageante. O elemento do núcleo central é determinado pela finalidade e condições onde se produz a representação”.

Por fim, é na etapa da naturalização que os conceitos abstratos são concretizados, e, então, o modelo figurativo eleva-se à condição de evidência e é dotado de realidade (NÓBREGA, 2001).

Analisando o processo de objetivação, no contexto da TRS, este não ocorre somente na transformação das teorias científicas para o senso comum. A objetivação constitui uma característica de todo o pensamento social (VALA, 2000).

O outro elemento do processo formador da RS é a ancoragem, garantindo que as representações e seu objeto serão incorporados ao social, situando suas significações frente aos valores sociais e dando-lhes coerência. Ela serve para a instrumentalização do saber.

Destarte, o processo de ancoragem refere-se à assimilação de um objeto novo ou desconhecido por objetos já presentes no sistema cognitivo. Segundo Moscovici (2012, p.61) “esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”, considerando, ainda, o que o autor ilustrou para exemplificar, “ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social”.

Em síntese, a ancoragem é a atribuição de significado e funcionalidade para as representações e, conseqüentemente, seus objetos, aproximando o que é inicialmente desconhecido a um conhecimento preexistente por meio de um processo de integração cognitiva. Já a objetivação permite uma constituição formal de um conhecimento.

Assim, esses processos permitem ao pesquisador aproximar-se das representações, bem como de seus agentes formativos e funcionais, independente de qual estágio de complexidade se encontre, considerando os fatores sociais que tornam o pensamento delimitado.

De acordo com Jodelet (2001), o estudo de representações sociais deve responder a três questões básicas: 1) Quem sabe e de onde sabe? Nesta pesquisa o sujeito do conhecimento é o adolescente situado no contexto escolar de uma grande capital da região Nordeste, residentes no meio urbano; logo, os dados a serem gerados serão analisados considerando estas condições de produção e de circulação das representações sociais; 2) O quê e como se sabe? Esta questão visa tratar dos processos e estados das representações; logo, o conteúdo, as informações, as fontes e os processos de construção da representação do envelhecimento são focos para se responder a esta questão; e, por último, 3) Sobre o que se sabe e com que efeito? Esta questão está relacionada particularmente ao estatuto epistemológico das representações sociais, as relações que estas mantêm com o conhecimento científico e com a própria realidade que lhes dá origem, fazendo com que seja compreensível as ações dos sujeitos frente ao objeto, que no caso, trata do envelhecimento e das formas como os adolescentes lidam com o idoso.

Portanto, para atender à teoria, a metodologia desta pesquisa foi delineada considerando as exigências de contexto, do objeto, dos sujeitos e do campo, considerando as características que cada um possui e que contribuem para formar o campo das representações sociais do idoso na contemporaneidade.

3 METODOLOGIA

3.1 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1.1 Natureza do estudo

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e analítico, que faz emergir aspectos novos, tem a capacidade de investir profundamente na análise dos significados e, além de estar na perspectiva do sujeito, traz à tona o universo de significados, crenças, hábitos, costumes, relacionamentos, enfim, enfoca um nível de realidade em que a abordagem qualitativa é o modelo de escolha.

3.1.2 Campo da pesquisa e participantes

A cidade de Fortaleza se organiza em Secretarias Executivas Regionais (SER) que congregam os diversos bairros da capital. No total, tem-se seis Regionais, além da Regional Centro. Para a realização desta pesquisa, elegeu-se por conveniência a Regional III, que congrega bairros da periferia da cidade, em vista de nesta localizar-se o bairro de moradia da pesquisadora, sendo este um facilitador para a fase de operacionalização do estudo.

Eleita a Regional, a pesquisadora visitou a Sede das SERs e solicitou a listagem de Escolas Públicas de Ensino Médio localizada nesta regional. De posse desta, realizou-se um sorteio para que se obtivesse o campo da pesquisa; e, assim, chegou-se na Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Joaquim Nogueira (escola de ensino técnico profissionalizante). Esta escola congrega alunos de diferentes bairros da capital e da cidade de Caucaia, situada na região metropolitana, com diferentes condições socioeconômicas e culturais, o que permitiu maior diversidade nas informações, observando o rigor metodológico.

A referida escola localiza-se no bairro Parquelândia e integra uma rede de instituições estaduais que tem a educação profissional como complementação da formação regular em regime integral de ensino: pela manhã são realizadas as disciplinas comuns a educação regular, e no período da tarde são os conteúdos direcionados ao ensino técnico. São ofertados os cursos técnicos em: enfermagem, hospedagem e hotelaria, libras e informática. Para ingressar nessa escola é realizado, antes do período letivo anual, um teste de seleção que aborda conteúdos programáticos das séries fundamentais.

A escola conta com um corpo de professores especialistas na área de ensino em que são incumbidos de lecionar. Tem em sua estrutura biblioteca, refeitório, laboratórios

de ensino referentes a cada curso técnico e laboratório de informática de uso comum para realização de trabalhos. O total de alunos matriculados na escola é de 498; sendo destes, 20 desistentes, totalizando 478 alunos.

O Projeto Pedagógico da escola é elaborado com a participação da comunidade escolar, e a integração escola-comunidade é feita por meio de reuniões, da divulgação de projetos e parcerias. Os recursos financeiros são administrados pelo coordenador financeiro e pelo diretor com a participação do Conselho Escolar, bem como também é levado em conta o direcionamento de cada curso técnico oferecido na escola.

Como critérios de inclusão aplicaram-se os seguintes: estudantes regularmente matriculados na Escola; de ambos os sexos; na faixa etária da adolescência; com cognição preservada, segundo informações da coordenação pedagógica da Escola. Os critérios e exclusão foram: estudantes ausentes no período de produção de dados, por qualquer motivo. Todas as atividades relacionadas à pesquisa foram realizadas em horário de aula com a devida autorização da Direção da Escola e disponibilidade de professores e alunos.

3.1.3 Método, técnicas de produção de dados e amostragem

É válido o uso de diversos métodos e técnicas para a obtenção e análise de informações. A literatura evidencia, de acordo com Trentini e Paim (2004), uma multiplicidade de métodos e técnicas para obtenção de informações para o foco da pesquisa.

3.1.3.1 Observação Participante

A TRS sugere que haja uma inserção do pesquisador no cenário a ser estudado; portanto, realizou-se a observação participante para conhecer o ambiente de convívio dos participantes da pesquisa, bem como se inserir no local de estudo com o fim de observar as relações estabelecidas entre os adolescentes, como também familiarizar-se com o linguajar próprio desta fase da vida. A observação ocorreu de forma assistemática, nos meses de agosto a outubro de 2014, e somente a partir de então iniciou-se a coleta de dados, que ocorreu no período de novembro de 2014 a junho de 2015.

Em se tratando de adolescentes, a comunicação verbal tem especial importância no estabelecimento das relações sociais e nos papéis desempenhados perante os grupos pelos quais transitam. Além de garantir a comunicação entre seus membros, o linguajar utilizado ajuda na preservação da identidade do grupo e confere ao indivíduo um

sentimento de pertença. Essa função da comunicação verbal é especialmente relevante entre adolescentes. Para eles, o uso de gírias, expressões e jargões tem ainda a função de limitar a compreensão das mensagens, mantendo-as restritas ao grupo, num movimento de defesa e autopreservação (RIBEIRO, 2003).

A expressão verbal e a não-verbal, como se relacionam, são simbólicas no que diz respeito a serem aceitos e se identificarem em um grupo social, além de desfavorecer a entrada de pessoas que não têm características em comum ao grupo.

Observou-se e registrou-se cotidiano dos adolescentes no local de estudo para melhor aceitação da pesquisadora no campo e obter respostas mais condizentes ao contexto sociocultural dos adolescentes, ao traduzir e conhecer com mais propriedade o vocabulário próprio desta faixa etária.

A inserção da pesquisadora ocorreu em momentos de coletividade da escola, como a feira de ciências, a semana cultural e as rodas de conversa sobre drogas. Estes eventos foram promovidos pelo corpo docente da instituição e adotou-se o diário de campo para o registro de atividades.

O diário de campo foi importante para a pesquisadora se apropriar e conhecer os modos de relacionamento, comunicação e trocas de ideias, além de saber do significado das palavras do vocabulário dos adolescentes com o intuito de estabelecer uma linha de conversa mais horizontal, igualando o pesquisador ao coloquial diálogo dos adolescentes envolvidos no estudo. Por meio destes registros, foi possível compilar uma lista de gírias faladas durante o período da observação participante. O significado de cada uma delas foi respondido pelos próprios adolescentes no momento em que foram identificadas.

Quadro 1: Gírias e significados vocalizados por adolescentes escolares.

Gíria	Significado
Dona	Refere-se às meninas adolescentes.
É sal	Utilizado quando quer se enfatizar que algo ou alguém é bom. Utilizado no masculino.
É nós	Maneira de se afirmarem enquanto iguais.
Fluxo	Grupo de pertença em que os amigos têm características semelhantes.
Ostentação	Demonstrar riqueza e/ou luxo.
Partiu	Concordância ou indicação de saída do atual lugar ou para um lugar acordado.
Ri alto	Expressão utilizada quando o conteúdo falado foi muito engraçado.
Rocheda	Firmeza. Utilizado quando alguma coisa ou alguém é muito boa/bom.
Sensualizar	Alguém fazer uma expressão sensual
Só que não	Usado para desmentir uma frase dita por si ou por outras pessoas.
Suave	Tranquilo. Geralmente é utilizado quando se pergunta se está tudo bem.
Vetinho	Abreviatura de pivete. Utilizado para se referir aos demais adolescentes do sexo masculino.

Fonte: a autora (2015)

O conhecimento dessas gírias tornou-se crucial ao estudo pois, da mesma forma que o conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos construídos são fatos interpretados no dia a dia. Desse modo, a existência cotidiana é dotada de significados e é portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social (JODELET, 2001).

A apropriação dessas gírias por parte da pesquisadora foi uma estratégia de estabelecer uma relação igualitária entre os adolescentes e pesquisador, para que assim se pudesse extrair com profundidade os dados referentes à construção da RS desses adolescentes sobre envelhecimento.

3.1.3.2 Produção de dados

3.1.3.2.1 Primeira Fase

Primeiramente, foi estabelecida a caracterização sociodemográfica dos adolescentes (APENDICE A), concomitantemente foi feito o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) (APÊNDICE B) com a palavra indutora: envelhecimento. Essa etapa foi realizada em novembro de 2014.

TALP é uma técnica interrogativa, de aplicação rápida e de fácil compreensão que permite colher elementos por meio de expressões verbais espontâneas menos controladas e mais autênticas, que seriam perdidas ou mascaradas nas produções discursivas (COUTINHO *et. al.*, 2003).

Sua aplicabilidade é simples: basta escrever, ou colocar explícito em formulário, uma palavra ou mais – designadas de indutoras. A partir dessa palavra indutora, o sujeito deve verbalizar o mais rápido possível as primeiras palavras que lhe vêm à mente (NÓBREGA; COUTINHO, 2003).

Portanto, ao utilizar esta técnica de produção de dados, buscou-se captar com mais representatividade o núcleo central das RS para que fosse possível organizar e direcionar os conteúdos que pudessem ser abordados nos grupos de discussão.

Participaram todos os alunos aptos de acordo com critérios de inclusão na amostra e que estavam em sala de aula no dia da coleta de dados. Assim, teve-se a participação de 385 alunos.

3.1.3.2.2 Segunda fase

Foram realizados grupos de discussão, ocasiões nas quais foram colocadas em prática algumas estratégias utilizando tecnologias de cuidado-educação fundamentadas nos achados do TALP. Houve realização de grupos de acordo com as palavras essenciais produzidas pelos adolescentes.

A intervenção, de acordo com Jodelet (2001), se baseia em pesquisa, visando determinar todos os elementos de um campo no qual se revela a atividade de um sujeito individual ou coletivo, com o fim tanto de permitir a representação como também ter um propósito contestador, reformista ou adaptador da realidade que é alvo do estudo de RS.

O processo de apreender as RS dos adolescentes antes de propor uma estratégia interventiva, de acordo com Jodelet (2001), pode servir como processo de reflexão social, além de permitir dinâmica entre a captação das RS – e, através disso, envolver os sujeitos

no desenvolvimento de atividades que tenham como foco os dados objetivos e excluindo o abandono intelectual que a população alvo dos estudos de RS viviam. Assim, apresentando os resultados em forma de tecnologias de cuidado-educação, como é proposto neste estudo.

Nesse sentido, ao se captar as RS dos adolescentes e se realizar algumas atividades voltadas ao campo de conhecimento expostos pelos mesmos, proporciona-se um repensar sobre o tema – além de permitir que os adolescentes se sintam protagonistas do processo de sensibilização sobre envelhecimento, idoso e velhice.

Nesse sentido, foram selecionadas por sorteio duas turmas da escola: o segundo ano do curso de Hospedagem (30 alunos) e o segundo ano do curso de Libras (28 alunos). Os encontros foram programados com a devida permissão da diretoria e/ou coordenadores da escola. Dessa forma, aconteceram sempre no período da manhã e cada turma teve ao todo quatro encontros, distribuídos entre os meses de novembro de 2014 a junho de 2015.

No trabalho em grupo é possível identificar características gerais como senso de coesão, de comunicação, de interação, de coletividade e de planejamento, de propósitos e metas comuns, onde cada participante possa se conhecer e se ajustar em relações sociais (TRENTINI, GONÇALVES, 2000).

Isso pode ser explicado pelo fato de que a estratégia de discussão em grupo favorece a conversação, que é um processo ativo que se desenvolve entre sujeitos, uma aproximação com o outro em sua condição de sujeito, levando todos à expressão livre e aberta dos pensamentos. A conversação enquanto instrumento define o caráter processual da relação com o outro (REY, 2005).

O sujeito se constrói e se reconstrói no processo mesmo da conversação, é levado a refletir sobre as suas próprias ideias, significados e representações, construir e reconstruir saberes e práticas e, assim, guiar as suas ações no mundo, tomando decisões sobre o que, como e porque agir de uma determinada maneira e não de outra (FERREIRA, 2006).

Neste modelo de pesquisa, a enfermeira converge a pesquisa com a intervenção: ao mesmo tempo em que investiga um tema, implementa ações intervenientes de educação junto aos sujeitos que integram o grupo (FERREIRA, 2006).

Nesse contexto, o enfermeiro necessita buscar várias estratégias e campos de inserção para sua atuação, e essas modalidades educacionais constituem um local propício para o desenvolvimento de atividades que visem repensar a temática em questão;

porém, ainda constitui um desafio devido à participação pouco efetiva de enfermeiros nessa área, por ser uma área de atuação pouco explorada.

Tendo em vista o exposto, os temas propostos para as turmas foram diversos, porém foram explorados da mesma forma e abordaram os mesmos conteúdos e objetivos, sendo construídos após a interpretação dos resultados do TALP.

O registro de informações de todos os momentos ocorreu por gravação de audiovisual, por meio de fotos e gravação de áudio, bem como anotações em um diário de campo. Tais registros se justificam porque foram aplicadas técnicas projetivas por meio de grupos de discussões e oficinas; logo, as gravações de áudio subsidiam a interpretação e análise dos dados, em triangulação com a análise dos depoimentos dos grupos em estudo (TRENTINI; PAIM, 2004). A seguir, o planejamento das atividades realizadas nesta fase.

Primeiro momento: construção de painéis utilizando a foto linguagem, por meio de fotos de revistas e jornais

- Duração: 50 minutos.
- **Participantes:** 58 alunos
- **Objetivos:** permitir a construção livre, utilizando a fotolinguagem, que abordem o tema do envelhecimento e idoso; sensibilizar os adolescentes sobre a temática do envelhecimento, velhice e idoso; promover discussão sobre o tema exposto.
- **Materiais:** cola branca, tesouras sem ponta, revistas e jornais, papel, madeira, pincéis atômicos e canetas hidrocor.
- **Desenvolvimento:** os alunos foram divididos em cinco grupos. Após a separação dos grupos e distribuição dos materiais, foi dado como estímulos as palavras envelhecimento, velhice e idoso para que eles pudessem produzir os murais sobre a temática. Após a conclusão dessa atividade, foi proposto aos alunos a apresentação do material construído e discutir com os demais os assuntos abordados nos painéis.

Segundo momento: Jogo do envelhecimento

O Jogo do Envelhecimento (*The Aging Game*) foi inicialmente desenvolvido na Universidade de Duke. Posteriormente, na década de 1990, foi adaptado por pesquisadores da Universidade de Minnesota. Este jogo foi desenvolvido tendo como

público-alvo os estudantes de medicina, a fim de dar-lhes a possibilidade de experimentar perdas que frequentemente ocorrem com o envelhecimento, possibilitando assim, o desenvolvimento de empatia pelos idosos (VARKEY, CHUTKA, LESNICK; 2006).

Considera-se importante a escolha desta estratégia educativa, pois se acredita que o jogo estimule o aprendizado e contribua para reflexão acerca de novas formas de cuidado, favorecendo a implementação de melhorias na qualidade de vida de idosos.

- **Duração da atividade:** 50 minutos
- **Participantes:** 55 alunos
- **Objetivos:** permitir vivenciar algumas alterações do processo de envelhecimento; sensibilizar o adolescente para as cenas cotidianas as quais estão inseridos os idosos; promover a discussão sobre a temática exposta;
- **Materiais:** caracterização do idoso: algodão e luvas de procedimento (para dificultar a sensibilidade tátil das mãos e chumaços de algodão nos ouvidos para diminuição da acuidade auditiva); propés e grãos de feijão (simular dores nos membros inferiores); óculos embaçados (simular alterações visuais); cardápio; dinheiro fictício; pipoca; pratos e garfos descartáveis.
- **Desenvolvimento:** Foi realizada a simulação de um restaurante em que participaram cinco alunos, escolhidos por sorteio. Dessa forma, três alunos se caracterizaram de idoso. Neste ambiente, o papel de garçom foi desempenhado por um idoso e um adolescente. O cliente idoso escolheu pratos, conforme o cardápio disponibilizado pelo idoso garçom. O cardápio foi escrito com letras muito pequenas, a fim de dificultar a leitura dos clientes idosos, que em geral têm grandes dificuldades para leitura e, conseqüentemente, compreensão, solicitando várias vezes a ajuda do garçom que também tem suas dificuldades. Após a alimentação, os personagens pagaram as contas com o dinheiro fornecido, e no caixa apresentaram dificuldades na fila de pagamento pela pouca destreza para abrir a bolsa, retirar o dinheiro e ouvir o valor da conta. Após a conclusão deste momento, os participantes foram convidados a retirar os equipamentos, formando uma grande roda de conversa, cuja finalidade foi avaliar a dinâmica com as perguntas norteadoras: "O que é envelhecimento?" "O que é ser idoso?"

Terceiro momento: gincana sobre o estatuto do idoso

- **Duração:** 50 minutos
- **Participantes:** 57 alunos
- **Objetivos:** apresentar o estatuto do idoso aos adolescentes; promover a discussão sobre os direitos e deveres do idoso que constam no estatuto; sensibilizar sobre os papéis que o idoso assume na sociedade.
- **Materiais:** cópias do estatuto do idoso para as equipes; pincel para quadro branco e apagador.
- **Desenvolvimento:** a turma foi dividida em subgrupos que receberam cópias do Estatuto do Idoso. Uma gincana foi proposta, em que os adolescentes teriam 20 minutos para ler e discutirem entre si sobre o estatuto e, após esse tempo, eles teriam que responder alguns questionamentos sobre o tema. As perguntas realizadas foram: 1) O Estatuto do Idoso assegura direitos às pessoas com qual idade? 2) Quais são os aspectos do direito à liberdade? 3) A quem se deve comunicar os casos de violência contra o idoso? 4) O poder público apoia ou não a criação de universidades voltadas aos idosos? 5) O estatuto assegura o trabalho ao idoso? 6) Com qual idade fica assegurada a gratuidade nos transportes públicos? 7) Qual a pena para quem discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade? Os questionamentos viabilizaram a realização de uma roda de conversa, na qual se debateu sobre o estatuto, fomentando ainda as discussões e permitindo maior fluxo de ideias entre os alunos. Gravou-se o áudio desse momento.

Quarto momento: avaliação

- **Duração:** 50 minutos
- **Participantes:** 58 alunos
- **Objetivos:** compreender como se deram as tecnologias de cuidado-educação para os adolescentes; avaliar os momentos;
- **Materiais:** Pincel para quadro branco e apagador.
- **Desenvolvimento:** Foram colocados no quadro branco alguns questionamentos sobre os momentos expostos: 1) O que mais chamou a sua atenção nos encontros

que tivemos? 2) O que aprendemos? 3) O que significou esses momentos? 4) Sugestões para os próximos momentos. A turma foi subdivida em grupos menores e conversaram entre si durante 20 minutos para que pudessem compartilhar as experiências sobre os momentos que vivenciaram. Após esse tempo, foi realizada uma roda de conversa sobre os pontos abordados na atividade.

Dessa forma, ao se utilizar múltiplas estratégias para obtenção de dados, tem-se maior fidedignidade – pois cada método e técnica complementam-se, tornando o estudo mais consistente.

3.1.4 Análise e interpretação

No primeiro momento, para a coleta dos dados sociodemográficos, foi aplicado um formulário que foi submetido ao programa Microsoft Excel 2010® (APENDICE A). A produção dos dados foi feita pelo TALP, em que foi levada em consideração a seguinte palavra indutora: envelhecimento. No caso deste estudo foi solicitada a evocação de cinco palavras (APENDICE B).

Os dados referentes ao TALP foram organizados e processados pelo software EVOC, elaborado por Pierre Vergès (2002), e com base nesse processamento chega-se ao provável núcleo central e sistema periférico que organiza o pensamento dos sujeitos sobre o tema pesquisado. O software EVOC permite a realização de cálculos estatísticos, construindo matrizes de coocorrências, as quais servem de base para a construção do quadro de quatro casas.

O EVOC é composto por 16 programas, os quais executam funções diferenciadas. Para este estudo foram utilizados cinco dos programas que compõem o software. O primeiro é o *Lexique*, cuja função é isolar as unidades lexicais do arquivo utilizado. O segundo, *Trievoc*, realiza uma triagem das evocações, organizando-as por ordem alfabética. O *Nettoie* realiza uma limpeza do arquivo, eliminando possíveis erros de digitação, unidades lexicais e ortografia. Em seguida, o *Rangmot* disponibiliza uma lista de todas as palavras evocadas em ordem alfabética, indicando quantas vezes elas foram evocadas e a ordem de sua evocação. Ainda, o *Rangmot* fornece a frequência total de cada palavra; a média ponderada de acordo com a Ordem Média de Evocação (OME) de cada palavra; frequência total e média geral das ordens de evocação. A ordem média

é considerada como um índice de saliência: a evocação mais rápida significa que a palavra está mais acessível na memória de trabalho do último procedimento do EVOG, que foi o programa *Rangfrq*, também chamado de *Tabrgfrq*, que organiza num quadro de quatro casas os elementos que compõem o núcleo central e a periferia de uma representação.

Conforme Vergés (2002), os quatro quadrantes podem ser assim interpretados: no primeiro situam-se os elementos mais relevantes e, por isso, possíveis de constituírem o núcleo central de uma representação. Estes elementos são os mais prontamente evocados e citados com frequência elevada pelos sujeitos. O segundo e o terceiro quadrantes correspondem aos elementos menos salientes na estrutura da representação, contudo eles são significativos em sua organização. No segundo quadrante estão os elementos que obtiveram uma frequência alta, mas que foram citados em últimas posições; no terceiro quadrante encontram-se os elementos que foram citados numa frequência baixa, porém foram evocados primeiramente. No quarto quadrante estão os elementos que correspondem à periferia distante ou segunda periferia. Nele estão os elementos menos citados e menos evocados em primeira mão pelos sujeitos.

Nesse contexto, associa-se a análise dos dados do perfil sociodemográfico ao resultado dos TALPs de cada momento, para que se possa ter uma análise de forma mais condensada com o fim de ter apurado rigor científico.

Portanto, o TALP configura-se como um instrumento que permite a atualização de elementos implícitos e latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas. O teste foi aplicado com os adolescentes para apreender a estrutura das RS que estes têm do idoso. Desta forma, identificam-se as palavras mais frequentes, e escritas nas primeiras posições.

As palavras essenciais, oriundas da palavra indutora, serviram como fundamento para o distanciamento, pois os adolescentes precisam ser os sujeitos ativos do seu processo de aprendizagem, em que os temas abordados devem emergir das necessidades de cada um deles formando um movimento de agregação de valores e conhecimentos mais eficazes sobre o tema.

A imersão no material discursivo produzido nos grupos foi efetuada através de um tipo particular de análise de conteúdo, a lexical, por meio do software Alceste. Nesta pesquisa, a análise foi desenvolvida por meio da técnica de classificação hierárquica descendente (*Analyse lexicale par contexte d'un ensemble de segments de texte*) versão 2010, que permite realizar a análise de dados textuais ou as análises de estatística e matemática verificando a principal informação presente no texto. Utiliza-se da coleta de

dados em linguagem escrita ou verbal e posteriormente transcrita para processamento lexicográfico (CAMARGO, 2005).

Segundo Camargo (2005), o Alceste é um instrumento confiável que permite medir e avaliar objetos com base nas opiniões de participantes dessa avaliação. A análise de um conjunto de segmento de texto está baseada na identificação das palavras (o léxico) mais significativas. Isso permite a análise de grandes volumes de dados textuais de forma automática. Este programa foi desenvolvido na França por Max Reinert, em 1979, e introduzido no Brasil, por Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo em 1999. Sua aplicabilidade tem permitido o desenvolvimento de diversas pesquisas no Brasil e na Europa (OLIVEIRA; GOMES; MARQUES, 2005).

Neste estudo, o programa foi utilizado para analisar os dados produzidos pelos grupos nos quatro momentos realizados. Este tipo de análise permite uma aglutinação de contextos que favorecem a determinação de um campo comum de representações compartilhadas entre os participantes, organizando e formatando o pensamento social e o pensamento coletivo.

Assim, para processar o programa computacional, foi preciso elaborar um banco de dados que aglutinasse todo o conteúdo do material coletado, seguido da codificação das variáveis-atributos determinadas pelo pesquisador, em linha de comando, atendendo os objetivos investigados (SARAIVA; COUTINHO; MIRANDA, 2011). As transcrições das discussões dos grupos foram inseridas em um único arquivo-texto (*corpus* de análise), digitado no programa Word, com espaço simples, fonte Courier, tamanho 10.

Os *corpus* analisados foram compostos pelos momentos de discussão de acordo com a temática proposta para cada momento. Cada momento gerou uma unidade de contexto inicial (UCI), que foi inserida em um único arquivo a ser processado, separada por uma linha de comando que identificou cada momento.

Quadro 2: Variáveis utilizadas na linha de comando do corpus, seus códigos e classificação

Variáveis	Código	Classificação
Momento 1	m_01	Primeiro Momento: Construção de painéis utilizando a foto linguagem de revistas e jornais
Momento 2	m_02	Segundo Momento: Jogo do envelhecimento
Momento 3	m_03	Terceiro Momento: Gincana sobre o estatuto do idoso
Momento 4	m_04	Quarto Momento: Avaliação

Fonte: a autora (2016)

3.2 QUESTÕES ÉTICAS

Foram obedecidos os preceitos éticos referentes à Resolução 466/12 que trata de pesquisa com seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery e Instituto de Saúde São Francisco de Assis, onde foi aprovado em 04 de novembro de 2014 sob número de processo 856.631 (ANEXO A)

Foi solicitada a autorização da instituição para a realização da pesquisa (APÊNDICE C). Os pais/responsáveis dos adolescentes receberam individualmente e assinaram o TCLE (APÊNDICE D) com as devidas informações sobre a pesquisa, e seus filhos só participaram da pesquisa com o consentimento deles e, também, foi solicitado o assentimento informado dos participantes (APÊNDICE E). Ambos os documentos foram entregues em duas vias, ficando uma cópia com adolescente e responsável e a outra com a pesquisadora. Todos os participantes do estudo e pais/responsáveis foram orientados sobre a possibilidade de desistência de participar em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou acadêmico.

Esclareceu-se que os riscos em potencial eram de ordem social e psicológica e, caso ocorressem, os participantes teriam assistência específica de acordo com cada caso, pela própria equipe da pesquisa composta de enfermeiros, podendo solicitá-la a qualquer momento durante e após a pesquisa.

4 ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Conhecer o perfil dos adolescentes e como eles se inserem no contexto social é relevante para os estudos em RS pois, dessa forma, tem-se maiores subsídios para investigar a construção dos conceitos e definições atribuídos ao envelhecimento advindo da experiência do senso comum.

Para compreender a realidade social na qual os adolescentes estão inseridos, traçou-se um perfil socioeconômico capaz de substanciar as discussões em torno de suas Representações Sociais sobre o envelhecimento. Para melhor compreender a população investigada, foram construídos três quadros representando as séries escolares, além de um quarto com o total estudado.

A escola tem ao todo 498 alunos, porém 20 desistiram das atividades escolares e três são indivíduos com necessidades especiais de ordem cognitiva que não atenderam nos critérios de seleção da amostra (dois tem paralisia cerebral e um tem Síndrome de Asperger). Por isso a amostra do estudo para a realização do TALP foi de 385 adolescentes.

A renda familiar dos alunos é, em média, R\$ 840,00. A distribuição dos adolescentes quanto à localização geográfica teve participação de todas as regionais de Fortaleza e a cidade de Caucaia, situada na região metropolitana.

No quadro 3 observa-se que houve predomínio do sexo feminino, com 248 participantes (64,42%), e homogeneidade entre os participantes no que se refere ao ano escolar do ensino médio. A religião predominante foi a católica com 209 (54,29%). O convívio intradomiciliar com idosos também predominou, pois 301 (78,18%) afirmaram terem idosos no domicílio. Majoritariamente, os adolescentes revelaram que não participaram de estratégias educativas sobre a temática do envelhecimento: 342 (88,83%), não.

Quadro 3: apresentação das variáveis analisadas no questionário sociodemográfico

TOTAL TODAS AS TURMAS	PRIMEIRO ANO	SEGUNDO ANO	TERCEIRO ANO	N	%
SEXO					
Feminino	103	79	66	248	64,42
Masculino	38	48	51	137	35,58
ANO					
Primeiro	141	-	-	141	36,62
Segundo	-	127	-	127	32,99
Terceiro	-	-	117	117	30,39
RELIGIÃO					
Católica	89	68	52	209	54,29
Protestante	24	35	28	87	22,60
Espírita	1	0	3	4	1,04
Outras	27	24	34	85	22,08
CONVÍVIO INTRADOMICILIAR COM IDOSO					
Sim	125	84	92	301	78,18
Não	16	43	25	84	21,82
EXPLICAÇÃO SOBRE ENVELHECIMENTO					
Sim	17	12	14	43	11,17
Não	124	115	103	342	88,83

Fonte: a autora (2016)

4.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO

Os adolescentes responderam a um instrumento do qual constava a técnica de evocações livres de palavras, com o intuito de se acessar a organização e a estrutura

interna da representação social elaborada por eles. Com base nessa técnica, os adolescentes evocaram cinco palavras relacionadas ao termo indutor: "envelhecimento".

O *corpus* para análise dos dados oriundos do TALP foi formado por 1591 palavras sendo 332 diferentes entre si. A Ordem Média de Evocações (OME) foi igual a 2,7. O EVOC utiliza-se da Lei de Zipf, que rege a frequência e/ou importância dos elementos de uma lista ordenada de um texto, para calcular a frequência mínima e intermediária das palavras evocadas, sendo nos dados desta pesquisa, respectivamente 8 e 24.

Os dados referentes ao TALP com a palavra indutora envelhecimento são:

Quadro 4: dados referentes ao TALP em todas as turmas

Freq Média	Rang < 2,7			Rang > 2,7		
	Termo Evocado	Freq	OME	Termo Evocado	Freq	OME
≥ 24	Quadrante superior esquerdo			Quadrante Superior Direito		
	Núcleo Central			1ª Periferia		
	doenças	71	2.606	cabelos-brancos	46	2.913
	experiências	67	2.463	conhecimento	25	3.000
	idade-avancada	36	1.806	maturidade	27	2.889
	idosos	67	1.881	sabedoria	28	2.857
	morte	26	2.615	saúde	26	2.731
	rugos	73	2.219			
	tempo	50	2.420			
	tristeza	24	2.333			
< 8 ≤ 23	Quadrante Inferior Esquerdo			Quadrante inferior direito		
	Elementos Contrastantes ou Intermediários			2ª periferia		
	amadurecimento	22	2.000	amigos	8	3.375
	antigo	8	1.875	cuidados	20	3.100
	aposentadoria	17	2.588	dependência	9	3.222
	chato	9	2.444	dificuldades	8	3.250
	descanso	11	2.455	esquecimento	8	3.250
	dores	13	2.462	família	22	3.136
	feio	11	2.182	fase-da-vida	15	2.867
	fraqueza	9	2.333	felicidade	13	3.000
passado	11	2.364	fim-da-vida	13	3.308	
pele	8	1.875	flacidez	19	3.368	
sofrimento	9	2.444	fragilidade	10	3.200	
velhice	10	2.300	historias	14	3.214	
			ossos-fracos	8	2.750	
			respeito	14	3.357	

Fonte: a autora (2015)

De acordo com a abordagem estrutural das representações sociais, as palavras localizadas no quadrante superior esquerdo - doenças; experiências; idade-avancada; idosos; morte; rugos; tempo; tristeza; velho e vida - caracterizam o possível núcleo central da representação, uma vez que elas foram evocadas um maior número de vezes e em baixa ordem de evocação.

Nessa análise identificou-se quais elementos constituintes do núcleo central que estes adolescentes têm ao se abordar a temática envelhecimento. Revelam-se diversas características negativas atribuídas ao processo de envelhecer como doenças, morte, rugas, tristeza e velho.

No quadrante superior direito - primeira periferia - em que se tem uma alta frequência de evocação maior ou igual a 24, porém uma baixa OME, foram identificadas as palavras: *cabelos-brancos; conhecimento; maturidade; sabedoria e saúde.*

No quadrante inferior esquerdo-elementos contrastantes - se revelam as palavras que têm uma alta OME embora tenham frequência menor que 8 até menor ou igual a 23, sendo esses: *amadurecimento; aposentadoria; chato; descanso; dores; feio; fraqueza; passado; pele; sofrimento e velhice.*

Já no quadrante inferior direito - elementos de segunda periferia - tem-se as palavras que têm alta OME e baixa frequência, sendo representadas pelos léxicos: *amigos; cuidados; dependência; dificuldades; esquecimento; família; fase-da-vida; felicidade; fim-da-vida; flacidez; fragilidade; histórias; ossos-fracos e respeito.*

O cruzamento das variáveis sexo masculino e feminino como também se há convivência ou não intradomiciliar com idoso mostrou-se relevante no que diz respeito à comparação da produção dos dados referente à abordagem estrutural das RS.

Na análise do banco de dados referente ao sexo feminino obteve-se 1013 palavras ao todo, sendo 242 diferentes. A OME foi de 2,7 tendo a frequência mínima 7 e intermediária 18.

Quadro 5: distribuição das OME do termo indutor envelhecimento para o sexo feminino.

	Rang < 2,7			Rang > 2,7		
	Termo Evocado	Freq	OME	Termo Evocado	Freq	OME
Freq Média	Quadrante superior esquerdo Núcleo Central			Quadrante Superior Direito 1ª Periferia		
>=18	cansaço	39	2.410	Cabelos-brancos	28	2.857
	doenças	52	2.558	Maturidade	18	3.167
	experiências	40	2.475			
	idade-avancada	22	1.909			
	idosos	49	1.857			
	rugos	62	2.194			

sabedoria	18	2.667
tempo	32	2.469
velho	29	1.621

	Quadrante Inferior Esquerdo			Quadrante inferior direito		
	Elementos Contrastantes ou Intermediários			2ª periferia		
<=7 <17	amadurecimento	10	2.000	amigos	7	3.143
	avós	17	2.529	aposentadoria	10	3.100
	descanso	7	2.429	chato	7	2.857
	feio	8	2.125	conhecimento	14	3.000
	fraqueza	7	2.286	cuidados	15	3.267
	morte	10	2.200	dependência	8	3.375
	passado	7	1.857	esquecimento	8	3.250
	pele	7	1.714	família	13	3.154
	saúde	13	2.692	fase-da-vida	10	3.100
	tristeza	13	2.000	felicidade	7	2.714
				fim-da-vida	8	3.125
			flacidez	14	3.214	
			fraco	7	3.143	
			fragilidade	7	3.143	
			historias	10	2.900	
			respeito	9	3.444	
			vida	15	2.867	

Fonte: a autora (2016)

O núcleo central foi representado pelos léxicos: *cansaço; doenças; experiências; idade-avançada; idosos; rugas; sabedoria; tempo e velho*. Os elementos de primeira periferia tiveram como evocações: *cabelos-brancos e maturidade*. Já as palavras advindas do quadrante inferior esquerdo foram: *amadurecimento, avós, descanso, feio, fraqueza, morte, passado; pele; saúde e tristeza*. Na segunda periferia teve-se como

representatividade: *amigos, aposentadoria, chato, conhecimento, cuidados, dependência, esquecimento, família, fase-da-vida, felicidade, fim-da-vida, flacidez, fraco, fragilidade, histórias, respeito e vida.*

O TALP relativo ao sexo masculino apresentou 578 palavras ao todo sendo, destas, 200 diferentes entre si. A OME foi de 2,7 tendo a frequência mínima de 6 e intermediária 13.

Quadro 6: distribuição da OME do termo indutor envelhecimento para o sexo masculino

		Rang < 2,7			Rang > 2,7		
		Termo Evocado	Freq	OME	Termo Evocado	Freq	OME
Freq Média		Quadrante superior esquerdo			Quadrante Superior Direito		
		Núcleo Central			1ª Periferia		
>=13		avos	13	2.308	cabelos-brancos	18	3.000
		experiencias	27	2.444	Doenças	19	2.737
		idade-avancada	14	1.643			
		idosos	18	1.944			
		tempo	18	2.333			
		velho	21	1.762			
		vida	15	2.333			
		Quadrante Inferior Esquerdo			Quadrante inferior direito		
		Elementos Contrastantes ou Intermediários			2ª periferia		
<=6 <12		amadurecimento	12	2.000	conhecimento	11	3.000
		aposentadoria	7	1.857	dores	7	2.714
		cansaco	12	2.583	familia	9	3.111
		impotencia	6	2.500	felicidade	6	3.333
		maturidade	9	2.333	sabedoria	10	3.200
		rugos	11	2.364	tristeza	11	2.727
		sofrimento	6	2.000			

Fonte: a autora (2015)



Figura 1: comparação dos núcleos centrais entre os sexos.

Fonte: a autora (2016).

A figura 1 mostra que os léxicos *experiências*, *idade-avançada*, *idosos*, *tempo* e *velho* foram comum aos dois gêneros. Já as palavras *cansaço*, *doença*, *rugos* e *sabedoria* foi identificada somente entre as adolescentes e *avós* e *vida* revelaram-se entre os do sexo masculino.

Observa-se que as meninas têm como diferencial o léxico *doenças*, em que se relaciona com prevalência de mulheres na busca por atendimentos de saúde além da preocupação com o envelhecimento aparente demonstrado através das rugas.

Os homens, por sua vez, são menos pontuais ao citarem o léxico *vida*, que tem uma amplitude de abrangência do nascimento à morte; e são mais específicos ao citarem os avós como representativos da velhice, o que indica certa projeção em termos de relações familiares próprias do envelhecimento.

Quanto à convivência intradomiciliar com idosos mostrou que os adolescentes que convivem com idoso evocaram 1349 palavras ao todo sendo destas 296 diferentes. A OME foi de 2,7 tendo 7 como frequência mínima e 22 por frequência intermediária.

Quadro 7: distribuição estrutural do termo indutor envelhecimento para adolescentes que tem convívio intradomiciliar com idosos

Freq Média	Rang < 2,7			Rang > 2,7		
	Termo Evocado	Freq	OME	Termo Evocado	Freq	OME
>=22	Quadrante superior esquerdo			Quadrante Superior Direito		
	Núcleo Central			1ª Periferia		
	avós	27	2.519	cabelos-brancos	43	2.977
	cansaço	47	2.447	maturidade	25	2.840
	doenças	61	2.656	sabedoria	23	2.870
	experiências	53	2.509			
	idade-avançada	32	1.813			
	idosos	60	1.883			
	rugos	66	2.303			
	tempo	44	2.432			
<=7 <21	Quadrante Inferior Esquerdo			Quadrante inferior direito		
	Elementos Contrastantes ou Intermediários			2ª periferia		
	amadurecimento	20	2.100	Amigos	7	3.571
	antigo	8	1.875	aposentadoria	13	2.769
	chato	8	2.125	conhecimento	20	3.050
	descanso	8	2.250	cuidados	16	3.000
	feio	10	2.100	dependência	7	3.429
	mudanças-físicas	7	2.429	família	20	3.250
	passado	11	2.364	fase-da-vida	13	3.000
	pele	7	2.000	felicidade	9	3.222
	sofrimento	7	2.286	fim-da-vida	11	3.364
	tristeza	20	2.450	flacidez	18	3.333
	velhice	8	2.500	fragilidade	10	3.200
				historias	12	2.917
				morte	21	2.762
			ossos-fracos	8	2.750	
			respeito	12	3.417	
			saude	21	2.810	

Fonte: a autora (2016)

Revela-se como núcleo central, no quadro 7, as palavras: *avós, cansaço, doenças; experiências, idade-avançada, idosos, rugas, tempo, velho e vida*. Os elementos da primeira periferia identificados foram: *cabelos-brancos, maturidade e sabedoria*. Os léxicos intermediários evocados foram: *amadurecimento, antigo, chato, descanso, feio, mudanças físicas, passado, pele; sofrimento, tristeza e velhice*. Por fim, a segunda periferia foi caracterizada por *amigos, aposentadoria, conhecimento, dependência, família, fase da vida, felicidade, fim da vida, flacidez, fragilidade, historias, morte, ossos fracos, respeito e saúde*.

Os adolescentes que não têm convivência intradomiciliar com idosos citaram 242 sendo 119 diferentes entre si. A OME foi de 2,6 a frequência mínima e intermediária foi de 5 e 7 respectivamente.

Quadro 8: distribuição das evocações do termo indutor envelhecimento para adolescentes que não têm convívio intradomiciliar com idosos

Freq Média	Rang < 2,6			Rang > 2,6		
	Termo Evocado	Freq	OME	Termo Evocado	Freq	OME
>=7	Quadrante superior esquerdo			Quadrante Superior Direito		
	Núcleo Central			1ª Periferia		
	doenças	10	2.300	dores	7	2.857
	experiências	14	2.286			
	idosos	7	1.857			
	rugos	7	1.429			
	velho	8	1.500			
	Quadrante Inferior Esquerdo			Quadrante inferior direito		
	Elementos Contrastantes ou Intermediários			2ª periferia		
<=5	morte	5	2.000	Conhecimento	5	2.800
<6	saúde	5	2.400	sabedoria	5	2.800
	tempo	6	2.333			

Fonte: a autora (2016)

A construção do núcleo central dos adolescentes que não têm convivência intradomicílio com idosos foi composta pelos léxicos: *doenças, experiências, idosos, rugas e velhos*. A primeira periferia foi caracterizada unicamente pela palavra: *dor*. Os elementos contrastantes foram compostos pelas evocações: *morte, saúde e tempo*. O quadrante inferior direito teve *conhecimento e sabedoria* como características.

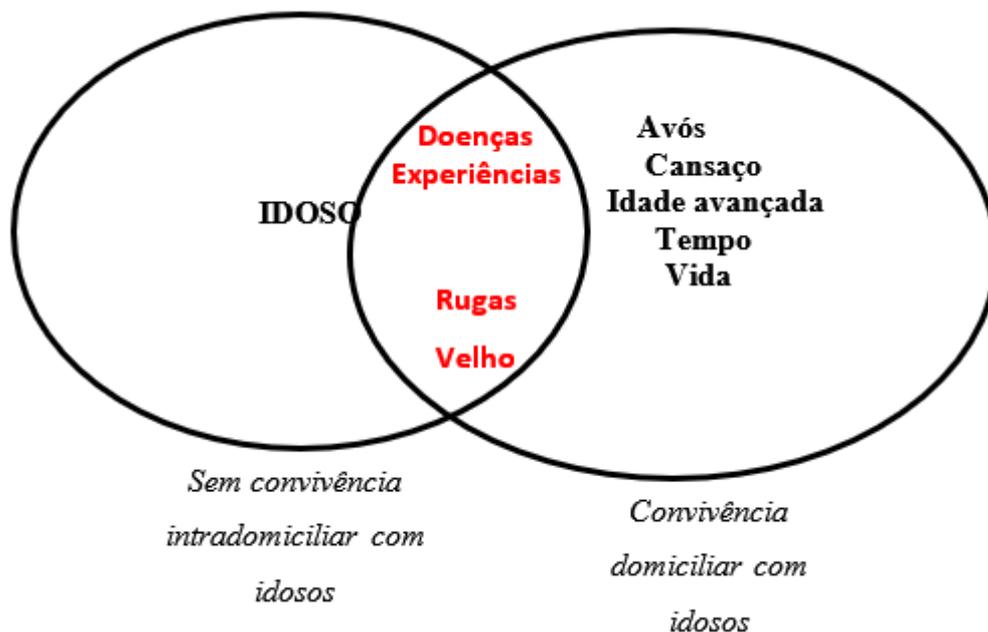


Figura 2: comparação dos núcleos centrais entre adolescentes que convivem com idoso no domicílio e os que não convivem
Fonte: a autora (2016)

A figura 2 mostra que os léxicos comuns aos dois grupos são: doenças e experiências. Já os participantes que têm maior contato com pessoas com mais de 60 anos têm um núcleo central com maior abundância de vocábulos que representam várias nuances do processo de envelhecimento. Os adolescentes que não têm esse convívio têm menores subsídios para a construção de uma centralidade no seu pensar formativo na questão do envelhecimento.

4.3 DISCUSSÃO

Quando se coloca em questão o envelhecimento como objeto cognoscível no universo adolescente, percebe-se que eles constroem suas RS sobre o envelhecimento a partir de elementos que permeiam tanto a convivência familiar quanto em sociedade, subsidiando o senso comum sobre o tema.

As imagens principais agregadas ao núcleo central desta representação está fundamentada em questões relacionadas a aspectos negativos como "doenças", "morte", "rugas", "tristeza", "velho". Esses elementos caracterizam a parte dura da representação,

menos sensível a mudanças/transformações, em função do contexto externo ou das práticas cotidianas dos sujeitos (SÁ, 2002).

A contemporaneidade está marcada por elementos que agregam valores e julgamentos negativos à sociedade – no caso, aos adolescentes – e grande parte disto é atribuída à disseminação desse conhecimento através da mídia.

A comunicação pública brasileira ainda não encontra caminhos para trabalhar na elevação da autoestima do velho brasileiro, no reconhecimento de seu papel como cidadão, na reivindicação plena de seus direitos, na adoção de uma postura mais autônoma e na busca de uma percepção mais ampliada da comunidade onde vive (STACHESKI, 2012).

A Representação Social, de acordo com Crusoé (2004), permite ao sujeito interpretar o mundo, facilita a comunicação, orienta as ações e comportamentos; e, nesse sentido, temos a ideia de que a prática escolar não está imune a um conhecimento oriundo da interpretação, da comunicação entre os sujeitos. É nesse contexto que concebemos que a identificação das representações que permeiam a realidade educacional possa contribuir com a análise dessa realidade. Logo, para Moscovici (2012), a Representação Social é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo e para se comunicar.

O diálogo permite que determinados conceitos ganhem competência e passem, muitas vezes, a ter um formato enciclopédico (CRUSOÉ, 2004). Esse conhecimento exprime algumas das “ideias que pairam no ar”, que são capazes de revelar o que um determinado grupo pensa sobre alguma situação determinada. Trata-se muito mais de “manter a coerência” do que propriamente ampliar os conhecimentos, fornecendo informações, palavras e noções que estão, em geral, distantes – encontrando enfim, nos “sábios amadores”, algumas respostas que não poderiam ser encontradas de outra forma.

As representações negativas estão entrelaçadas com demais visões da velhice, postas em sociedade, como o envelhecimento bem-sucedido, por exemplo (STACHESKI; MASSI, 2011). O julgamento hostil do envelhecimento, na atualidade, é fruto de uma contextualização histórica, social da humanidade, pois a concepção geral da velhice – assim como da infância e da adolescência – é cultural e é constituída por meio dos costumes diários de cada sociedade (PAPALÉO NETTO, 2012).

As expressões midiáticas são centrais para a sociedade contemporânea, pois contribuem para a informação e o debate de temas de relevância social, incluindo o Estado, o governo e a sociedade (STACHESKI, 2012).

Nesse sentido, vê-se a estruturação do núcleo central como algo arraigado no senso comum, mas permeado por ideias, valores e julgamentos do sistema periférico que contribuem para entender o contexto próximo o qual vivem os adolescentes alvo deste estudo.

A carga cultural negativada é forte, porém traz algumas nuances de que a representação possa ser modificada quando o sistema periférico aborda temáticas referentes a felicidade, cidadania e respeito. Embora com poucas evocações e em uma ordem menor que os aspectos negativos, mas desperta a esperança de um repensar do envelhecimento sob o foco das relações interpessoais e sociais de forma mais harmônica e contextualizada com o empoderamento populacional sobre os direitos e deveres dos cidadãos.

Os elementos periféricos da RS caracterizam-se por estarem organizados ao redor do núcleo central, constituindo os nexos entre esse núcleo e a situação concreta na qual a representação é construída (SÁ, 1998). Como esquemas organizados pelo núcleo central, apresentam as seguintes características: a) Prescritores de comportamentos – possibilitariam a orientação das ações e reações dos sujeitos de modo instantâneo, indicando o que é normal fazer em determinadas situações; b) Modulação de personalidade das representações e das condutas associadas, harmonizando as diferenças aparentes que estão ligadas à apropriação individual ou a contextos específicos, desde que as diferenças sejam compatíveis com um mesmo núcleo central e; c) função de defesa, resistindo a mudanças, opondo-se à modificações que mudariam completamente a representação social identificada (ABRIC, 2000).

Sá (1996) define finalidades próprias das representações sociais, atribuindo-lhes quatro funções: a) *Funções de saber*: permitem compreender e explicar a realidade, consentindo que os indivíduos adquiram conhecimento e os integra a um contexto assimilável e compreensivo para eles; b) *Funções identitárias*: definem a identidade e permitem proteger especificidades dos grupos, situando indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de sua identidade social e pessoal de acordo com valores e normas do grupo que são determinados num contexto histórico-social, assumindo papel de controle social sobre cada um dos membros do grupo; c) *Funções de orientação*: guiam comportamentos e práticas, as representações produzem um sistema de antecipações e de expectativas, selecionando e filtrando informações, tornando a realidade conforme a representação, prescrevendo comportamentos ou práticas obrigatórias, dizendo o que é lícito, tolerável ou inaceitável; d) *Funções justificatórias*: justificam a posterior tomada

de posição e a adoção de comportamentos, permitindo aos autores sociais explicarem e justificarem suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes.

Sá (1998) indica que no núcleo central se articulam, de forma mais concreta e visualizável, os elementos do objeto da representação que tenham sido selecionados pelos indivíduos ou grupos em função de critérios culturais e normativos. Assim, com estes elementos, o Núcleo Central sobre envelhecimento para os adolescentes deste estudo pode ser entendido como um emaranhado de ideias, julgamentos e emoções que fazem parte do contexto social e cultural – porém, trazendo uma noção negativa.

Por outro lado, o sistema periférico é responsável pela flexibilidade, promovendo a interação entre a realidade concreta e o sistema central. O primeiro sistema é normativo, já este é funcional, ancorando-se à realidade do momento. É um elemento essencial nos mecanismos de defesa que visam proteger a significação central da representação, absorve as novas informações ou eventos suscetíveis de colocar em xeque o núcleo central; sua flexibilidade e elasticidade permitem a integração na representação e elaboração de representações sociais individualizadas organizadas em torno no núcleo central comum (ABRIC, 2000).

Diante do exposto, estudos sobre o tema consolidam a rigidez dos núcleos centrais e a dificuldade em atingi-los, reconstruindo seu significado – apesar de serem categorias que podem ser trabalhadas a longo prazo. Contudo, torna-se urgente a adoção de medidas, por parte da educação transformadora sob a perspectiva da gerontologia, para que se desenvolvam meios de instruir e dialogar com os adolescentes, buscando minimizar as consequências negativas que surgem quando se fala sobre envelhecimento.

Ainda quando confrontados os núcleos centrais pertencentes ao universo masculino e feminino, revelam-se diferenças importantes. As meninas têm como universo vocabular único, quando comparado aos meninos, a palavra "doença". Já os meninos associam o envelhecimento ao "amadurecimento", "avós" e "vida".

Há uma concordância ao se pensar a categoria relacional de gênero como fator de grande importância no padrão dos riscos de saúde nos homens e na forma como estes percebem e usam seus corpos (TONELLI; SOUSA; MULLER, 2010).

Trata-se de um achado que corrobora com a ideia de que as mulheres são as que buscam mais os serviços de saúde – e, portanto, preocupam-se mais com as doenças do que os homens, que encaram o cotidiano com vistas a não macularem a imagem de provedor de recursos para a família; o que é subsidiado pela ideia de Oliveira *et. al.* (2015) sobre o papel de provedor desempenhado pelo homem que gera dificuldades para

introduzir espaços de autocuidado e consequente avaliação crítica de sua saúde com vistas a procurar assistência especializada.

Os homens procuram menos os serviços de saúde do que as mulheres. A falta de preocupação com ações voltadas à promoção da saúde e prevenção de doenças, a dificuldade em se reconhecerem doentes e o medo da descoberta de alguma doença grave, justificam a menor adesão dos homens ao cuidado à saúde (VIEIRA, 2013).

Segundo o Censo 2010, a expectativa de vida dos homens no Brasil é sete anos menor que a das mulheres (69,7 contra 77,3). A pesquisa do Ministério da Saúde, aponta que os homens fumam mais, são mais sedentários e se alimentam pior (IBGE, 2010).

Atualmente, já não parece novidade defender o argumento de que processos sociais relacionados ao gênero produzem diferenças nos comportamentos de proteção à saúde (TONELLI; SOUSA; MULLER, 2010). É possível afirmar que o cuidado dos homens, no geral, está mais restrito aos cuidados com o corpo, por meio de uma vida menos sedentária, e que a procura por serviços médicos se restringe a casos extremos, quando a doença já está instalada e os métodos caseiros de cura não foram suficientes para curá-la. Já as mulheres, por necessitarem realizar exames periódicos ginecológicos, acabam por procurar com mais frequência os serviços médicos, o que acaba por se tornarem mais “acostumadas” aos procedimentos dos serviços de saúde (TONELLI; SOUSA; MULLER, 2010).

Com isso, vê-se como quais elementos sociais estão associados à construção do senso comum sobre envelhecimento para meninos e meninas. A ideia de velhice ligada às doenças, traz uma nuance desse constructo cultural em que as mulheres procuram mais auxílio de saúde.

A frequência e a intensidade da expressão emocional positiva e negativa, bem como a qualidade das relações familiares, contribuem para o clima familiar. Os padrões familiares modelam as regras de expressão de afetos positivos e negativos, de maneira que um ambiente coeso e com relacionamentos positivos dá um tom de aceitação. Enquanto isso, ambientes críticos, hostis e com relações negativas desencorajam a expressão das necessidades emocionais, diminuem a habilidade de regular a própria emoção e aumentam o desconforto emocional (FOSCO; GRZYCH, 2012).

A efetividade da regulação social da emoção é moderada pelas expectativas de proximidade emocional. A família é a principal fonte de apoio e proximidade emocional, e seus vínculos são fundamentais para oferecer um contexto que favoreça o crescimento, o desenvolvimento, a segurança e a autonomia (FLORES; BERENBAUM, 2012). A

coesão familiar reflete a percepção de proximidade, enquanto que a percepção de apoio se relaciona com a reciprocidade.

A interação entre emoção, relacionamentos e saúde é central no estudo do sistema familiar dos ou com idosos. As emoções desempenham um papel fundamental na comunicação de informações importantes sobre os estados internos a outras pessoas. Saber como a outra pessoa sente é crucial para coordenar as interações sociais e responder adequadamente às suas necessidades (ENGLISH; JOHN; SRIVASTAVA; GROSS, 2012). As emoções positivas são centrais à coesão e ao apoio enquanto que os sentimentos negativos, que podem gerar estresse, agressividade ou mudança, caracterizam o conflito (TEODORO, 2006).

Portanto, a representação apresentada pelo estudo do núcleo central e sistemas periféricos demonstram que as emoções, sentimentos e julgamentos recaem sob os aspectos negativos do envelhecimento. Embora indique uma possibilidade de abertura e sensibilização sobre a temática no que diz respeito às noções de cidadania e respeito para com a pessoa idosa.

5 APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS E ANÁLISE DOS DADOS PELO SOFTWARE ALCESTE

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DOS MOMENTOS DE TECNOLOGIAS CUIDADO-EDUCAÇÃO

É necessário situar o contexto em que os adolescentes fazem parte, destacando algumas variáveis importantes para correlacionar com os achados oriundos dos grupos de discussão que foram realizados.

Os adolescentes participantes dos momentos interventivos formaram grupos homogêneos com o total de 58 alunos, com idade entre 15 a 17 anos, renda familiar mensal de R\$ 791,81, moram em Fortaleza e em Caucaia, região metropolitana. No quadro 9 revelam-se os dados sobre sexo, religião, convivência intradomiciliar com idosos e se já tiveram alguma explicação/aula/palestra sobre envelhecimento – quer seja na escola ou em qualquer outro espaço de construção social.

Quadro 9: Distribuição sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos.

	N	%
Sexo		
Feminino	39	65,52
Masculino	19	32,76
Religião		
Católica	30	51,72
Protestante	18	31,03
Espírita	0	0,00
Outras/Sem religião	10	17,24
Convívio com idoso no domicílio		
Sim	52	89,66
Não	6	10,34
Explicação sobre envelhecimento		
Sim	7	12,07
Não	51	87,93

Fonte: a autora (2016)

Vê-se no quadro 9 que há predominância do sexo feminino 39 (65,62%) entre os membros dos grupos, a religião Católica destacou-se com 30 (51,72%). O convívio intradomiciliar com idosos é um ponto forte, apontando que 52 (89,66%) dos adolescentes têm uma relação diária com pessoas idosas e, conseqüentemente, com situações relativas ao envelhecimento. Eles também relataram que em sua maioria, 51 (87,93%), não tiveram explicação/aula/palestra sobre envelhecimento.

5.2 ANÁLISE TEXTUAL REALIZADA PELO SOFTWARE ALCESTE

O programa Alceste consiste em distribuir estatisticamente os vocábulos que constituem o *corpus*, a partir da classificação dos enunciados inferidos (semelhantes e não semelhantes) pelos participantes, a fim de colocar em evidência os seus mundos lexicais. Possibilita, portanto, a disseminação do conteúdo cognitivo presente nas falas dos adolescentes escolares sobre os aspectos inerentes ao processo de envelhecimento durante sua vivência nos momentos de tecnologias de cuidado-educação.

Para isso, o *corpus* foi submetido e analisado e para considerar a representação social dos adolescentes escolares sobre o envelhecimento.

5.3 ANÁLISE TEXTUAL DOS DEPOIMENTOS PRODUZIDOS PELOS ADOLESCENTES NOS GRUPOS DE TECNOLOGIA DE CUIDADO-EDUCAÇÃO

O Alceste realizou o processamento do *corpus*, gerando um aproveitamento de 79%, sendo constituído por 4 UCIs referentes aos quatro momentos realizados em que se utilizou as tecnologias de cuidado-educação. A partir de então, o software repartiu o *corpus* em 169 UCEs, obtendo 1373 formas distintas ou palavras diferentes, com um número de ocorrências de 7463. Posteriormente, o programa reduziu os vocábulos às suas raízes, originando 198 palavras analisáveis e 116 palavras suplementares (artigos, pronomes, dentre outros). Tendo em vista esta análise, o programa subdividiu as UCEs em sete classes, como mostra a figura 3.

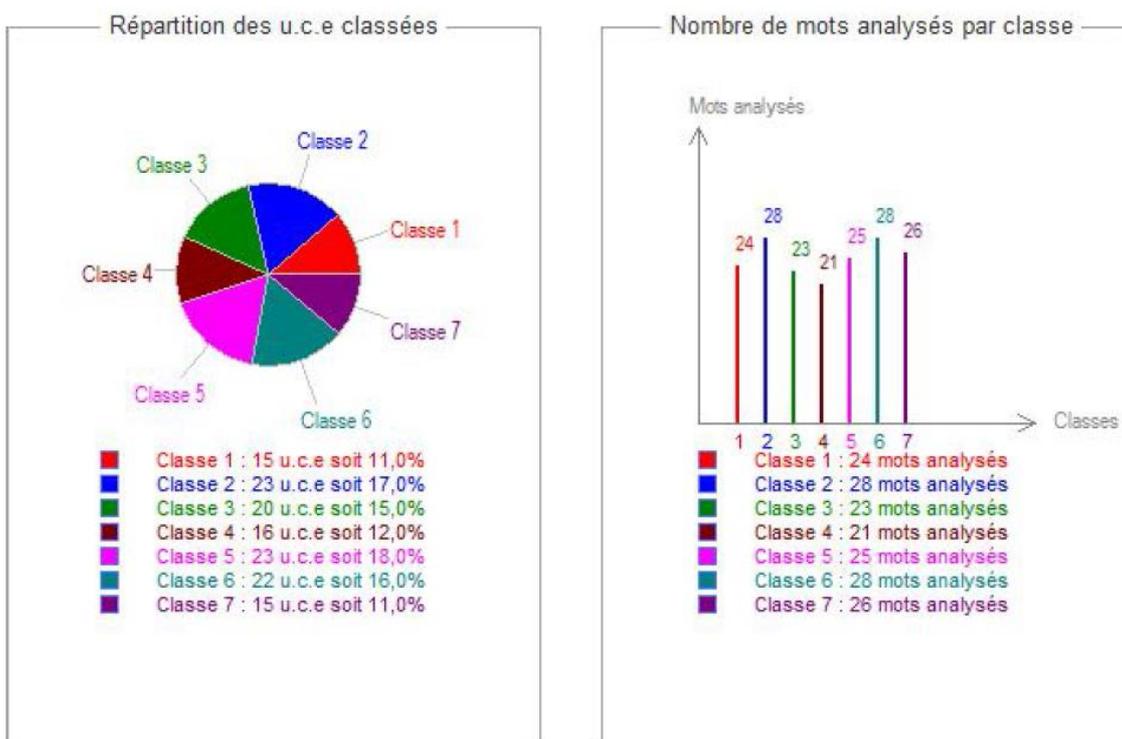


Figura 3: representação gráfica dos resultados do processamento do texto pelo programa alceste 2012 – número de uces e número de palavras analisáveis por classe.

Fonte: a autora (2015)

Observa-se que as classes 2 e 5 apresentaram maiores números de UCEs (23), porém diferem no número de palavras analisáveis; sendo as classes 2 e 6 que contam com 28 palavras cada.

Na figura 3 pode-se analisar a proximidade das classes por meio da divisão para formação das mesmas, por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O *corpus* sofreu a primeira partição originando dois subgrupos bem distintos dos demais caracterizados pela classe 6 e 7. Uma segunda partição foi revelada, contendo outras duas subdivisões diferentes em suas especificidades. Nesse caso, as classes 2 e 3 formam um grupo de pertença e as classes 4, 5 e 1 formam outro grupo com peculiaridades distintas.

A CHD finaliza com a formação de 7 classes estáveis, por serem constituídas por UCEs com vocabulários semelhantes. A figura 4 ilustra essas repartições, a partir da CHD. A análise dos dados foi realizada a partir do grupo de pertença em que foi relevado pela CHD, sendo assim: 1) Classes 4,5 e 1; 2) Classes 2 e 3; 3) Classes 6 e 7.

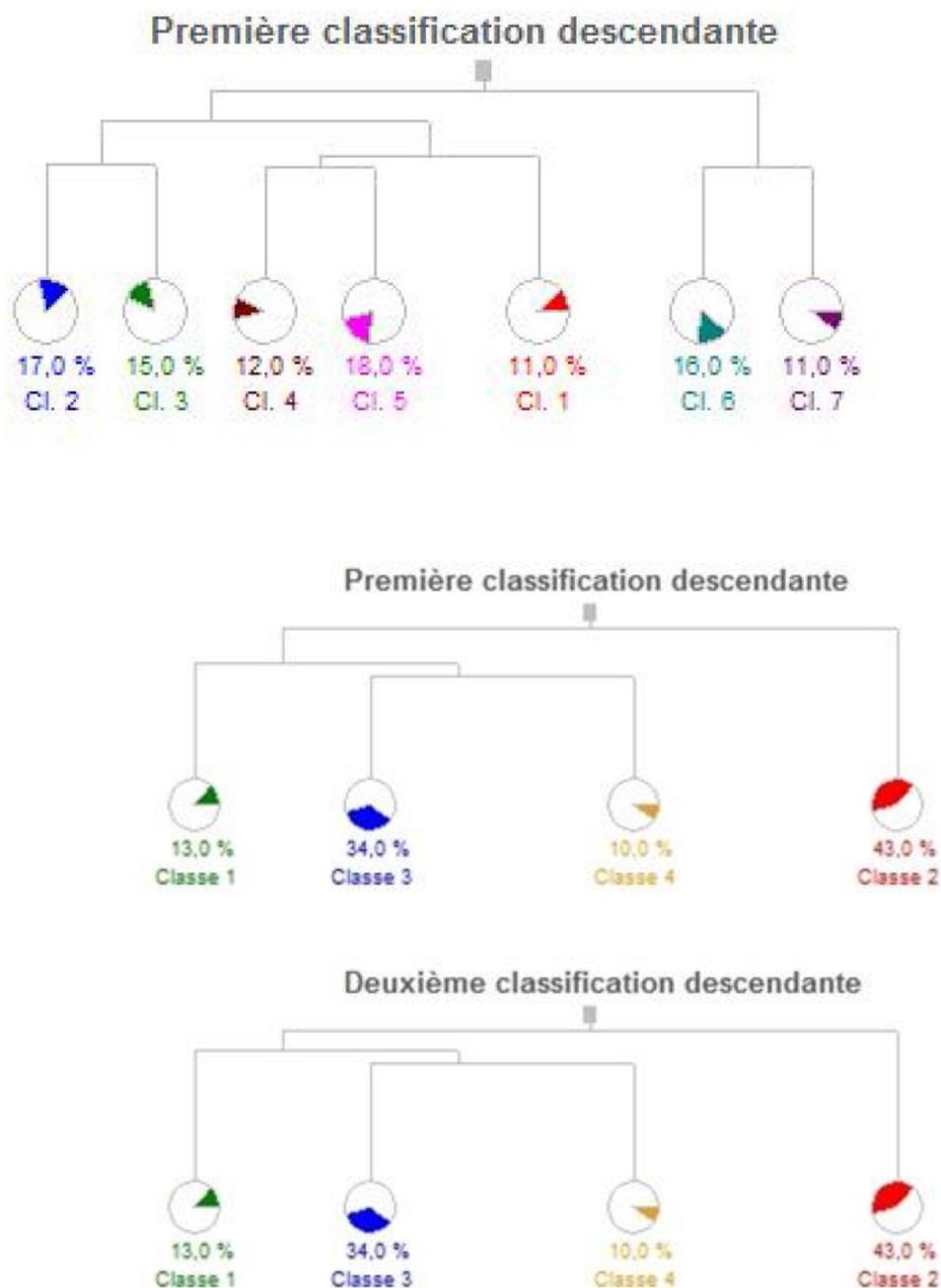


Figura 4: divisão das classes: Classificação Hierárquica Descendente
Fonte: a autora (2015)

A figura 4 apresenta a organização das 7 classes geradas pelo programa com os léxicos mais característicos de cada uma, conforme a CHD. O gráfico mostra que quanto mais elevada a posição de uma classe, maior sua especificidade. As palavras analisáveis apresentadas no dendograma, que divide o *corpus* em classes (radicais e fragmentos relacionados), podem ser consideradas os elementos mais importantes para descrever cada classe, pois apresentam maior Phi.

O programa Alceste (2012) utiliza o coeficiente de associação denominado Phi que, de acordo com o manual desse software, é um coeficiente de associação que mede a ligação entre uma palavra e a sua classe de aparição: quanto maior for este coeficiente, mais forte é a relação entre a palavra e a sua classe. Para construção do dendograma, o Alceste considerou somente as palavras com Phi igual ou superior a 0,13 como os léxicos mais representativos:

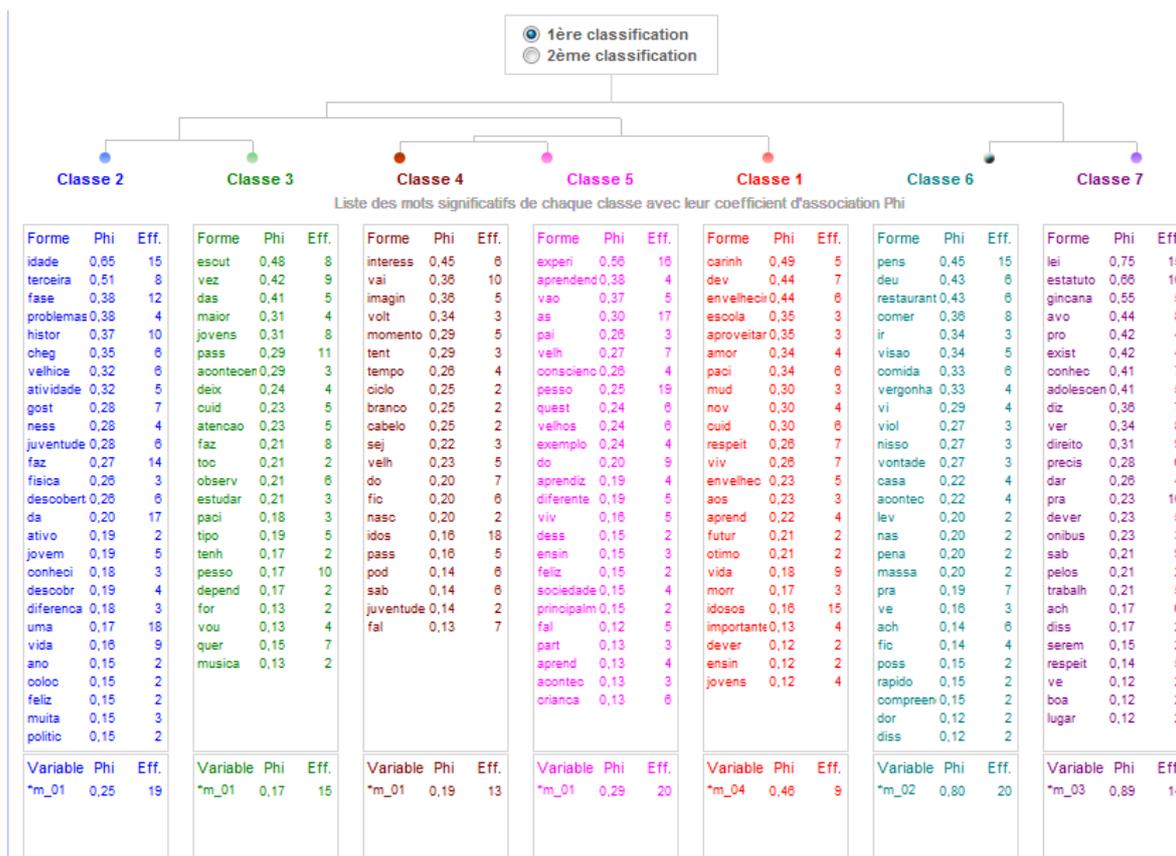


Figura 5: Dendograma - Organização das classes a partir da análise lexical dos grupos pelo Programa Alceste.

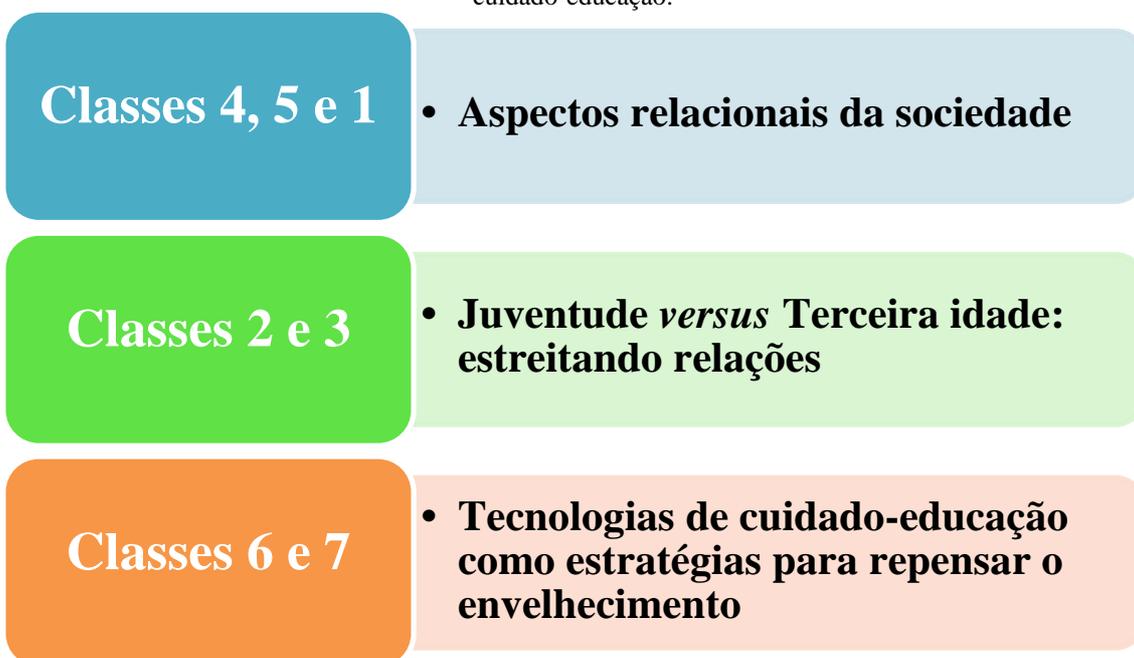
Fonte: a autora (2016)

O programa fornece o número de classes resultantes da análise, assim como as formas reduzidas, o contexto semântico e as UCEs características de cada classe consolidada.

De posse desse material, há como explicitar o conteúdo presente no mesmo, denominando e interpretando cada classe a partir de todas as informações fornecidas pelo *software*. Por fim, a interpretação e análise das classes fundamentaram-se na perspectiva processual da TRS.

Assim, a partir da interpretação do conteúdo discursivo e dos léxicos mais frequentes e característicos extraídos da UCEs de cada classe, pôde-se eleger as temáticas determinantes por cada subdivisão revelada pelo programa, como se observa no quadro 10, e serão apresentadas *a posteriori*.

Quadro 10: temas das classes produzidas pelo Alceste a partir do corpus dos grupos de tecnologia de cuidado-educação.



Fonte: a autora (2016)

Conforme a TRS, a representação é sempre de algo, um objeto, que nessa pesquisa é o envelhecimento, por alguém, que nessa pesquisa, são os adolescentes escolares. Para Jodelet (2001), a representação tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações).

Essas significações são expressas por meio de uma atividade que estão presentes na forma de saber e na prática do ser humano. Observa-se uma separação das classes 4, 5 e 1, que falam sobre como o idoso se insere na sociedade e como há essa organização social. Já as classes 2 e 3 versam sobre a juventude dos idosos, quais os parâmetros que os idosos e jovens têm que ter para se relacionarem bem consigo e com o outro. As classes 6 e 7 têm a peculiaridade da desmistificação do ser idoso e como isso é encarado pelos adolescentes.

A partir dessa compreensão, serão apresentados e discutidos os temas e as classes produzidos pelo Alceste, levando em consideração o conteúdo discursivo e as palavras mais frequentes e características para cada classe, bem como as UCEs mais representativas. A interpretação e análise das classes fundamentaram-se na perspectiva processual da TRS, com respaldo também da literatura sobre o relacionamento intergeracional, estruturas organizacionais da sociedade e estudos de RS que versam sobre o tema em estudo.

6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO E FORMAS DE LIDAR COM ESSA REALIDADE

6.1 PRIMEIRO BLOCO DE DISCUSSÃO: ASPECTOS RELACIONAIS DA SOCIEDADE

Este capítulo se baseia nas classes 4, 5 e 1, e tem como fim discutir julgamentos e valores que os adolescentes têm sobre o processo de envelhecimento e as formas como lidam com essa realidade. Nessas três classes houve predomínio dos conteúdos produzidos nos momentos 1 e 4 do método.

O momento 1 versa sobre os sentimentos que movem o envelhecimento para os adolescentes, ao serem instigados a formular um painel sobre a temática – o que traz os anseios, julgamentos e valores que eles atribuíam antes de passar pelas atividades propostas com a pesquisa.

Já o momento 4 foi quando os adolescentes avaliaram as atividades e teceram comparações entre a forma como eles viam as nuances do envelhecimento antes e depois dos momentos propostos, o que revela um diálogo entre o que eles pensavam sobre o envelhecimento e o que, a partir das tecnologias de cuidado-educação, eles agregaram e/ou adaptaram da sua mundividência. O quadro 11 mostra uma síntese de como essas classes se organizaram.

Quadro 11: Apresentação do bloco 1 de análise

Classe	Classe 4	Classe 5	Classe 1
Dados			
Tema Geral	Idadismo: reflexo do preconceito sobre a velhice na contemporaneidade	Organização social	Processo de construção do relacionamento intergeracional
Porcentagem em relação ao discurso total	12%	18%	11%
Momentos relacionados	Momento 1: Painéis utilizando fotolinguagem Momento 4: Avaliação		

Fonte: a autora (2015)

6.1.1 Classe 4 - Idadismo: reflexo do preconceito sobre a velhice na contemporaneidade

Nesta classe, os adolescentes apresentam as nuances do preconceito com o envelhecimento e os idosos no cotidiano, levando em consideração suas experiências individuais e coletivas – além de versarem sobre a dialética entre ser velho e ser idoso, munidos de ancoragens, objetivações e figuras-tipo específicas desta temática.

A classe 4 obteve 12% do *corpus* analisado pelo Alceste, composto por 16 UCEs, tendo um Phi de 0,14, que é determinante da representatividade dos léxicos nesta classe. Essa classe contém 21 palavras analisáveis, levando ao fornecimento de evidências que delinham as RS dos adolescentes sobre a mundividência sobre idoso e velho e tudo o que permeia esse universo, léxicos esses que são revelados no quadro 11.

Quadro 12: Organização da classe 4

PALAVRAS	PHI	FREQ
interess	0,45	6
vai	0,36	10
imagin	0,36	5
volt	0,34	3
o-que-e	0,34	4
momento	0,29	5
tent	0,29	3
entre	0,29	3
tempo	0,26	4
ciclo	0,25	2
outra	0,25	2
branco	0,25	2
cabelo	0,25	2
ele	0,24	6
quando	0,23	7
ai	0,22	4
sej	0,22	3

velh	0,23	5
do	0,20	7
fic	0,20	6
nasc	0,20	2
menos	0,20	2
demais	0,20	2
varios	0,20	2
um	0,17	11
com	0,16	11
idos	0,16	18
pass	0,16	5
pelo	0,17	3
temos	0,17	2
pod	0,14	6
sab	0,14	6
tao	0,14	2
algo	0,14	2
sempre	0,15	3
juventude	0,14	2
fal	0,13	7
tudo	0,13	5
Momento: Painel Ilustrativo		

Fonte: a autora (2015)

Essa classe representa o universo dos adolescentes no tocante ao que eles entendem por ser idoso e por ser velho. No primeiro momento, caracterizado pela confecção do painel explicativo sobre envelhecimento, os adolescentes trouxeram preconceitos, julgamentos e figuras-tipo que balizam seu pensar sobre essa dicotomia,

além de dar ideia de movimento temporal e, conseqüentemente, do ciclo de vida das pessoas.

O preconceito é trazido em diversas UCEs que tentam explicar e/ou justificar o motivo do tratamento dado aos idosos e velhos, colocando muitas vezes a responsabilidade no outro ou na sociedade sendo que o sujeito ativo da fala se encontra entrelaçado no meio em que vive, absorvendo e reproduzindo RS advindos desses contextos:

Ele fala demais talvez porque seja carente. É preconceito com o idoso. Justamente, como a gente vai saber se não é interessante falar com idoso se a gente não tentar (uce n° 58 $\phi = 0,12$ uci n° 1 : *m_01).

Não sabe que com o passar do tempo a pessoa fica mais frágil fisicamente e de mentalidade também. O preconceito também tem muito de aparência, porque a sociedade quer uma pessoa esbelta, alta, aí o idoso tem ruga, cabelo branco, tudo em volta da aparência, o homem quando fica mais velho, fica careca (uce n° 64 $\phi = 0,08$ uci n° 1 : *m_01).

Por isso, é um ciclo. Então, o interessante seria que visse esquecesse a diferença porque o importante é que os idosos sejam respeitados, por exemplo, algumas famílias desprezam os seus idosos (uce n° 76 $\phi = 0,05$ uci n° 1 : *m_01).

Estão mais perto de morrer. Por exemplo tem um grupo de pessoas conversando e quando um idoso chega elas falam ai não, não vou mais falar, coisa chata, o idoso fala demais (uce n° 57 $\phi = 0,00$ uci n° 1 : *m_01).

Identifica-se nas UCEs que o preconceito, muitas vezes, é delimitado pelas características advindas com o processo de envelhecimento natural que é comum a todas as pessoas, embora busquem estabelecer nexos em seu pensamento para que possam servir de estratégias para que o idoso receba o tratamento adequado:

Sempre temos que saber o motivo deles estarem rabugento, a gente tem que dar amor, você pode até ser super grosso com o idoso, mas ele não vai te tratar mal, so com o tempo e que ficam assim, rabugentos (uce n° 22 $\phi = 0,09$ uci n° 1 : *m_01).

Quando você vai visitar um abrigo de idosos, você tem até medo de falar com os idosos, por causa da cara fechada, mas não podemos julgar pela cara mas sim pelo coração e pelo que ele pode te passar naquele momento (uce n° 23 $\phi = 0,07$ uci n° 1 : *m_01).

O envelhecimento é um processo incomum de ser pensado pelos adolescentes, por isso tendem a objetivar em falas que pareçam familiares para que possam assimilar o sentido de como se dá o envelhecer e de como a pessoa ficará idosa, colocando-se como sujeitos nesse movimento e, mais uma vez, trazendo a infantilização do idoso:

Isso tudo ficou na minha mente e eu procuro ver o idoso de outra forma. A criança de hoje é o idoso de amanhã. É muito parecido. É um ciclo na nossa vida. A gente nasce, aprende a falar, vai crescendo, aprende a andar a comer sozinho, mas tudo isso vai se perdendo com o tempo ai a gente volta pra quando a gente não sabe nada (uce n° 69 $\phi = 0,08$ uci n° 1 : *m_01).

Nesta uce observa-se que a objetivação se dá pela imagem, quando se fala que o idoso é igual a uma criança, ancorando essa imagem naquilo que a criança não tem: condições de independência. Isto fica claro quando o adolescente diz que com o tempo a gente volta para quando não se sabe nada.

A dicotomia entre velho *versus* idoso é vista nessa classe. Essas palavras despertam julgamentos e emoções diferentes. O que cada léxico representa para os adolescentes é destrinchado nas uces a seguir:

Não interessa se ela é coroa, panela velha é que faz comida boa. A gente tentou fazer um contraste entre idoso e velho. A gente imagina uma pessoa idosa, quase um velho só que velho não seria correto. Seria correto idoso, porque lembra mais uma pessoa com sonhos e projetos (uce n° 78 $\phi = 0,08$ uci n° 1 : *m_01).

Velho a gente imagina como uma coisa que já passou e não tem como voltar ao que era antes, uma coisa ultrapassada mesmo, inútil. Apesar do idoso ter essa questão de não ser como ele era jovem isso não quer dizer que ele seja uma pessoa enferrujada, ele pode ser ativo como a juventude é (uce n° 80 $\phi = 0,05$ uci n° 1 : *m_01).

Velho lembra coisa que não presta, inútil. Temos vários idoso dentro do esporte, superando tudo todo dia. A gente quis fazer um paralelo entre o que é ser idoso e o que é ser velho (uce n° 79 $\phi = 0,04$ uci n° 1 : *m_01).

Nesse sentido, os adolescentes definem a velhice utilizando como um dos parâmetros a utilização das mídias sociais e colocando-se como diferentes da sociedade em geral, além de balizar os planos de futuro como um dos meios para ser sempre jovem e, de certa forma, não ser velho. Isto é visto na uce abaixo:

A gente tem interesse mais em redes sociais do que na rede da sociedade em-geral. Em relação aos próprios sonhos, a velhice é relativa aos planos. Aos sonhos, se uma

pessoa tem planos ela vai se motivar e vai ter mais juventude que outra que não e tão motivada. Isso que é velhice (uce n° 87 Phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

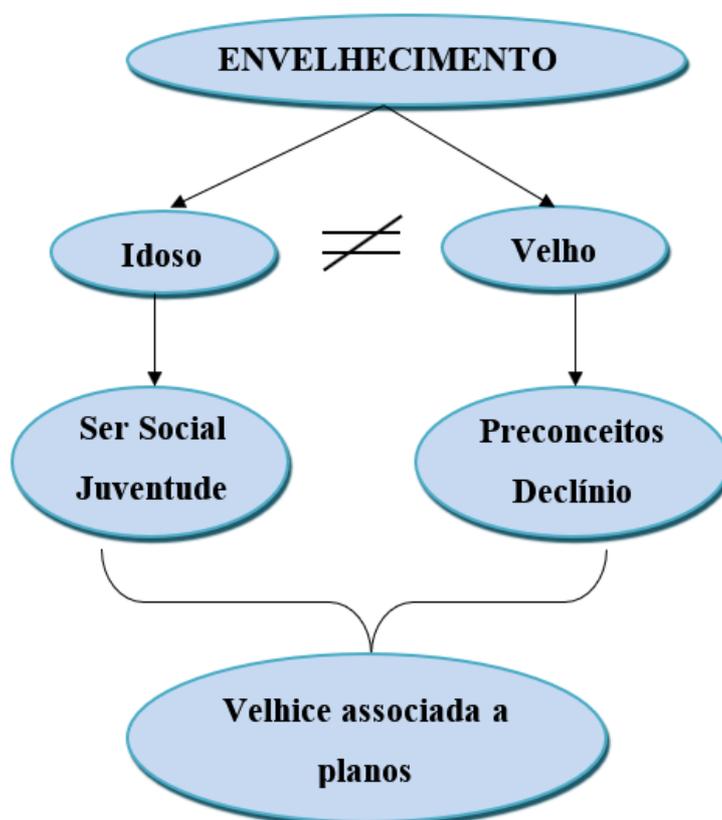


Figura 6: organograma de organização da classe 4.

Fonte: a autora (2015)

6.1.2 Classe 5 - relações sociais e o papel do idoso nesse contexto

O aspecto organizacional da sociedade é visto nesta classe, onde os adolescentes conversam sobre como se dão as relações entre as pessoas da comunidade e de suas famílias, trazendo o contexto do seu entorno e contorno para dar tom ao diálogo que balizam as RS sobre o envelhecimento nos ambientes em que convivem.

Sendo assim, a classe 5 obteve 18% do *corpus* analisado pelo software Alceste, tendo em sua composição 23 UCEs e com Phi mínimo de 0,13, que classifica como mais representatividade as palavras desta classe. São 25 palavras analisáveis, que revelam o senso comum dos adolescentes sobre as relações que os idosos têm na sociedade. O quadro 13 mostra as palavras analisadas com seus respectivos Phi:

Quadro 13: palavras analisadas da classe 5

PALAVRAS	PHI	FREQ
experi	0,56	16
aprendendo	0,38	4
vao	0,37	5
as	0,30	17
pai	0,26	3
velh	0,27	7
consciencia	0,26	4
pesso	0,25	19
quest	0,24	6
velhos	0,24	6
exemplo	0,24	4
do	0,20	9
entao	0,18	3
estar	0,19	3
aprendiz	0,19	4
diferente	0,19	5
ja	0,16	6
viv	0,16	5
dess	0,15	2
elas	0,15	2
ensin	0,15	3
feliz	0,15	2
sociedade	0,15	4
principalmente	0,15	2
fal	0,12	5
como	0,13	8
mais	0,12	21

part	0,13	3
tudo	0,12	5
voce	0,13	7
aprend	0,13	4
acontec	0,13	3
crianca	0,13	6
Momentos: Painel Ilustrativo		

Fonte: a autora (2016)

Em seu todo, essa classe representa como o idoso é inserido na sociedade e de que formas ele contribui e influi nos aspectos organizacionais, tanto da comunidade, quanto da família. O aspecto de aprendizagem, experiência e exemplos são muito fortes nessa classe, o que remete à ideia de que a RS desses adolescentes no que diz respeito ao papel do idoso na sociedade está ligada aos aspectos vivenciados por eles e o que se pode ensinar às gerações posteriores, e como se dá a conduta da comunidade perante ao envelhecimento.

Nos discursos, os adolescentes trazem o papel que o idoso desempenha na sociedade ao compartilharem experiências e terem meios de conduzirem aos mais jovens pela estrada da vida de uma forma melhor, já que se baseiam em situações pregressas análogas às que os mais jovens podem estar vivendo. Isto pode ser visto nas uces a seguir:

Por isso que uma pessoa velha e experiente, porque ela sabe o que já aconteceu e ela pode fazer diferente, ela pode mostrar caminhos diferentes e mais adequados para os mais jovens (uce n° 42 phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

Tudo isso depende de como é nossa personalidade, de como a gente leva a vida, da nossa convivência em sociedade hoje. A base da sociedade somos nós, que estamos desenvolvendo e aprendendo com os mais velhos para podermos fazer a diferença depois (uce n° 101 phi = 0,03 uci n° 1 : *m_01).

Os idosos sentem isso e ninguém pode se sentir desprezados não. Todo mundo tem sentimentos e são humanos. Tem que cuidar porque eles já cuidaram muito da gente. Então eles sentem isso e eles tem uma experiência boa eles podem diluir essa experiência para cada pessoa para cada necessidade diferente (uce n° 77 phi = 0,04 uci n° 1 : *m_01).

Há também um aspecto de ancoragem sobre a figura do idoso, quando se alude ao respeito que se deva ter com as pessoas aproximando-o da imagem do Papa, figura máxima da Igreja Católica, se baseando na experiência de vida e com Deus para dar respaldo nas ações referentes em gerenciar a sociedade que acredita nos preceitos estabelecidos por esta religião, devendo ter obediência e resignação.

Os idosos têm um papel primordial na sociedade geral, não só em questões políticas, mas em questões sociais. O Papa por exemplo, o que ele fala de como devemos conduzir a fé e baseados além de tudo na experiência de vida dele e no respeito que as pessoas têm por ele (uce n° 93 $\phi = 0,10$ uci n° 1 : *m_01).

A gente colocou a imagem do Papa, de um cantor famoso, que é um espelho pra gente. A figura mais velha representa uma coisa de respeito. Você nota que um idoso entra em um determinado local ele é menosprezado. As pessoas não estão nem aí pra experiência deles (uce n° 95 $\phi = 0,07$ uci n° 1 : *m_01).

O conteúdo dessa experiência baseia-se, principalmente, por questões ligadas aos relacionamentos e às formas de dinâmicas familiares, tendo-os como suporte genético primordial. Esse foco é discutido pelos adolescentes nas seguintes uces:

As pessoas são ignorantes. A vida dos idosos, é por mais responsabilidade, maturidade, por eles serem mais experientes, erraram em algumas coisas na vida e aprenderam com isso e agora ensinam para a gente, principalmente na questão dos relacionamentos, casamentos (uce n° 48 $\phi = 0,09$ uci n° 1 : *m_01).

Os idosos são a voz da força, da esperança, da fé, das experiências, do amor e da família principalmente, eles que são alicerces da família. Eles são doces, amigos, surpreendentes, pois eles sempre vão nos surpreender com histórias e experiências (uce n° 17 $\phi = 0,03$ uci n° 1 : *m_01).

Embora os adolescentes reconheçam o papel do idoso em ter experiências anteriores que podem ser partilhadas e funcionarem como direcionamento para melhor resolução de problemas, eles também revelam que a sociedade, incluindo-os, tratam de uma forma excludente essas pessoas mais velhas, colocando-as à margem do convívio comunitário e familiar:

As pessoas hoje elas não dão dando valor às pessoas mais velhas, que não estão mais tão inteiradas do nosso meio. Só que a gente tem que saber que os idosos foram o começo, a gente só tem tudo que temos hoje e porque as pessoas construíram e passaram isso para os mais jovens (uce n° 43 $\phi = 0,04$ uci n° 1 : *m_01).

A desvalorização das pessoas idosas é um fator que instiga o pensamento dos adolescentes sobre as formas de agir com os idosos, trazendo aspectos relacionados com a vivência e experiência das pessoas mais velhas com a maneira, com que a sociedade lida com o processo de envelhecimento e suas nuances:

A gente precisa mudar essa realidade, falando sobre isso sempre e fazendo com que as pessoas vejam que todo mundo envelhece. Por exemplo, quando a gente está no ônibus, a gente sabe que tem um espaço ali que é obrigatório, preferencial para idosos, qualquer lugar não é respeitado a presença do idoso porque as pessoas acham que eles já vão morrer mesmo (uce n° 56 Phi = 0,02 uci n° 1 : *m_01).

Querendo ou não se envelhece. A velhice é consequência do tempo e o bônus é a experiência, e a questão do respeito é uma questão que falta bastante. Os mais velhos têm muito o que oferecer pra gente. Um exemplo são as cadeirinhas amarelas dos ônibus que tem um dizer assim é bom e não custa nada ter gentileza (uce n° 99 Phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

Os adolescentes reconhecem que, ao serem motivados a pensar no envelhecimento, trazem as questões que são vistas e vivenciadas por eles para discussão e reflexão, fazendo com que eles tenham um novo olhar sobre a problemática que o envelhecer causa na sociedade, revendo o processo de envelhecimento de si e do outro.

Um aprendizado, pois muitas coisas não tinham conhecimento. Vi que tem pessoas que tratam os velhos como doentes, pessoas doentes da sociedade, como os familiares não querem andar mais com eles, com vergonha do próprio pai, tio ou tia (uce n° 164 phi = 0,07 uci n° 4 : *m_04).

Todo mundo devia passar por isso, talvez desse até para entender mais o que eles passam e a gente respeitar mais. A experiência foi muito legal, de ser idoso, a gente sente na pele o que é ser idoso, não enxergar direito, dói as pernas (uce n° 104 phi = 0,03 uci n° 2 : *m_02).

Mesmo com toda essa estruturação de pensamento dos adolescentes sobre os aspectos organizacionais da sociedade, em que trazem o papel do idoso em diferentes contextos e a forma que podem despertar para melhorarem a maneira que a comunidade trata o idoso, eles ainda associam a infância aos idosos, como se a fase da vida em que estão os idosos fosse uma segunda infância, com a diferença de que a perspectiva de vida seja diminuída.

E tendo sua segunda infância como se os idosos estivessem vivendo uma segunda infância, como se os idosos fossem outras crianças, mas que vão morrer mais rápido do que os recém-nascidos, mas nem-por-isso deixam de ser aprendizes (uce n° 26 phi = 0,02 uci n° 1 : *m_01).

A classificação hierárquica ascendente (CHA) mostra a associação das pessoas mais velhas às experiências adquiridas durante a vida e isso influencia a forma com que o idoso é colocado na sociedade, determinando as atitudes que se têm ao perceber o idoso

como um ser inserido num contexto social em conjuntos aos demais indivíduos dando movimento aos aspectos sociais inerentes a esse processo.

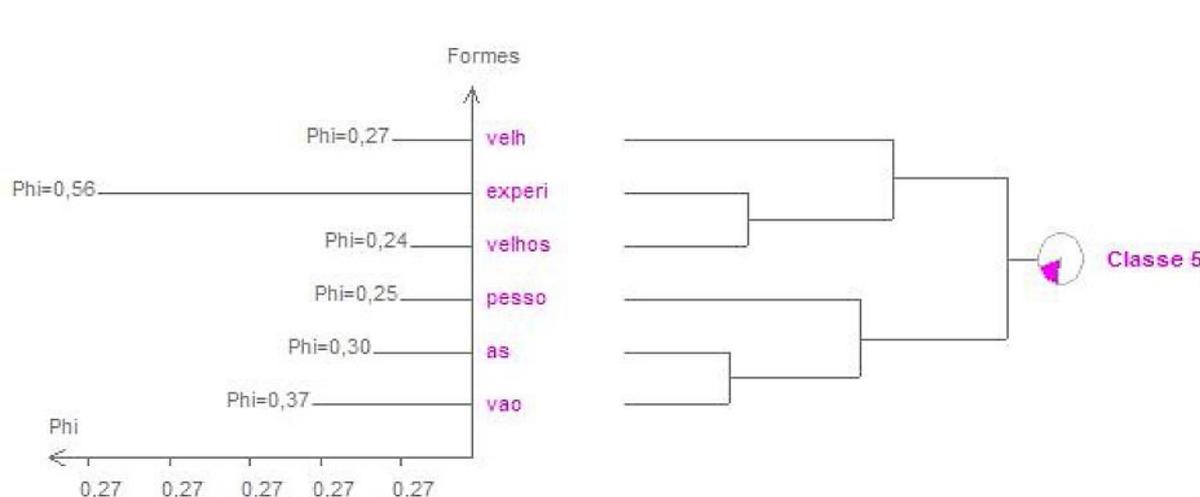


Figura 7: classificação Hierárquica Ascendente da Classe 5

Fonte: a autora (2015)

Tendo em vista essa descrição dos relatos produzidos pelos adolescentes, apresenta-se um organograma sintético da forma de pensar relacionados aos aspectos organizacionais da sociedade, trazendo o papel do idoso como foco e as ações que as pessoas têm ao se relacionarem com os idosos em espaços de vivência comum a todas as pessoas.



Figura 8: síntese organizativa da classe 5
Fonte: a autora (2015)

6.1.3 Classe 1: processo de construção do relacionamento intergeracional

A classe 1 apresenta um contexto em que os adolescentes colocam suas experiências de vida e compartilham entre si os seus julgamentos e valores sobre o envelhecimento. A classe 1 congregou 11% do material analisado pelo Alceste, e se expressa pelas palavras de representatividade, a partir da determinação do valor do Phi de 0,16, contando com 24 palavras analisáveis. Essa classe traz um contexto voltado à reflexão dos adolescentes sobre o processo de envelhecimento do outro e de si, mostrando uma dialética entre os valores próprios dos adolescentes e os que a sociedade os diz. O quadro 14 mostra como se organizam os léxicos nesta classe.

Quadro 14: organização da classe 1

PALAVRAS	PHI	FREQ
carinh	0,49	5
dev	0,44	7
envelhecimento	0,44	6
escola	0,35	3
aproveitar	0,35	3
amor	0,34	4
paci	0,34	6
sobre	0,30	7
mud	0,30	3
nov	0,30	4
cuid	0,30	6
algo	0,26	4
respeit	0,26	7
viv	0,26	7
como	0,26	16
envelhec	0,23	5
aos	0,23	3
aprend	0,22	4
futur	0,21	2
menos	0,21	2
otimo	0,21	2
somos	0,21	2
nos	0,19	7
ter	0,18	5
vida	0,18	9
morr	0,17	3
nossos	0,17	2
o	0,15	15

idosos	0,16	15
importante	0,13	4
e	0,13	45
cada	0,12	2
mais	0,12	9
dever	0,12	2
ensin	0,12	2
jovens	0,12	4
melhor	0,12	2
Momentos: Painel Ilustrativo e Avaliação		

Fonte: a autora (2015)

Os vocábulos ilustrativos dessa classe são: *carinho, devemos, envelhecimento, escola, aproveitar, amor, paciência, mudar, novas, cuidando, respeito, viver, envelhecer, aprendemos, futuro, ótimo, vida, morrer e idosos*. O que revela os julgamentos/valores/sentimentos movidos quando se toca no tema envelhecimento baseados no seu contexto social e individual.

A produção dos adolescentes mostra figuras-tipo relacionadas ao idoso, trazendo em si algumas nuances de como esses sujeitos veem os idosos e de que forma eles demonstram.

Porque o mundo vai mudando, a gente vai conhecendo coisas novas, a gente vai se adaptando às coisas novas. Para os idosos é mais difícil, eles não se adaptam rápido e a gente não tem paciência para ensinar porque eles são lesados demais (uce n° 60 phi = 0,07 uci n° 1 : *m_01).

Novas experiências. Levou-me a refletir sobre o idoso e a valorizá-los mais, cuidar dos idosos, da família e dar amor, respeito a cada um. Idoso é coisa fofa, valorize os. Fez com que a gente compreendesse de melhor forma como ocorre o envelhecimento e como são os idosos, os direitos deles e como eles se sentem (uce n° 160 phi = 0,07 uci n° 4 : *m_04).

Como visto, os adolescentes associam os idosos a pessoas lesadas (uma expressão regional do Nordeste que significa pessoa lerda/desatento), e *coisa fofa*, reiterando uma ancoragem clássica do envelhecimento que é a relação dos idosos com os

bebês, trazendo o envelhecimento, que lhes é estranho para uma realidade próxima, nominando-os de forma pueril.

Além disso, eles reconhecem a ausência de respeito da forma como os idosos merecem, trazendo uma dialética entre a forma que eles percebem a sociedade como não respeitadora dos idosos e a forma de como eles devem ser tratados.

Ter atenção aos idosos, a gente não respeita como eles merecem. A gente nasce bebê e quando a gente envelhece a gente morre bebê, porque o idoso tem que ser cuidado também, muitas pessoas não têm paciência com eles, não tem paciência para cuidar de uma criança que vai morrer (uce n° 9 phi = 0,08 uci n° 1 : *m_01).

Os discursos revelaram um processo de reflexão que os momentos possibilitaram aos adolescentes para que revissem suas atitudes perante o idoso e ao processo de envelhecimento, sensibilizando-os e estabelecendo uma relação mais empática com as peculiaridades que ser idoso demanda, trazendo o envelhecimento de si e do outro. Também revelam que é necessário ao idoso a mobilização de sentimentos benéficos e compreensão, apesar de que são as leis que os ajudam a viver melhor –, trazendo assim um paradoxo social em que as pessoas se guiam pelas leis para que os idosos possam viver melhor e, assim, garantir de fato o que os idosos merecem; o que, de acordo com o discurso dos adolescentes, são sentimentos e ações que não necessariamente envolveriam regras sociais.

O envelhecimento pode ser algo bom e novo, podemos pensar sobre o cuidado com os idosos e como devemos aproveitar cada momento da vida. Ótimo, pois ampliei meu olhar sobre a velhice e o idoso e aprendi que ser idoso é algo divertido e natural. Aprendi que o idoso, além de carinho, amor, merece compreensão e tem várias leis que ajudam ele a viver melhor (uce n° 159 Phi = 0,12 uci n° 4 : *m_04).

O que é possível mudar é nossa visão sobre idosos e envelhecimento e tudo mais. Não é a vida que tem que adaptar para nós, somos nós que devemos adaptar para a vida (uce n° 167 Phi = 0,10 uci n° 4 : *m_04).

Envelhecer é importante e aprender a tornar inesquecível cada dia que se vive. Significou aprendizagem, devemos respeitar os mais velhos. Foi muito interessante de viver isso. Devia ter durante todo ano. Devemos ver o envelhecimento na escola mesmo. Pelo menos a gente começa a ver que idoso não é só coisa chata (uce n° 168 Phi = 0,08 uci n° 4 : *m_04).

De acordo com a análise dessa classe, há várias vertentes que se estabelecem, sendo elas a reflexão/sensibilização dos adolescentes para o processo de envelhecimento, desmistificando figuras-tipo e a subsequente relação empática que se desenvolve nesse processo para a construção de um relacionamento intergeracional, baseado em

sentimentos e ações que permitam o estabelecimento de uma relação pautada no respeito entre família e idosos, como pode ser visto nas uces a seguir:

Dar o sustento, o carinho, aprendizagem, é nossa obrigação ter responsabilidade, dever favores aos idosos. Eu acho que na minha vida inteira eu sempre vou dever favores a minha avó até o último suspiro dela, porque ela é uma referência de vida, ela me deu tudo que tenho, escola, amor, carinho (uce n° 29 phi = 0,06 uci n° 1 : *m_01).

Se eu for amável, carinhosa, paciente, minha avó vai ser agradável, paciente, amável, uma pessoa doce, então depende do modo que nós, jovens e adultos, tratamos os nossos idosos, porque os idosos precisam da gente (uce n° 20 phi = 0,01 uci n° 1 : *m_01).

A relação de proximidade entre os léxicos pode ser visualizada com a CHA, na figura 9:



Figura 9: classificação Hierárquica Ascendente para classe 1 de acordo com o programa Alceste.

Fonte: a autora (2015)

Na CHA, a classe 1 revela-se na ligação entre as palavras "respeito", "vida", "dever" e "envelhecimento" – o que dá sentido e complementa a segunda divisão dos léxicos desta classe, que é "cuidado" e "viver". Esta classe fecha a ideia que se construiu com a fase 4 e 5, trazendo um aspecto de que o envelhecimento requer respeito e está relacionado diretamente à vida e aos cuidados dispostos às dimensões que o ser humano necessita durante esse processo de envelhecer. A figura 10 sintetiza como se deu a composição da classe 1:

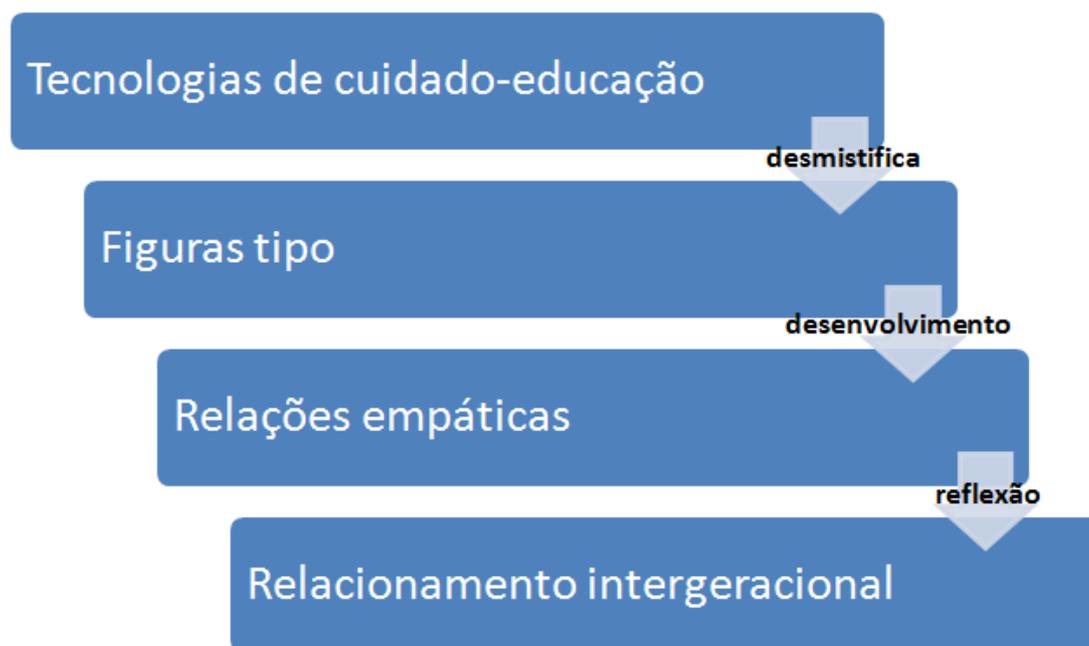


Figura 10: Síntese da organização da classe 1
Fonte: a autora (2016)

6.2 DISCUSSÃO

O processo de envelhecimento humano pode ser encarado de forma universal às pessoas, embora a forma de como lidar com isto seja singular a cada indivíduo. A construção do senso comum sobre esse processo perpassa o contexto sociocultural do cotidiano, fazendo com que surjam vários significados que são atribuídos à velhice.

O ser humano como um todo sempre se preocupou com o envelhecimento, encarando-o de formas diferentes, assumindo assim, uma dimensão heterogênea. Alguns o caracterizaram como uma diminuição geral das capacidades da vida diária; outros o consideram como um período de crescente vulnerabilidade e de cada vez maior dependência no seio familiar. Outros, ainda, veneram a velhice como o ponto mais alto da sabedoria, bom senso e serenidade. Cada uma destas atitudes corresponde a uma verdade parcial, mas nenhuma representa a verdade total (ROMMEL, 2012).

Nesse sentido, Butler (1969) reflete sobre como as pessoas tendem a vislumbrar como se dá o processo de envelhecimento e como é ser idoso, trazendo algumas questões que têm como pano de fundo o Idadismo (ou Ageísmo ou Etarismo), que é um termo que caracteriza o preconceito e a conseqüente discriminação a pessoas de mais idade, é fenômeno que continua renitente na sociedade.

Alves Junior (2006) considera que diversas construções sociais contribuem para a formação de indivíduos preconceituosos com relação à velhice e ao envelhecimento. Os ageísmos a que somos confrontados no decorrer da nossa existência acabam sendo fruto de uma não preparação para enfrentamento do curso normal da vida. A aceitação das diversas divisões da vida em etapas marcadas pelo corte cronológico, é um sinal do controle social exercido sobre o que envolve o envelhecimento e a velhice.

É de se notar que a presença do Idadismo nos discursos, gestos ou atitudes das pessoas se faz de forma que estas não se deem conta de que estão, de fato, sendo preconceituosas e discriminadoras (SOUZA; LUDOVICI; ARANTES, 2014).

Muito embora os adolescentes necessitem objetivar o que ainda não vivenciaram, eles o fizeram utilizando características físicas marcantes do processo de envelhecimento, como a queda e o embranquecimento dos cabelos, fatores geradores de preconceitos.

Dessa forma, o manejo do envelhecimento ainda é marcado por processos que fomentam julgamentos baseados na aparência física, e que são ponto de confluência para o preconceito trazido pelas falas dos adolescentes – o que aproxima ainda mais do Idadismo inerente à construção desse processo pela sociedade, a qual o adolescente agrega valores e faz julgamentos que trazem à tona as nuances ruins da velhice.

O Idadismo continua a se manifestar no discurso cotidiano em afirmações verbais ou gestuais, particularmente dos mais jovens. Tais atitudes revelam uma mera repetição de clichês de seu imaginário que parecem dirigidas a um outro ser, não-humano; como se estes mais jovens não estivessem também em processo de envelhecimento, não se dando conta de que todos somos seres envelhecendo, assujeitados a múltiplos “dispositivos”, no sentido de Agamben (2009).

Vê-se que o ageísmo parece surgir da prevalência de dois tipos de processos cognitivos na população em geral: a super generalização e super simplificação, que fazem a manutenção dos estereótipos existentes. De acordo com a Teoria da Modernização, a redução do status social do idoso, o aumento da expectativa de vida, a institucionalização da reforma, os avanços tecnológicos, a urbanização e a educação pública, são propulsores de idadismo (RALHA; BARBOSA, 2013).

O idadismo nem sempre comparece de modo explícito nas atitudes e nos discursos em relação aos mais velhos. Pode estar presente, mesmo que de modo velado, tanto na esfera cotidiana das interações interpessoais quanto nas produções midiáticas que circulam nos mais diversos meios de comunicação (CASTRO, 2015)

O imaginário do adolescente sobre o idoso e o processo que leva às pessoas a envelhecer é permeado por um fluxo de ideias que trazem o ser velho como algo errado, apesar de usarem esse termo, classificam-no como desalinhado com a noção do que é ser idoso. Versam sobre como a pessoa idosa é velha – embora este último termo não seria correto de acordo com o próprio julgamento deles; o correto seria idoso, que representa uma pessoa com sonhos, planos e motivações para seguir a vida e manter-se jovem.

O ser velho representa um conjunto de atribuições e transformações negativas que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social, o velho está diretamente associado à estagnação e a perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social; imagem negativa do aposentado, significando um final de vida, falta de capacidade pessoal e a exclusão da rede produtiva; pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que, por todos esses motivos, fez opção pela passividade (ROGRIGUES; SOARES, 2006).

Enfim, não existe uma distinção clara do que venha a ser velho e idoso, porém há um ponto em comum e convergente, que é o fato de serem culturalmente construídas e que podem ser modificados. No entanto, tais modificações não podem ser feitas e refeitas pelos seres humanos no momento que quiserem. Na verdade, a sociedade coloca limites à capacidade de o homem inscrever a cultura da natureza (DEBERT, 2003).

O debate sobre o processo de envelhecimento humano ocupa um espaço ainda pouco visitado, principalmente entre os adolescentes e jovens. Conversar, discutir, o pensar e agir com vistas a pensar nas relações sociais com idosos e no futuro enquanto ser envelhecendo, ainda é uma realidade pouco explorada em nossa sociedade.

No cotidiano, e no sistema midiático, segundo Stacheski (2012), é comum a associação entre a velhice e a doença com a debilitação física. Esta forma de conceber o processo de envelhecimento pode trazer sentimentos de inferioridade e desgosto aos idosos. A mudança física atrelada ao declínio fisiológico fortalece a visão de que o envelhecimento é uma perda sem fim. As campanhas publicitárias lançadas e trabalhadas pelos órgãos responsáveis pelos idosos, no Brasil, estão aumentando quantitativamente na última década; mas, em sua maioria, são planejadas pelo viés de prevenção de doenças advindas do envelhecimento, e processos comunicativos voltados para uma análise quantitativa/estatística e para questões de prevenção de doenças advindas da idade avançada. Embora França, Silva e Barreto (2010) defendam que a função social da mídia

é reforçar uma imagem mais positiva do envelhecimento, e cobrar da sociedade mais atenção para aqueles que precisam de mais cuidados.

No caso dos adolescentes, além das questões biológicas relacionadas à própria fisiologia do processo de envelhecimento humano, é trazida uma questão voltada à infantilização do idoso em sua forma negativa. Essa visão é reforçada ainda mais pelo entorno e contorno em que o adolescente está inserido, e que mobiliza sentimentos de forma a comparar os idosos às crianças.

O tratamento infantilizado do idoso resulta de uma comparação equivocada do tratamento afetivo e respeitoso que é dado às crianças, concepção que aproxima velhos e crianças e que, por vezes, é inculcado no imaginário social. Isso pode ser resultado, em parte, da aparente fragilização e dependência dessa população, o que acaba por se manifestar na prática dos profissionais de enfermagem, no sentido de atuar de forma imperativa, não respeitando as decisões do idoso e nem lhe fornecendo informações suficientes sobre sua saúde (CUNHA et. al. 2012)

Os adolescentes trouxeram a infantilização do idoso como ponto forte na ancoragem do envelhecimento e do ser idoso. Isto desperta um questionamento sobre como a sociedade está encarando o processo de envelhecimento com todas as nuances necessárias despertar para discussão. Cada fase da vida tem suas necessidades de cuidado; e o envelhecer não é similar ao crescimento de uma criança.

Grande parte dos trabalhos e projetos desenvolvidos no país para os idosos está voltada para o entretenimento ou para questões de prevenção de doenças advindas da idade avançada. É como se o envelhecimento não permitisse mais espaço para discutir decisões da família, da coletividade da sociedade em geral. É uma forma de infantilizar o idoso, é uma outra visão social em relação aos idosos, intrinsecamente ligada ao julgamento de anulação do papel social das pessoas mais velhas, de concebê-las como frágeis, merecendo atitudes e uma linguagem infantilizadas. Com esse julgamento de valor, a coletividade reforça uma fragilidade correspondente à velhice e os torna impotente, ao tratá-los como crianças (STACHESKI, 2012).

Nesse sentido, coloca-se o idoso como um ser que tem que ter planos para se manter jovem – e, dessa forma, nega-se o real sentido da velhice já colocado por eles em que colocam o preconceito, o paradoxo entre ser velho e ser idoso, processo de infantilização do idoso e aspectos físicos do envelhecimento.

A velhice não é só biológica; é biográfica, cada pessoa tem a sua história de desenvolvimento que deve ser levada em consideração e “envelhecer bem” é subjetivo, nunca será igual para todos (LEAL, 2013).

Percebe-se ainda a clara objetivação quando os adolescentes associam o envelhecimento à involução do crescimento infantil, culminando quando são bebês e nada sabem. Também fazem relações ao cabelo crescendo como se fosse as pessoas nascendo e amadurecendo e quando esses cabelos chegam ao fim do seu ciclo produtivos eles caem, ficam brancos, associando o idoso ao processo de finitude relativo a essa fase. Vê-se que o ciclo vital para os adolescentes é regressivo quando se chega a velhice, com a diferença de que os idosos não têm a perspectiva de evolução e sim de término da vida.

Esse conjunto de julgamentos e sentimentos que envolvem o envelhecimento contribuem para a construção das RS desses adolescentes, o que determina também o tipo de relação que eles têm com a família e os idosos com os quais tenham algum grau de convivência.

Um estudo investigativo referente aos dados sociodemográficos e clínicos de idosos de uma Unidade Básica de Saúde da Família de Fortaleza – CE, revelou que 44,9% dos idosos estudados moravam em domicílio multigeracional, prevalecendo os domicílios com três gerações (presença de filhos e netos); 43,5% moravam com filhos e/ou cônjuge e 11,7% sozinhos – o que comprova a importância de uma abordagem significativa com a população mais jovem referente ao convívio com idosos (VICTOR et. al, 2009).

Quando se fala sobre convivência entre gerações, faz-se necessário desmistificar conceitos ultrapassados, promover a aproximação entre as gerações e ressignificar os conhecimentos e a valorização das diferenças como possibilidades de troca de experiências e aquisições benéficas entre gerações. Especialmente se considerarmos que a velhice é heterogênea, justamente por sermos cada um de nós seres singulares. Diante disso, a possibilidade de serem ricas as interações entre as várias gerações na família e na sociedade (SILVEIRA; LUDOVICI; QUADROS, 2012).

Os idosos podem direcionar o caminhar dos mais jovens, prevenindo e adequando os percalços da vida; e justamente por terem essa experiência pregressa ajudam as pessoas a viverem de forma mais leve e com mais segurança, tendo a esperança de poderem ter ações diferenciadas advindas do acolhimento dos ensinamentos das pessoas mais velhas. A devolutiva por esses ensinamentos e dedicação dispensadas pelos idosos à família e à sociedade é ancorada nos cuidados necessários às pessoas mais velhas, os quais devem ser realizados pelos sujeitos que foram educados por eles.

Nesse contexto surgem as relações intergeracionais, termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos etários, não se restringindo ao contexto familiar, mas envolvendo todo o campo social (NERI, 2005). Nesse convívio intergeracional, os benefícios que podem ser adquiridos são as noções de cidadania, ética, respeito mútuo, afeto, valorização das histórias de vida e a aquisição de conhecimentos.

A sociedade precisou se reorganizar, já que essa nova demanda do velho como integrante ativo e por mais tempo aumentou evidentemente a convivência intergeracional e a necessidade de aprendizado das relações que se constituem a partir daí. Atualmente, netos e avós convivem por muito mais tempo e, considerando a revolução familiar das últimas décadas, quando pai e mãe trabalham fora de casa, os avós vêm participando cada vez mais ativamente da criação dos netos – inclusive financeiramente. É uma participação bastante efetiva e os estudos na área gerontológica constataram, através de pesquisas sobre o assunto, o surgimento de um novo fenômeno que precisa ser considerado: a avosidade, que é justamente reconhecer a relevância, a partir dos anos 1980, do papel multidimensional dos avós junto aos netos (OLIVEIRA; KARNIKOWSKI, 2012).

A falta de oportunidades de convívio com os avós provoca o afastamento afetivo e um sentimento de estranheza e de desconhecimento frente ao envelhecimento e aos idosos, que podem levar à formação de estereótipos e preconceitos. Não apenas o afastamento afetivo, mas um eminente conflito intergeracional deve ser levado em consideração ao serem propostos programas que atendam duas ou mais gerações (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

Há diferenças individuais; porém o convívio intergeracional é um dos mais valiosos instrumentos para a quebra de preconceitos, para a passagem de conhecimentos, ajuda mútua, solidariedade e amizade. Esta interação, quando prazerosa, pode favorecer o retardo da dependência (sobretudo física) e, conseqüentemente, traduzir em uma economia de recursos, que são normalmente deslocados para o tratamento de idosos (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

Merz, Schuengel e Schulze (2005) caracterizam a solidariedade como um conjunto de interesses, propósitos e simpatias entre os membros de um grupo que pode ser uma família. A solidariedade estaria relacionada a um contexto social, através de um componente moral, uma organização social e uma interação. A solidariedade intergeracional pode reverter não só na quebra de preconceitos sociais frente ao envelhecimento, mas promover a melhoria da qualidade de vida de jovens e idosos.

Essa oportunidade de convívio com o idoso caracteriza o tipo de solidariedade intergeracional estrutural discutida por Bengtson e Roberts (1991), definida pela quantidade e qualidade das relações intergeracionais, proximidade geográfica entre os membros da família, utilizando como indicadores, arranjos domiciliares, coresidência, tamanho da família e saúde dos membros.

Antonucci (2007) ressalta que a maneira como o indivíduo constrói e interpreta as situações nas relações sociais produzem um efeito na sua saúde e bem-estar. As pessoas que vivenciam aspectos positivos nas relações de apoio intergeracional sentem-se mais positivas em relação a si próprias e ao seu mundo, suportando melhor a doença, o stress e outras dificuldades.

Sob o ponto de vista pragmático, o estímulo à solidariedade por meio da quebra de preconceitos poderá ser obtido quando houver um ambiente propício para o conhecimento recíproco entre as gerações (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A qualidade deste relacionamento pode ser medida por três indicadores: intimidade, admiração e proximidade emocional entre pais e filhos, como apontaram Schwarz *et. al.* (2005). Estes pesquisadores indicaram ainda que quanto maior a intimidade e proximidade emocional da filha em relação à mãe, maior seria o apoio emocional fornecido por ela aos pais. E, quanto maior a admiração, interdependência e expectativas de dotes familiares pela filha, maior também o apoio instrumental fornecido por ela a seus pais. Em muitos casos, as avós exercem papéis muito importantes no complemento desse desenvolvimento dos mais jovens. Pais, filhos e avós são influenciados por aspectos socioculturais, e responsáveis pela transmissão de valores na família e na comunidade. O relacionamento familiar é, assim, primordial para a preservação dos padrões de comportamento na sociedade (STACHESKI, 2012).

A base familiar está diretamente ligada à imagem dos idosos pois, de acordo com os adolescentes, as experiências de vida deles servem como elo para balizar os futuros relacionamentos dos filhos/netos e decidirem quais caminhos a família deve tomar. A responsabilidade pautada no sustento das relações familiares, balizadas pelo compartilhamento de histórias e experiências progressas são fatores importantes para o reconhecimento do idoso como sujeito ativo no processo de constituição familiar e, conseqüentemente, social.

As trocas intergeracionais podem beneficiar o idoso, ao permitir que este utilize sua experiência de vida, transmitindo o passado, sua cultura, seus valores, sua história de vida. Assim, os adolescentes podem construir uma concepção positiva da velhice,

fortalecendo seu relacionamento com os idosos e transmitindo-lhes sua vitalidade e alegria – fato observado também a partir dos resultados desta pesquisa, em que grande parte dos jovens que conviveram com pessoas idosas possui concepções de caráter positivo para esta faixa etária (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

O convívio dos idosos com os seus filhos e netos pode beneficiar mutuamente as gerações, no sentido do aprimoramento dos conhecimentos em relação à história familiar, a cidade onde residem, o mundo; e fora do contexto familiar, pode facilitar o estabelecimento de uma nova amizade/afetividade que desencadeie a solidariedade, e o desenvolvimento cognitivo social (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A capacidade de autonomia e de tomada de decisões dos idosos acaba sendo ferida; e o idoso, desrespeitado. O uso de diminutivos evidencia a ausência de papel social do idoso, lembrando que eles não possuem condições para tomar suas decisões e que há a necessidade de alguém – a família, a instituição, o Estado – comandar os próximos passos, seja em relação à sua moradia, às suas atividades, às suas falas, aos seus sentimentos, às suas organizações econômicas. Como se, de repente, com a velhice, os idosos perdessem a noção dos seus valores, de sua identidade, do seu modo de vida (STACHESKI, 2012).

Entretanto, este relacionamento familiar nem sempre ocorre nos moldes do ideal, principalmente porque na atualidade cada vez é mais intensa a participação das mães e pais no mercado de trabalho. Por outro lado, com o aumento do número absoluto de idosos e da postergação da idade da aposentadoria, diversos trabalhadores mais velhos precisam continuar ativos. Esta participação intensa de toda a família no mercado de trabalho, apesar de ser importante para a economia do país, força a escola a assumir uma responsabilidade quase que integral da educação das crianças, e que de fato não tem sido cumprida (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A autoridade do velho nem sempre é tolerada pelos mais jovens, que por vezes percebem a gerontocracia como fundamentada em um poder abusivo, num saber ultrapassado e numa incompetência do presente (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A citação do Papa como referência de idoso é evidenciado pelos adolescentes por somente os idosos poderem chegar a este cargo – embora considerem que as pessoas famosas e o Papa sejam tratados com respeito por eles ocuparem uma posição social e religiosa de poder. O mesmo não ocorre com os demais idosos que não têm uma função importante na família/sociedade, sendo menosprezados pelas pessoas que os rodeiam.

Convivemos com diferentes modelos de jovens, adultos, velhos e idosos. Ao lado do vovô clássico de cabelos brancos, temos o motoqueiro tatuado que já é avô e vira pai novamente. É justamente nessa riqueza simbólica que encontramos elementos para constituir a atribuição de sentidos para o envelhecimento (CASTRO, 2015).

A desvalorização das pessoas idosas é ressaltada por não estarem a par de tudo que acontece no contexto em que vivem, onde tudo é muito rápido e permeado por tecnologias avançadas, tendo como mais um fator excludente a crença de que, sem conseguir acompanhar o progresso social, os idosos são secundários no processo de relações interpessoais da família/comunidade.

Tendo em vista essa dimensão marginalizada do idoso em que o respeito não é praticado, os adolescentes veem como experiência concreta e palpável de respeito ou desrespeito ao idoso quando se trata de lugares preferenciais nos ônibus. É nesse espaço onde as pessoas podem exercer sua cidadania ao perceberem o idoso como um ser com necessidades diferentes dos demais.

Ao aproximar os adolescentes da realidade que o idoso vivencia, é possível sensibilizá-los e estimulá-los a compreender as dificuldades vivenciadas pelos idosos. Este é um papel de pais e educadores na busca de uma sociedade em que a pessoa seja valorizada em todas as etapas da vida (GVOZD; DELLAROZA, 2012)

O debate sobre o processo de envelhecimento humano ocupa um espaço ainda pouco visitado, principalmente entre os adolescentes e jovens. Conversar, discutir, o pensar e agir com vistas a pensar nas relações sociais com idosos e no futuro enquanto ser envelhescente, ainda é um fato pouco exercido em nossa sociedade.

Os jovens exteriorizaram ainda, em suas manifestações, uma noção de continuidade e de autorrealização, no caso de questões de desenvolvimento. Os jovens desenvolvem uma visão crítica do tratamento dispensado ao idoso pela sociedade que, segundo eles, não assimila o significado natural da velhice. Os dados evidenciam que a geração jovem ainda atribui importância ao fato de o idoso poder desfrutar sua velhice no interior da família. Essa constatação nos leva a compreender como a educação em família e na escola é relevante, levando ao respeito por parte dos adolescentes aos idosos de seu convívio. É a partir da relação harmoniosa entre essas duas gerações que alcançamos uma visão positiva e otimista da pessoa idosa, passando a contribuir com toda bagagem de experiência e sabedoria para a nova geração. (GVOZD; DELLAROZA, 2012)

O discurso dos adolescentes é permeado por nexos entre como os adolescentes veem a realidade marginalizada do idoso, e de como isso pode ser mudado; e a forma

mais próxima da realidade deles são os assentos dos transportes públicos. Eles depositam nas pessoas a necessidade de compreensão e visão do envelhecimento, tomando consciência que todos irão envelhecer; nesse sentido, os adolescentes deslocam uma ação que também compete a eles às demais pessoas, colocando a responsabilidade no outro e tentando se isentar – além de associarem a percepção da proximidade da morte dos idosos com a justificativa pela falta de respeito às pessoas mais velhas.

Os adolescentes reconhecem o aprendizado que os momentos proporcionaram, sensibilizando-os para a temática por meio da reflexão. Perceberam que há pessoas que tratam os velhos como se fossem doentes, trazendo mais uma vez a ideia de que o velho é relacionado a nuances negativas, gerando vergonha entre familiares pelas condições que o envelhecimento impõe nas pessoas, tais como não enxergar direito, dores musculares e nas articulações o que dificulta a mobilidade física dessas pessoas e, conseqüentemente, a acessibilidade com o meio em que vivem.

Essa comparação é ancorada na infância como se os idosos se comportassem como crianças, tendo nessa fase sua segunda infância em que devem ter os cuidados peculiares dessa fase com o diferencial de que a morte está mais próxima e que, mesmo assim, ainda assumem um papel na sociedade como aprendizes de novidades reservadas pela vida enquanto ela houver.

O caminho para inserir o tema nos currículos será longo, mas não tão árduo, a julgar pela receptividade à temática. Aliado a isso, o convívio maior das crianças com os avós, inclusive atuando diretamente na relação netos-escola, já é uma realidade no país, provocando necessidade de inclusão do tema, e sob uma ótica de reformulação, de construção de um novo olhar (SILVEIRA; LUDOVICI; QUADROS, 2012).

Aproveitando também a temática da linha da vida, já trabalhada na escola, poderá ampliar o reconhecimento de que todos, independentemente da idade que se tenha, somos seres envelhescentes. Dessa forma, convívios diversos poderiam ser reinventados, construindo-se uma atitude respeitosa diante das diferenças – que, ao serem introduzidas como potenciais de ampliação e aquisição, propiciariam uma excelente oportunidade para as crianças participarem de seu próprio desenvolvimento como agentes do seu processo de construção de personalidade (SILVEIRA; LUDOVICI; QUADROS; 2012).

Silveira, Ludovici e Quadros (2012) exploram a ideia de desejo em ter a esperança de que um trabalho renovado na escola possa fazer com que se rejeitem, movimentem-se e desdobrem-se em outros discursos, certos aforismos imaginários existentes na sociedade, acarretadores de uma visão equivocada do que significa ser uma

pessoa velha na família e na sociedade. Assim, que tenham em mente premissas mais realistas e que resultem de uma tomada de posição teórica nas práticas educacionais em curso; são exemplares algumas afirmações já correntes neste século da longevidade: estar velho é muito mais do que reduzir-se à condição de avô. Envelhecer é processo contínuo, que acontece desde que se vive; velhice é o corolário de uma vida não interrompida. Conviver com um velho em casa ou como amigo é beneficiar-se na superação de etapas já vencidas pelo outro e ter junto a ele a chance de preparar-se para a velhice. Concluindo que, a partir dessas novas práticas e sensibilizações sirva como instrumento para estabelecer quebras de paradigmas sobre o envelhecimento.

No caso da relação professor-aluno, o caráter lúdico das atividades intergeracionais educacionais será uma fonte potencial de mediação de valores e construção da cidadania, em que ambas as partes aprendam com a troca de vivências e na interlocução de saberes. Em geral, o ambiente sociomoral das escolas requer que os alunos sejam “bem-comportados”. Esse tipo de educação, submisso e acrítico às regras, dificilmente contribui para situar valores (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

As práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo. Esses resultados podem e devem ser multiplicados por outras organizações públicas e privadas. Não menos importante é a intensificação das pesquisas acadêmicas para comprovar os benefícios intergeracionais destes programas (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A importância das experiências intergeracionais e do diálogo com o adolecer sobre as demais etapas e ciclos da vida, não numa perspectiva negativa, mas de promoção de uma sociedade que se reconheça, que seja consciente dos papéis e funções sociais de cada coorte etária, diminuindo as chances do estabelecimento de rótulos aos adolescentes ou idosos como seres distantes. Despertando nos jovens expectativas positivas quanto ao futuro e a constituição atual de uma sociedade que envelhece, sem iatrogenias e segregações entre as gerações (SOUZA, 2011).

Os Programas Intergeracionais constituem um sistema, uma abordagem e uma prática em que todas as gerações, independentemente da idade, cultura, gênero, localização e estatuto socioeconômico, se unem no processo de gerar, promover e utilizar ideias, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de forma interativa com o objetivo de fomentar a melhoria pessoal e o desenvolvimento da comunidade (HATTON-YEO, 2002).

Estes programas devem ser propostos em esquema de parceria pelas universidades, governo, organizações ou outras instituições sociais. As escolas talvez representem o espaço mais adequado para sua realização. Contudo, as organizações de trabalho, através das ações dos órgãos de recursos humanos, poderão facilitar a redução do preconceito contra os trabalhadores idosos, fomentando projetos que aproximem as gerações. Os mais velhos podem participar dos projetos de treinamento de pessoal, descrevendo uma tarefa específica, um caso significativo para a empresa, ou mesmo participar do repasse de conhecimentos ou da memória organizacional (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

Nesse sentido, Gouveia, Matos e Schouten (2016) referem as redes de amigos como uma rede de suporte que contribui para a qualidade de vida/bem-estar das pessoas idosas. Também foi demonstrado o contributo positivo de mais do que um tipo de relação (por exemplo, relações de amizade e simultaneamente relações familiares) para a qualidade de vida/bem-estar das pessoas idosas, indicando o impacto positivo da proximidade emocional na qualidade de vida/bem-estar.

É necessário que se promova uma efetiva educação multidisciplinar sobre questões relacionais entre as pessoas (como as do Idadismo aqui tratado), nas variadas instâncias da sociedade: nas famílias, nas escolas, na mídia, nos espaços de saúde, nas academias, junto aos movimentos sociais, com a partilha de experiências correlativas jovens-idosos, pró-manutenção das boas relações intergeracionais. Em suma, é imprescindível que as ações de esclarecimento e sensibilização junto à sociedade contem com o envolvimento dos próprios idosos que desejem acertar contas com seu atual tempo — em que lhes é dado viver mais com as consequentes tarefas que lhes concernem —, às quais eles precisam dar ouvidos e das quais não podem se distanciar (SOUSA *et. al.*, 2014).

A interação obtida entre as atividades lúdicas e informativas e o processo dialético deverá ser permeada pelo estímulo constante à solidariedade e à cidadania. Quem educa tem a tarefa de formar para a autonomia, de desenvolver a consciência e promover sensibilidade. A presença dos afetos é evidente para a constituição de um julgamento moral. Apesar das dificuldades que a escola enfrenta para contribuir com a formação de personalidades éticas, hoje, mais do que em qualquer outra época, ela é o espaço por excelência das relações. Para cada atividade proposta, deverá sempre ser questionado até que ponto e de que forma ela irá contribuir para esta interação. Não devem ser impostas rotinas preestabelecidas, ou mesmo propor atividades que não possam contribuir para a

quebra de preconceitos frente ao envelhecimento e o estímulo à solidariedade e à cidadania (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

Tem-se a necessidade de discussões coletivas para amortizar a lamentação sobre perda de todas as qualidades necessárias a uma sociedade solidária, a conquista de maior sentido de comunidade, mais solidariedade, mais respeito e atenção (SOUZA, 2011).

O foco fundamental do trabalho intergeracional deve ser o processo educativo centrado na melhoria da comunidade e dos que dela participam, por meio da troca de informações, de percepções e conhecimentos nas situações práticas, de forma criativa e de maneira a se obter as bases para as ultrapassagens conceituais relevantes. De nada adianta desenvolver em sala de aula um formalismo, seja matemático ou lógico, de um determinado problema, se este não se constitui enquanto problema para os participantes da comunidade (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

O caráter motivador, por exemplo, tendo em vista despertar o interesse dos idosos e das crianças ou adolescentes, implica envolvê-los em algo que tenha significado para si e para a comunidade onde residem. É necessário que se sintam seduzidos pelo que lhes é apresentado, produzido no envolvimento com o mundo, na interação com o outro, no compartilhamento de experiências e saberes (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

A sensibilização dos adolescentes para o (des)envolvimento de relações empáticas com os idosos e com o processo de envelhecimento em si perpassa pela execução de atividades educativas que estimulem o exercício da autonomia, para que eles se tornem mais ativos e participativos no processo de ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, o estudo revela que há nexos entre a aprendizagem e o contexto social, as vivências e as necessidades sentidas pelos participantes; e isso deve balizar as discussões. Portanto, as atividades que tenham como pano de fundo o lúdico, utilizando as tecnologias de cuidado-educação devem ser o ponto de partida das sessões intergeracionais e parte ativa do processo de construção de novos conhecimentos e ainda de construção de uma sociedade melhor.

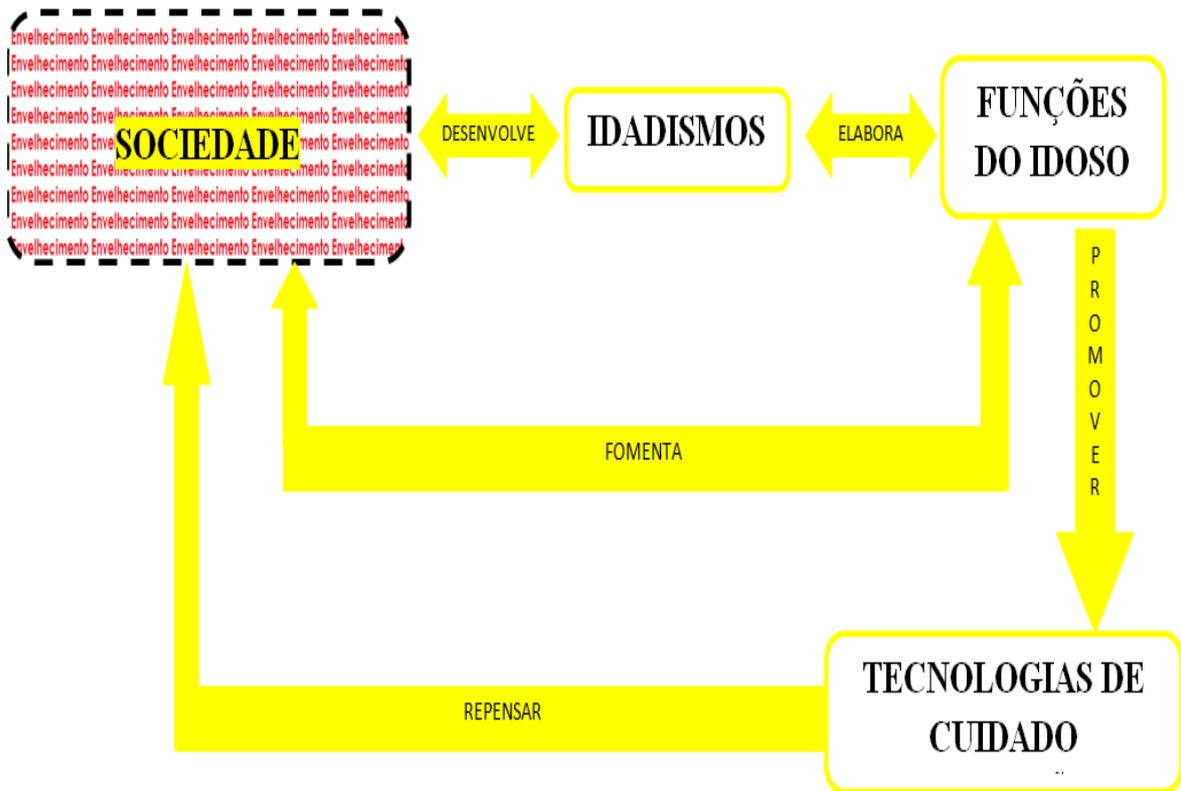


Figura 11: esquema sintetizador da discussão das classes 4, 5 e 1.

Fonte: a autora (2017)

7 JUVENTUDE *VERSUS* TERCEIRA IDADE: ESTREITANDO RELAÇÕES

Este capítulo se baseia nas classes 2 e 3 que revelam a ênfase de associação entre juventude e terceira idade, além de pontuarem sobre as relações advindas do processo intergeracional trazendo reflexões, julgamentos e sentimentos sobre a temática em voga. Nessas duas classes houve predomínio dos conteúdos produzidos nos momentos 1 e 2 do método.

O momento 1 é o momento inicial em que se mostra ao adolescente a temática, fazendo-os refletir de uma forma primária, trazendo o que lhes é familiar - *a juventude* - para o que não se nomina ainda - *a terceira idade*- fazendo ancoragens e objetivações.

Já no momento 2 se realizou o jogo do envelhecimento com os mesmos, no qual se vivenciou um pouco do que é ser idoso e de quais formas o envelhecimento pode se apresentar na sociedade a partir de uma dramatização de uma cena cotidiana, que foi representada pelos grupos, bem como discutidas as formas pelas quais o idoso se insere na sociedade e de que formas ele é tratado pelas demais pessoas.

Quadro 15: apresentação do bloco 2 de análise

Classe Dados	Classe 2	Classe 3
Tema Geral	Terceira Idade: juventude da velhice	Nós e eles: estreitando relações
Porcentagem em relação ao discurso total	17%	15%
Momentos relacionados	Momento 1: Painéis utilizando fotolinguagem Momento 2: Jogo do envelhecimento	

Fonte: a autora (2015).

7.1 CLASSE 2 - TERCEIRA IDADE: JUVENTUDE DA VELHICE

A classe 2 obteve 17% das UCEs de todo material analisado pelo Alceste, com um quantitativo de 23 UCEs e o Phi determinante da importância das palavras é de 0,13. Esta classe apresenta um contexto em que os adolescentes ancoram o que lhes é estranho,

como é o caso do envelhecimento, nas nuances que a juventude tem, tentando fazer relações entre o que é peculiar à juventude que também pode ser associado às pessoas da terceira idade. No quadro 16 mostra-se como se dá a organização dos léxicos nesta classe.

Quadro 16: organização lexical da classe 2

PALAVRAS	PHI	FREQUENCIA
idade	0,65	15
terceira	0,51	8
fase	0,38	12
problemas	0,38	4
histor	0,37	10
cheg	0,35	6
velhice	0,32	6
atividade	0,32	5
gost	0,28	7
ness	0,28	4
juventude	0,28	6
faz	0,27	14
muito	0,26	17
fisica	0,26	3
varias	0,26	3
descoberta	0,26	6
de	0,22	34
da	0,20	17
ativo	0,19	2
jovem	0,19	5
legal	0,19	2
dentro	0,19	3
conheci	0,18	3
descobr	0,19	4

diferença	0,18	3
uma	0,17	18
vida	0,16	9
ano	0,15	2
sem	0,15	4
cada	0,15	4
dele	0,15	2
coloc	0,15	2
feliz	0,15	2
muita	0,15	3
pouco	0,15	2
algumas	0,15	2
politic	0,15	2
nossa	0,13	6
muitas	0,13	4
Momentos: Momento 1 - Painel Ilustrativo com fotolinguagem		

Fonte: a autora (2015).

Na produção dos discursos pelos adolescentes, eles comunicam a ideia que têm sobre ser idoso, eles revelam que não há uma idade para serem felizes e que isso é atingido em todas as fases – inclusive quando se é mais velho e tem necessidades peculiares.

A gente escolheu a alegria na terceira idade porque não tem idade para ser alegre, porque muita gente tem a ideia que idoso está morrendo, parado, sem fazer nada, sem se movimentar, sem fazer atividade física (uce n° 1 Phi = 0,12 uci n° 1 : *m_01).

O saber dos adolescentes sobre como a felicidade se manifesta na velhice tange às questões relacionadas ao convívio social. Desse modo, os adolescentes revelam algumas atividades e comportamentos que os idosos podem adotar para que possam atingir seu bem-estar.

Tem que equilibrar. Porque questões da saúde, muitas pessoas chegam na fase da velhice com problemas de saúde e nessa parte da saúde tem o estilo de vida. Os idosos gostam de ler, fazer exercícios, assistir televisão, minha avó começou a fazer boneca de pano e hoje tem uma loja com a filha dela e hoje em dia ela tem uma loja. (uce nº 8 $\phi = 0,10$ uci nº 1 : *m_01)

A frase que a gente colocou sobre não adotar uma receita para ser feliz, apenas seguir suas vontades e tornar mais livres e realizados. Quando a gente chega nessa idade a gente quer ser mais livres, fazer o que quiser, passear, viajar, fazer as atividades de artesanato (uce nº 11 $\phi = 0,10$ uci nº 1 : *m_01).

O prazer da velhice chegar e ser bem/ vivida, aguardando aquele momento de curtir os netos. Conhecimento e compartilhamento/ de ideias entre a gente e você que trouxe um pouco de como é o idoso e fazer pensar em/ como será quando eu estiver idoso, isso é importante (uce nº 156 $\phi = 0,07$ uci nº 4 : *m_04).

Acho que se for para eu chegar nessa idade, quando a pessoa fica um pouco debilitada, a pessoa tem que ter uma alimentação mais balanceada, não pode comer algumas coisas, tipo gordura, não pode comer muito (uce nº 7 $\phi = 0,05$ uci nº 1 : *m_01).

Vê-se que eles apontam indícios de como deve ser o preparo para o envelhecimento, dando ênfase à execução de atividades que mobilizem o corpo e preencham a mente para que os idosos se mantenham ativos e participativos da sociedade, tendo um papel evidente e relacionando os cuidados alimentares como fator importante para os idosos terem uma velhice bem vivida, colocando também a velhice como uma fase de descoberta desses elementos.

As histórias deles, isso pode fazer uma grande diferença na vida dos idosos. Nos colocamos aqui uma nova juventude. De uma certa forma, a fase da terceira idade é uma nova juventude, porque é uma fase de descoberta (uce nº 13 $\phi = 0,12$ uci nº 1 : *m_01).

muitas vezes a gente pensa que a fase de descoberta é só adolescência e na fase adulta a gente também descobre muita coisa, a terceira idade é uma fase de descobertas e muitas descobertas (uce nº 16 $\phi = 0,11$ uci nº 1 : *m_01).

Os idosos descobrem a doença e como tratar isso, descobrem como é ser avó ou avô, descobre uma coisa de lazer que sempre quis fazer e agora que está aposentado pode fazer sem problemas (uce nº 15 $\phi = 0,06$ uci nº 1 : *m_01).

Há uma nítida noção de que os adolescentes encaram a velhice colocando nuances próprias da juventude, que é uma fase que estão vivenciando, ancorando a ideia do envelhecimento em pontos próximos à sua mundividência. Nessa fase de descobertas que também é a velhice, coloca-se que há uma dialética entre ser jovem e ser idoso.

Os idosos são mais alegres que a gente. A gente tem esse pensamento, mas quando a gente vai conversar com eles e vê a vida deles eles têm outras atividades, eles

gostam de fazer várias atividades, gostam de dar conselhos (uce n° 2 phi = 0,06 uci n° 1 : *m_01).

Eles tem tipo uma juventude que não e so um estado físico de bem-estar e um estado psicológico, a juventude não é só ser novinho e ter 14 anos (uce n° 82 phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

A inclusão dos idosos nas mídias sociais é um parâmetro para a caracterização de como é ter uma velhice mais ligada às questões juvenis - associando, mais uma vez, as figuras midiáticas como modelo de pessoa idosa e de envelhecimento ativo balizado pelo padrão de jovialidade.

A pessoa pode ter 100 anos e se sentir jovem, com ideias jovens tipo tenho *Facebook* e ter mais disposição que muito adolescente. E importante fazer esse contraste e mostrar algumas imagens como a gente pode ver como dentro da política como dentro da esfera da publicidade como e o mundo dos famosos a gente tem várias pessoas de uma certa idade (uce n° 83 phi = 0,07 uci n° 1 : *m_01).

Que tem destaque e a gente jovem admira muito e quer ser como eles. Ave Maria, a Suzana vieira e idosa e é muito enxuta. Todas as meninas querem ser que nem ela. Mulher bonita, famosa e rica. Tem o Roberto Carlos e o Chico Buarque também, que tem uma idade avançada mas são muito mais ativos que muito jovem aqui e são muito sábios (uce n° 84 phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

Embora deem enfoque à dimensão do comportamento e de como o idoso ativo é propagado pelo sistema midiático, os adolescentes reconhecem que há também a necessidade de se ter um olhar específico sobre as necessidades peculiares ao idoso.

Pequenos detalhes e grandes diferenças, e porque se você tiver um gesto pequeno com o idoso eles já ficam felizes, pois eles são muito carentes de atenção, de conversar, de afeto, de respeito, precisam de alguém para ouvir os problemas (uce n° 12 Phi = 0,03 uci n° 1 : *m_01).

As necessidades discutidas pelos adolescentes giram em torno principalmente do suporte psicológico e social que as pessoas podem dar aos idosos quando escutam seus problemas com o fim de demonstrar respeito e afeto para gerar a felicidade, mesmo que sejam poucos momentos e pontuais.

Revela-se um movimento dos adolescentes sobre o que é ou não ser idoso, tendo como pano de fundo as formas diferenciadas de agir e é isso que determina a idade mental das pessoas; e então concluem que idade não é sinônimo de velhice, como eles colocam diversas vezes durante a produção do discurso, como se vê nestas uces:

Só que aí a história pode mudar completamente, porque o idoso pode ser muito mais preparado fisicamente e intelectualmente que o jovem e isso faz a diferença. O idoso ser cada vez mais ativo e a juventude cada vez mais sedentária, comendo porcaria. O idoso não é sinônimo de velhice (uce nº 90 phi = 0,10 uci nº 1 : *m_01).

As músicas deles dizem muita coisa pra gente jovem se a gente prestar atenção. São muito criativos. Também tem o Caetano Veloso, Gilberto Gil, Alcione. A gente tem um mundo de juventude dentro da terceira idade. No esporte a gente vê muitos idosos nadando, na dança. O idoso não é sinônimo de velhice (uce nº 85 phi = 0,07 uci nº 1 : *m_01).

A idade não é sinônimo de velhice. Eu acho que os idosos são mais velhos que os idosos pelo sedentarismo. Por não gostar de fazer atividade física. E estagnado da cabeça aos pés. No sentido político, os jovens não são muito politizados, não sabem o que está acontecendo direito na sociedade porque eles não têm interesse (uce nº 86 phi = 0,06 uci nº 1 : *m_01).

Na CHA observa-se a aproximação dos léxicos de acordo com o seu contexto trazendo os vocábulos mais representativos da classe 2, conforme figura 12.

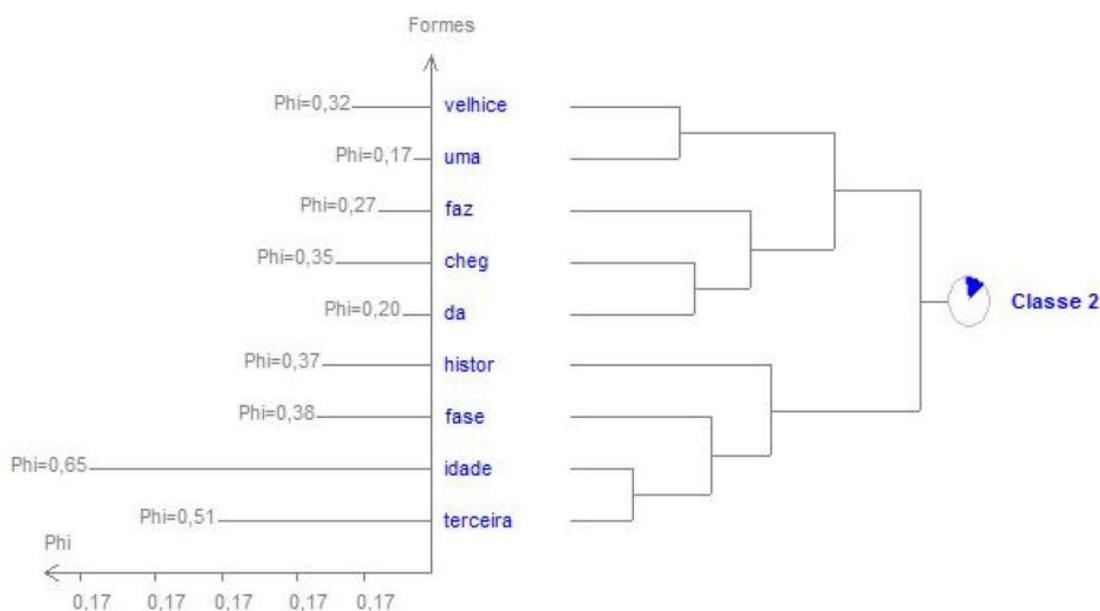


Figura 12: classificação hierárquica ascendente para a classe 2 de acordo com o programa Alceste

Fonte: a autora (2015).

A CHA expressa de maneira clara nessa classe uma relação de vizinhança entre os léxicos *velhice*, *uma*, *faz*, *cheg(ar)*, *da* colocando como um evento importante a chegada da velhice às pessoas e a forma que se relaciona com os demais vocábulos

histor(ias), fase, idade e terceira que delineiam nexos entre a entrada em uma nova fase que é a velhice e as nuances que a terceira idade têm com essa etapa do ciclo vital.

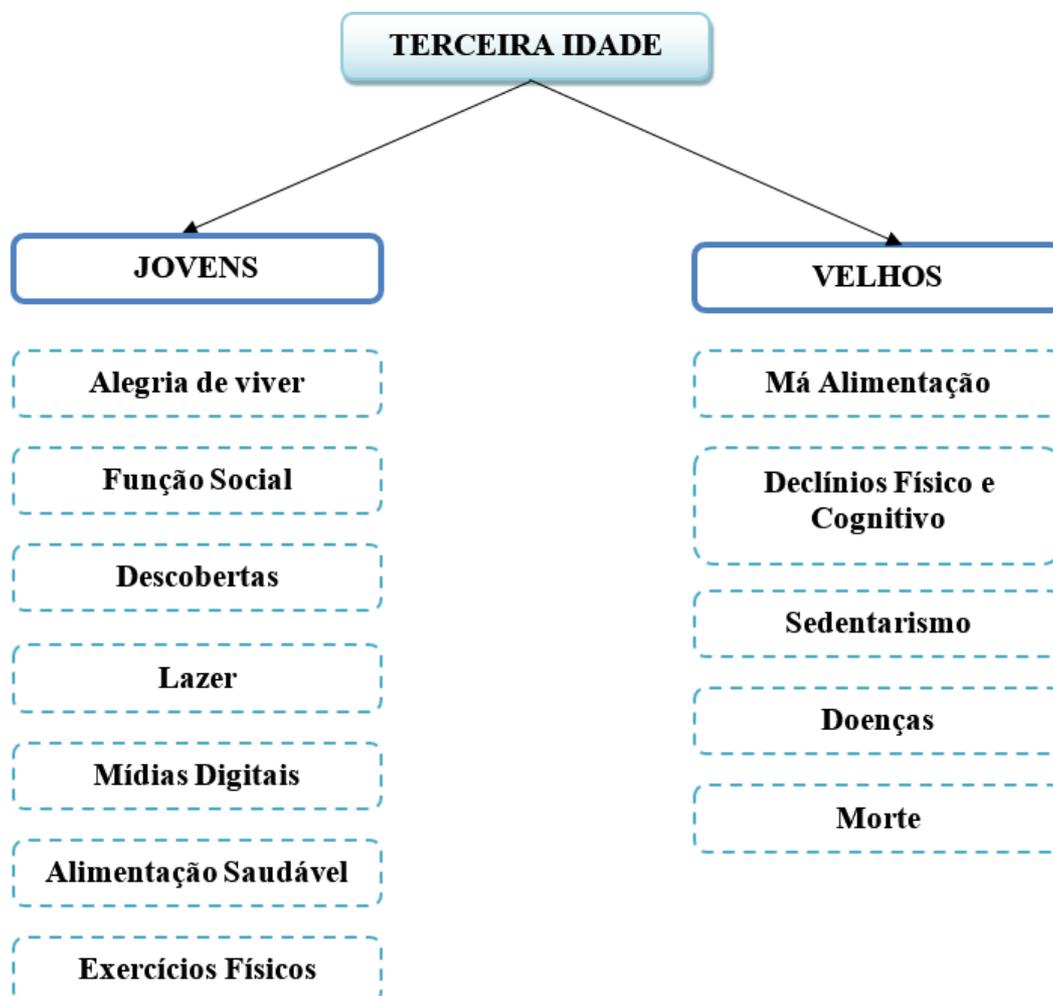


Figura 13: síntese da classe 2
Fonte: a autora (2016)

7.2 CLASSE 3 - NÓS E ELES: ESTREITANDO RELAÇÕES

A classe 3 obteve 15% das UCEs de todo material analisado pelo Alceste, com um quantitativo de 20 UCEs e o Phi determinante da importância das palavras é de 0,13. Esta classe traz as relações que os adolescentes têm sobre o envelhecimento, as reflexões que isso provoca e os sentimentos mobilizados nessa sensibilização sobre o tema, tendo a empatia como ferramenta para entender as necessidades físicas, cognitivas e sociais especiais aos idosos. No quadro 16 mostra-se como se organizam os léxicos nesta classe.

Quadro 17: organização lexical da classe 3

PALAVRA	PHI	FREQ
escut	0,48	8
vez	0,42	9
das	0,41	5
ainda	0,36	3
maior	0,31	4
jovens	0,31	8
pass	0,29	11
acontecendo	0,29	3
deix	0,24	4
cuid	0,23	5
atencao	0,23	5
faz	0,21	8
toc	0,21	2
aquilo	0,21	2
observ	0,21	6
estudar	0,21	3
paci	0,18	3
tipo	0,19	5
eu	0,17	10
nao	0,17	27
tenh	0,17	2
deles	0,16	4
estao	0,17	4
nosso	0,17	2
pezzo	0,17	10
depend	0,17	2
muitas	0,16	4

a	0,15	39
for	0,13	2
vou	0,13	4
quer	0,15	7
minha	0,14	7
muitos	0,13	2
musica	0,13	2
Momentos: Momento 1 - Paineil ilustrativo com fotolinguagem		
Momento 2 - Gincana: Estatuto do Idoso		

Fonte: a autora (2015).

Essa classe representa o que pensam os adolescentes sobre o universo relacional que permeia o ser jovem e o ser idoso, e qual a forma de se colocar no lugar do outro com o fim de estabelecer relações empáticas com o envelhecer e o ser idoso. Isso se deu principalmente no momento em que fizeram a vivência do jogo do envelhecimento, fazendo nexos com a produção livre dos recortes de revistas sobre o envelhecimento.

Assim, as discussões trouxeram a forma com que os adolescentes veem os problemas e dificuldades dos idosos, e as maneiras pelas quais podem se colocar no lugar deles para melhor compreendê-los, de forma empática, promovendo um relacionamento baseado na sensibilização para os aspectos ligados ao envelhecimento.

A hegemonia da propagação do estereótipo do ser idoso está presente nesta população estudada, uma vez que versam sobre o reconhecimento de não ser dispensada a atenção necessária para que o idoso se sinta parte da comunidade/família – além de ter claro a figura-tipo relacionada às características físicas e cognitivas da pessoa idosa.

Eu acho ótimo conversar com os idosos, eles são carentes de conversar, de ter uma pessoa para escutar, a maioria das pessoas não tem atenção. Os idosos têm cabelo branco, são gordinhos, a pele fina, isso caracteriza a fase da vida deles (uce n° 50 phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

Os idosos têm muito conhecimento, caráter para passar da gente, o caráter deles e muito diferente dos jovens, por eles já serem mais experientes e a gente não, nosso caráter ainda está se formando (uce n° 49 phi = 0,03 uci n° 1 : *m_01).

A idade passa, a essência não, pois a essência deles de brincalhões, crianças, de jovens aventureiros, a força, nunca vai passar, continuam sendo a mesma pessoa, só

amadureceram, e quando e idoso tem uma força menor para fazer tudo isso (uce n° 51 $\Phi = 0,03$ uci n° 1 : *m_01).

Essa visão de que todas as pessoas têm sua essência é fundamental para poderem discutir sobre como espera-se que uma pessoa possa envelhecer e de que forma ela chegará na velhice, permanecendo o humor e espírito de aventura de quando jovens, associando mais uma vez à ideia de idoso a de ser criança – com algumas diferenças, que são a perda da força para realizar algumas atividades de vida diária concernentes às pessoas com mais idade, tendo que adaptar tarefas para que possam ser executadas pelos idosos, como se vê nesta UCE:

Observar pequenas coisas e observar a música que a vida toca porque, muitas vezes, nós passamos a vida inteira sem observar nada. Quantas vezes a gente passa pelo mesmo lugar e nunca observamos que tinha aquilo, tipo uma árvore. Por-isso-que a gente tem que observar pequenas coisas, não só quando a gente tiver idoso sem fazer nada em casa, mas também hoje (uce n° 32 $\Phi = 0,10$ uci n° 1 : *m_01).

A UCE acima revela que tem que se observar a "*música que a vida toca*". Assim, os adolescentes objetivam as necessidades especiais de cada fase do ciclo vital como uma melodia que se deve seguir, com notas diferenciadas, buscando a adaptação ao ritmo e tons que essa sinfonia toca. Isso tem relação direta com as fases do ciclo vital e a dinâmica social específica de cada faixa etária. As pessoas devem buscar estratégias para se moldarem ao ritmo que a vida apresenta, respeitando seus limites, fazendo valer seus direitos e deveres, servindo de lição para os mais jovens:

Juntando com o que a gente está sabendo hoje e fazer com que as pessoas evoluam. E importante escutar os velhos. Até eu, as vezes tenho isso aí você e velho não sabe de nada, mas não ele já viveu aquilo que você está passando então e muito-bom você prestar atenção no que as pessoas estão falando (uce n° 62 $\Phi = 0,08$ uci n° 1 : *m_01).

Pra gente não fazer tanta besteira. Besteira tipo minha mãe diz pra eu estudar muito pra eu ser doutor se eu não escutasse a sabedoria dela eu não teria consciência que estudar e importante na minha vida (uce n° 73 $\Phi = 0,08$ uci n° 1 : *m_01).

Por causa das dores nas articulações. O futuro depende do presente, a gente cuida dos dois, pois os idosos já tiveram o passado deles e estão ajudando os mais jovens a cuidar do presente para garantir nosso futuro (uce n° 52 $\Phi = 0,07$ uci n° 1 : *m_01).

Se a gente tem uma tecnologia avançada hoje foi porque antigamente os idosos descobriram, estudaram tudo e a gente foi só aperfeiçoando. Primeiro a gente fez uma definição, idoso ou idosa e uma pessoa considerada mais velha com direito a prioridade e cuidado especiais na saúde, respeito e atenção, porque quando uma

pessoa chega numa idade mais avançada tem que ter um cuidado maior (uce n° 44 phi = 0,03 uci n° 1 : *m_01).

Tem vários espaços na sociedade em que tem muitos idosos, na política, nos esportes, também na parte científica. Muitos cientistas bons e famosos são idosos. Isso faz a gente querer ser idoso pra ser mais sabido e passar as coisas pros jovens. E inspirador. Tipo o Einstein. Na parte dos sentimentos os idosos também tem muita coisa, eles amaram demais, viveram muitas coisas boas e ruins (uce n° 81 phi = 0,05 uci n° 1 : *m_01).

Sentimentos, julgamentos e valores movem o imaginário dos adolescentes quando são confrontados com o envelhecimento, colocando, algumas vezes, uma reflexão de forma que repensem suas ações para com o ser idoso.

Eu faço a da música, confesso que não observo o lugar que eu estou, eu acho que vou fazer isso quando for idosa porque vou ter mais tempo. Quando chegar minha vez eu quero tomar banho de chuva e quero ter informação das coisas que estão acontecendo atualmente, não quero ser deixado para trás, esquecido (uce n° 34 Phi = 0,12 uci n° 1 : *m_01).

Informação das coisas que estão acontecendo na atualidade, tipo minha mãe, eu não tenho paciência para ensinar minha mãe a usar essas coisas de tecnologia tipo o celular. Isso deixa a pessoa para trás, desvaloriza o idoso, eu reconheço que eu faço isso, mas não quero mais ser assim, porque eu vi que minha mãe está ficando para trás e eu não gostaria disso (uce n° 35 Phi = 0,11 uci n° 1 : *m_01).

Tudo deixa a pessoa mais chata por não conseguir o que quer direito e ainda mais tem gente que maltrata. Vou pensar duas vezes antes de falar mal de algum idoso agora. (uce n° 126 Phi = 0,06 uci n° 2 : *m_02)

Os idosos são muito sábios, eles já viveram e passaram por muita coisa, que os mais jovens ainda não passaram. Eles têm bastante experiência, quando eles falam alguma coisa para a gente e para a gente escutar e atender, eles têm uma bagagem maior da vida (uce n° 4 Phi = 0,06 uci n° 1 : *m_01).

Elessão doces, porque as vezes a gente tem mania de achar e dizer que idoso e uma pessoa rabugenta, e chato, não tem paciência com ninguém, e cheio de coisas, e insuportável, mas se a gente for analisar e a forma que a gente trata os idosos (uce n° 18 Phi = 0,00 uci n° 1 : *m_01).

Assumem então, que o relacionamento intergeracional tem que ser baseado em troca de experiências, não somente escutarem os idosos, mas também agregá-los na família e sociedade usando da empatia como comportamento fundamental nesse processo – reconhecendo também que os idosos precisam de cuidados específicos e que, muitas vezes, quem desempenha esse papel é outra pessoa da mesma faixa etária com limitações, como relataram nas UCEs:

Mas é a realidade. As pessoas que cuidam dos idosos também são idosos, na maioria das vezes. O Paulo escutava mais que eu e aí ele podia me dizer melhor o que estava acontecendo (uce nº 112 phi = 0,09 uci nº 2 : *m_02).

Mas o Paulo também era idoso e não andava direito. Até que ponto vale a pena um idoso cuidando de outro. Eu me senti dependente de um idoso e maltratado pelos jovens (uce nº 113 phi = 0,03 uci nº 2 : *m_02).

Essas UCEs mostram a vivência que tiveram durante o jogo do envelhecimento, no qual os adolescentes puderam ver como se dão as relações cotidianas, e se deram conta de que muitas vezes quem cuida dos idosos têm a mesma idade das pessoas alvo desse cuidado. Veem que os idosos têm limitações que tentam ser supridas por outro idoso que não tem tantas afecções e que, além de tudo, ainda sofrem maus tratos pelos jovens. A dramatização de uma cena do cotidiano, como foi o caso da ida e atendimento de idosos e jovens a um restaurante, permitiu a sensibilização de um tema que, até então, não era problematizado e visto de forma crítica, promovendo um repensar nas relações intergeracionais:

Muitas vezes a gente deixa passar batido essas coisas, mas realmente é muito comum, não vejo muitos idosos indo comer em restaurante, nem em confraternização, comemoração em família. Eu quis fazer parecer mesmo um idoso. Eu não estava escutando quase nada. As pessoas que cuidam, eu não sei se vocês perceberam, mas tinha acompanhante idoso (uce nº 111 phi = 0,06 uci nº 2 : *m_02).

Muitas pessoas não dão atenção aos idosos, principalmente ao falar, as pessoas jovens falam grosseiro com os idosos, não tem paciência, as vezes não escutam direito e as pessoas não tem paciência para falar mais alto ou até para repetir (uce nº 47 phi = 0,06 uci nº 1 : *m_01).

Na CHA observa-se a aproximação das palavras de acordo com o seu contexto trazendo os léxicos mais representativos da classe 3, conforma figura 14:



Figura 14: classificação hierárquica ascendente para a classe 3 de acordo com o programa Alceste
Fonte: a autora (2015)

Vê-se que há duas subdivisões principais: a primeira une os léxicos: "escutar", "atenção", "das" e "vezes" que orientam as necessidades que os idosos têm e que devem ser foco na relação intergeracional, relacionando-se com a segunda subdivisão, em que se apresenta as ligações de contexto entre as palavras "jovens" e "passar" – que dá a ideia processual que os adolescentes têm da velhice.



Figura 15: síntese da classe 3
Fonte: a autora (2015)

7.3 DISCUSSÃO

O imaginário social dos adolescentes sobre envelhecimento se apoia em suas experiências prévias, associando as suas características ao universo do ser senescente, estabelecendo relações e buscando aproximar-se, a partir da sua mundividência, da fase da vida a qual estão as pessoas idosas.

Nesse sentido, vê-se a presença no universo vocabular dos adolescentes o termo "terceira idade" como caracterização do que é envelhecer, dando a ideia de que há uma demarcação exata sobre as fases da vida. É um aspecto que necessita de desconstrução, pois o envelhecimento tem influência de diversas dimensões, tanto sociais quanto biológicas, sendo necessário promover um repensar sobre como se dá o envelhecer para que se possa, assim, ter uma ideia do processo de envelhecimento de forma dinâmica e não engessada como a "terceira idade".

Assim, Netto (2011) conceitua o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio

ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, os quais terminam por levá-lo à morte.

Determinar o início da velhice, para Schneider e Irigaray (2014), é uma tarefa complexa; uma vez que é difícil a generalização em relação à velhice, e há distinções significativas entre diferentes tipos de idosos e velhices. A idade é um fato predeterminado, mas o tratamento dado aos anos depende das características da pessoa. Assim, torna-se difícil saber quais critérios utilizar para se definir o início da velhice, pois os aspectos que caracterizam este período são questões ainda controversas e que provocam inúmeras discussões entre os profissionais, atraindo a atenção de estudiosos.

A idade cronológica, que mensura a passagem do tempo decorrido em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais usuais e simples de se obter informações sobre uma pessoa. Porém, o conceito de idade é multidimensional e, por isso, a idade cronológica não se torna uma boa medida da função desenvolvimental (HOYER; ROODIN, 2003).

A idade cronológica, imprescindível na demarcação dos papéis e dos direitos sociais, não parece mais fundamental para distinguir o estilo de vida das pessoas; a apropriação dos valores juvenis pelos velhos atua no sentido de a idade não mais delimitar as experiências vividas, de não definir o que pode ou o que não pode ser vivenciado (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Há uma desconstrução social da idade cronológica, ao mesmo tempo em que há um reforço dela. Assim, duas categorias são socialmente construídas: a do “jovem” velho que sobrevive aos augúrios do tempo e a do “velho” velho que se curva sob seu peso (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Neri (2001a) define a idade psicológica como a maneira como cada indivíduo avalia em si mesmo a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos da idade, com base em mecanismos de comparação social mediados por normas etárias.

O imaginário dos adolescentes sobre os sentimentos concernentes à terceira idade é movido pela alegria de viver apesar de relacionarem aos idosos à morte e à debilidade física, apontando a felicidade como um meio que pode ser adaptado pelas pessoas mais velhas para dar sentido à vida.

Há padrões estabelecidos historicamente para a velhice: um deles é resumido na comprovação de finitude; e, outro, na constatação de maior frequência de doenças entre os mais velhos – ambos confirmando a inexorável ação do tempo, independentemente da

tecnologia. O envelhecimento dos indivíduos caracteriza-se, então, por alterações físicas que se associam ao declínio de desempenho de diversos órgãos (REBOUÇAS *et. al.*, 2013).

Os adolescentes caracterizam a fase da vida em que os idosos se encontram como um momento no qual as pessoas necessitam conversar mais e terem mais atenção dos mais jovens, satisfazendo assim a necessidade de estarem inseridos em comunidade/família, trazendo o caráter e o conhecimento como fatores agregadores para que sejam mais aceitos nas relações sociais.

A idade psicológica tem relação com o senso subjetivo de idade. Este conceito depende de como cada pessoa avalia a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento com outras pessoas de sua idade (NERI, 2005). O julgamento subjetivo, a estimativa da duração de eventos ou a quantidade de tempo decorrida compõem este conceito de idade psicológica, que se correlaciona diretamente com a idade cronológica e o meio.

Os sentimentos das pessoas é que são o motor para adotarem alguns comportamentos – como é o caso dos adolescentes deste estudo, que reafirmam que não importa a idade, mesmo os jovens, ao sentirem que têm limitações físicas, indisposição para atividades diárias adotam um comportamento típico das pessoas mais velhas. Isso é um fator recorrente no discurso produzido pelos alunos que, embora não tenham o fator biológico associado ao envelhecimento, associam ao idoso atitudes e ações que são comuns a todos.

Participar de redes sociais também é um evento diferencial para os jovens e idosos; as pessoas que são conectadas e sabem usar a Internet são mais aceitas socialmente das que não têm essa aptidão. Assim, o idoso que usa alguma tecnologia dura é tido como mais ativo e inserido socialmente do que as pessoas que não têm proficiência em manusear essas mídias sociais, como é o caso das pessoas famosas que aparecem na mídia e são tidos como modelos de envelhecimento.

A idade psicológica pode também ser definida pelos padrões de comportamento adquiridos e mantidos ao longo da vida e tem uma influência direta na forma como as pessoas envelhecem. O envelhecimento é resultado de uma construção que o indivíduo fez durante toda a vida. A autoeficácia, que é a crença do indivíduo na capacidade de exercer controle sobre a própria vida, está relacionada às escolhas pessoais de comportamento durante o processo de envelhecimento e à preparação para a aposentadoria. Saber superar as adversidades determina o nível de adaptação a mudanças

e a crises próprias do processo de envelhecimento. Homens e mulheres que se preparam para a velhice e se adaptam a mudanças fazem um melhor ajuste em sua vida depois dos 60 anos (WHO, 2005).

É nítida a importância da mídia para a construção do senso comum das pessoas, como é visto no discurso trazido pelos adolescentes. O modelo de envelhecimento a ser seguido é aquele em que as pessoas têm a higiene física e cognitiva, obedecem a um padrão físico colocado pela sociedade como belo e as relações de poder e riqueza que implicam na visibilidade e relevância que as atitudes dessas pessoas midiáticas influenciam no pensamento e comportamento da sociedade. Ressalta-se que esse padrão colocado pela mídia é de difícil acesso às demais pessoas, soando como algo inatingível e do qual tenta-se chegar o mais perto possível.

Dessa forma, os adolescentes reconhecem que a forma de pensar, agir e o meio em que vivem é que se associa ao comportamento típico do idoso, não importando a faixa etária – mas sim os sentimentos/ações/julgamentos que as pessoas têm é que as tornam mais velhas, revelando uma forma de burlar o envelhecimento comum a todas as pessoas, que é inevitável, e que não se trata somente de alterações comportamentais; mas sim de alterações físicas e cognitivas.

A idade biológica é definida pelas modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano, que pode ser compreendido como um processo que se inicia antes do nascimento do indivíduo e se estende por toda a existência humana (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2014).

O imaginário popular do que é ser idoso perpassa, principalmente, sobre todas as características visíveis, o que faz com o que as alterações físicas sejam mais percebidas e destacadas no discurso dos sujeitos desta pesquisa – embora eles coloquem em evidência, também, a essência do idoso que mobiliza sentimentos e afetos apesar de terem menor capacidade funcional.

As características físicas também são citadas, trazendo mais uma vez a figura-tipo hegemônica do envelhecimento, com os cabelos brancos, pele fina e mais tecido adiposo; o que os tornam seres diferenciados das demais pessoas, podendo ser mais um fator de destaque para notar o idoso.

A reflexão sobre a elevada frequência de doenças entre idosos desencadeia outra forma de hegemonia ao se caracterizar o idoso, e versa sobre o uso de instituições de saúde a fim de atender a essas demandas do corpo. Estudos apontam o comprometimento

do orçamento dos idosos brasileiros com sua saúde ao final do século XX. A maioria gastava quase metade dos recursos com despesas ligadas a doenças, especialmente com a aquisição de fármacos. Para uma população estimada em 15 milhões de pessoas com idade igual e superior a 60 anos, cerca de 10 milhões e 200 mil recebiam até dois salários mínimos, e pelo menos os com 65 anos ou mais de idade gastavam quase a metade do valor com saúde (REBOUÇAS *et. al.* 2013).

Os adolescentes dizem que os problemas de saúde dos idosos são relacionados ao estilo de vida e estão diretamente ligados à realização de atividades que permitem aproveitar de uma forma melhor a vida, como é o caso de ler, fazer exercícios e assistir televisão.

Neste sentido, Papaléo Netto (2011) discute o fato de que mesmo o envelhecer livre de doença envolve algum grau de perda funcional, expressa por diminuição discreta, porém contínua, de vigor, força, prontidão, velocidade de reação. Essas constatações levam a pensar o processo de envelhecer por meio dos paradigmas nos quais as alterações biológicas alteram progressivamente o corpo, tornando-o suscetível às agressões e finalmente o levando à morte.

A preparação para envelhecer tem relação direta do que vai determinar o que é ser uma pessoa idosa ou não. Os adolescentes afirmam que os idosos mais estimulados físico e cognitivamente são, por vezes, mais ativos que os adolescentes que não se preocupam com o futuro e não elaboram um plano para o envelhecimento.

Percebe-se que os adolescentes têm em seu imaginário a ancoragem da velhice como a juventude. Ao associarem os idosos a figuras midiáticas, os adolescentes, mais uma vez, reforçam o senso comum que gira em torno da juventude relacionada aos estereótipos de belezas vigente – além de correlacionarem ao exercício físico, trazendo um "*mundo de juventude*" dentro de uma fase da vida em que têm necessidades específicas e que precisam ser repensadas para que não se coloque como uma nova juventude, mas sim como velhice com todas as suas dimensões e nuances que são caracterizadoras dessa fase.

A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e estilos de vida, e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre o 'jovem velho' e o 'jovem jovem' e entre o 'velho jovem' e o 'velho velho' são formas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismos de diferenciação, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os

grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais (DEBERT, 1999).

A idade social, trazida por Schneider e Irigaray (2014) define-se pela obtenção de hábitos e *status* social pelo indivíduo para o preenchimento de muitos papéis sociais ou expectativas em relação às pessoas de sua idade, em sua cultura e em seu grupo social. Um indivíduo pode ser mais velho ou mais jovem dependendo de como ele se comporte dentro de uma classificação esperada para sua idade em uma sociedade ou cultura particular. A medida da idade social é composta por performances individuais de papéis sociais e envolve características como tipo de vestimenta, hábitos e linguagem, bem como respeito social por parte de outras pessoas em posição de liderança.

Dentre as UCEs emergiu uma que traz um contexto que descreve como a avó começou uma atividade para preencher o tempo livre com a confecção de bonecas de pano, e como isso culminou na abertura de uma loja. Estabelecendo nexos com a forma de atingir a felicidade, ao seguir as vontades livremente e tendo autonomia para decidir as formas que podem aproveitar seu tempo livre, quer seja realizando alguma atividade manual quer seja cuidando dos netos, contanto que os idosos tenham uma função clara na sociedade e objetivos de vida palpáveis.

Os avós tendem a funcionar como elos entre as gerações, transmissores de valores e tradições, figuras de autoridade que auxiliam os pais na socialização dos filhos, cuidadores temporários, exemplos ou mentores, ou apoiadores em momentos de crise. Ser avô ou avó oferece oportunidades de reavaliação da própria vida e de realização vicária através dos netos (DIAS, 2008).

O papel ativo dos avós no processo de desenvolvimento dos netos, a sua importância enquanto provedores de suporte emocional e financeiro e sua posição enquanto referência adulta mais importante (RABELO; NERI, 2014).

As trocas de suporte social, para serem positivas, como afirma Rabelo e Neri (2014) requerem a comunicação clara das necessidades e a capacidade do provedor de suporte para atender as necessidades. A não compreensão ou a má comunicação podem interferir tanto na apropriada provisão de suporte, quanto na percepção da adequação do suporte recebido. A comunicação é um condutor vital na provisão de suporte, e interfere na satisfação relativa à organização e à reorganização de papéis, na coesão e nos conflitos familiares. O suporte familiar bem-intencionado, mas equivocado, pode resultar em superproteção ou em aconselhamento negativo e mal informado.

Os adolescentes reconhecem a importância que os idosos têm na sociedade ao afirmarem que eles os ajudam a trilhar melhores caminhos pela vida, por já terem experiência em várias situações cotidianas comuns às pessoas, como é o caso de acatarem a ideia de que os pais/avós os instigam a estudar para que possam garantir o futuro. É com esse cuidado geracional que os adolescentes ancoram no idoso a ideia de serem cuidados no processo de desenvolvimento humano e social para que tenham um futuro próspero. Citam a inspiração nos cientistas que, quando reconhecidos perante a comunidade, muitas vezes são idosos, como é o caso do Albert Einstein, em que se têm a figura hegemônica do idoso enrugado e de cabelos brancos – com a diferença que ele é um renomado pesquisador de vanguarda, que deixou um importante legado para a ciência com reflexos importantes na contemporaneidade.

Debert (2010) aponta que a experiência contemporânea de envelhecimento relativizou a visão tradicional de que faixas etárias são acompanhadas de comportamentos específicos rígidos. Parece recorrente o reconhecimento de nítida mudança na demarcação rígida de papéis e comportamentos, para o que se pretende definir como sendo os brasileiros com 60 anos e mais de idade, partindo-se da sua definição histórica e social – portanto, gradativamente aceita e buscada –, para cada faixa etária. Sugere-se, então, o surgimento do aumento da fluidez e nuance que dificultam a identificação da idade, elemento que norteava, até agora, as relações entre as pessoas (REBOUÇAS *et al.*, 2013).

Sentimentos e ações como amor e vivências permeiam o universo dos adolescentes quando são confrontados com a velhice. Nesse sentido, percebe-se um tom de empatia que permeia o discurso dos adolescentes. Colocando-se no lugar do outro, o jovem tem uma nova visão do fenômeno, despertando para questões antes não visualizadas, problematizando-as e trazendo para diálogo com os seus pares.

O reconhecimento do espaço que o idoso ocupa na sociedade e correlacionar com as alterações que o processo de envelhecimento impõem a todas as pessoas levam os adolescentes a terem uma perspectiva diferenciada de como se dão as relações sociais entre jovens e idosos, além de visualizarem de melhor forma o pensar e agir das pessoas mais velhas, levando em consideração as limitações físicas, cognitivas, como também a história de vida que delineia a personalidade das pessoas e que perduram por toda a vida.

Revela-se, também, que descobertas da vida não são uma exclusividade da adolescência e/ou da vida adulta; eles reconhecem que na velhice há também possibilidades dos idosos terem experiências e vivências inovadoras e positivas – como

é o caso de se tornarem avós e encontrar alguma atividade de lazer após se aposentarem, tendo em vista a manutenção de um *status* que possibilite a relação com as demais pessoas mantendo um papel na sociedade.

A velhice muitas vezes é esquecida, como é visto nas UCEs, em que os idosos são deixados para trás, desvalorizados, por não terem aptidão com as tecnologias do mundo moderno; embora os adolescentes associem esta ideia a que as pessoas, incluindo-os, não têm paciência para ensinar. Vendo isso, ao se colocarem como futuros idosos, não querem ser esquecidos, desvalorizados ou deixados para trás – pois assumem que, quanto mais o tempo passa, mais surgem novas tecnologias e que, se ninguém os ensinar, vão sofrer as mesmas exclusões dos idosos da atualidade.

Há um *estilo de vida*, segundo Debert (2010), que envolve um conjunto de receitas e técnicas para a manutenção corporal, como comidas saudáveis, ginástica, medicamentos, além da incorporação de variadas formas de sociabilidade como dança, frequência a cursos e lazer, mostrando como os que não se sentem velhos devem se comportar, independentemente da idade que se expandem aos diferentes grupos sociais algumas como ações programáticas públicas como os Centros de Referência ao Idoso, outras no âmbito do acesso ao consumo da classe média.

Uma boa velhice ampara-se também no mercado de bens e serviços voltados aos seguimentos populacionais com poder de compra. E para os recém-ingressos em classes com poder de consumo surge a distância entre os ícones do novo mercado e a possibilidade de aquisição. Essa desigualdade instala-se como estrutural, cabendo às conjunturas, inclusive a mídia, o poder de ampliá-la ou minimizá-la. Mas as questões relativas às desigualdades não se restringem aos com potencial de consumo. Entre os mais velhos também se encontram os sem poder de compra. São idosos sem renda, doentes e desprotegidos, ocupando, em oposição aos mais favorecidos, o extremo oposto aos que disputam novos mercado e produtos. Portanto, simultaneamente, além da aproximação entre imagens de tipos de envelhecimento, nos novos tempos, também se perpetua a desigualdade discutida secularmente entre brasileiros (REBOUÇAS, *et. al.*, 2013)

Dentre as tipologias da solidariedade intergeracional proposta por Bengtson e Roberts (1991) encontra-se a nuance afetiva que abarca o tipo e grau de sentimentos positivos e grau de reciprocidade entre as gerações caracterizadas pela afeição, empatia, respeito, proximidade, confiança e compreensão recíprocos.

Ao se colocar no lugar do outro, tentando entender os motivos e sentimentos que os movem, os adolescentes fazem um exercício empático com um fenômeno que ainda

lhes é estranho, como é o caso do envelhecimento. Essa forma de agir possibilita a detecção de necessidades que as pessoas têm que eram invisíveis aos sujeitos do estudo, por estarem autocentrados no presente e terem como a velhice como uma fase distante e, até então, inalcançável.

Os vínculos emocionais dentro da família são fundamentais para oferecer ao indivíduo um contexto favorável ao crescimento, ao desenvolvimento, à segurança e à autonomia. Os pais passam grande parte de sua vida convivendo com filhos adultos e esse relacionamento é distinto de qualquer outro devido à longa história compartilhada. Os laços entre pais e filhos não só envolvem uma grande quantidade de contatos e trocas de apoio, mas também intensa proximidade e emoções positivas e negativas (RABELO; NERI, 2014).

Os relacionamentos entre idosos e seus filhos adultos e netos envolvem grande complexidade emocional, e sua qualidade está associada às condições de saúde física e mental dos idosos. Ainda se tem muito a aprender sobre as relações intergeracionais e maior atenção deve ser dada aos seus aspectos multidimensionais e à sua natureza sistêmica. A solidariedade entre as gerações é um princípio basilar da vida social e a família é seu mais forte motor, sendo fundamental para o bem-estar, saúde e desenvolvimento dos idosos (RABELO; NERI, 2014).

A partir de uma nova perspectiva que o estudo trouxe, pôde-se fornecer aos adolescentes estímulos que os fizessem pensar sobre o envelhecimento de si e do outro, fazendo com que despertassem diversas nuances de como a sociedade trata os idosos e de como eles gostariam de serem tratados quando forem pessoas mais velhas.

Diante da diversidade e fluidez nas relações intergeracionais e no seu funcionamento na velhice, verifica-se o desafio de ampliar conhecimentos sobre como se dá a adaptação dos idosos dentro das famílias de que fazem parte. A teorização sobre o desenvolvimento humano e sobre a família nos anos avançados pode ser favorecida, e as políticas públicas e as intervenções em saúde e em proteção social podem auferir ganhos da ampliação dos conhecimentos sobre as necessidades e as expectativas dos idosos e de suas famílias e, com eles, expandir os atuais limites de sua atuação (RABELO; NERI, 2014).

Identifica-se nas UCEs relatos sobre cenas cotidianas que evidenciam como ocorrem as relações entre as pessoas mais jovens e os idosos, retratando a forma como a sociedade trata os idosos. Não falam propriamente de si, mas ao se referirem aos outros,

os adolescentes se incluem, sendo também reprodutores de comportamentos destrutivos para com os idosos.

Eles percebem que quase não há idosos em momentos festivos em restaurantes, mas transferem para a sociedade e as pessoas jovens a culpa de tratarem os idosos de forma grosseira, sem paciência quando os idosos pedem para que as pessoas repitam o que falaram ou falar mais alto. Eles se percebem enquanto reprodutores desse comportamento, mas há o discurso do politicamente correto em que não assumem publicamente terem essas atitudes, sendo mais simples e direto culpabilizar "*muitas pessoas*", isentando-se de fazerem parte desse nicho que destrata as pessoas mais velhas. Este pode ser um aspecto de zona muda das representações sociais, conforme indica Abric (2000), quando as pessoas falam dos outros, mas não de si; no entanto, se incluem ao pertencerem àquele grupo produtor de sentidos e de comportamentos.

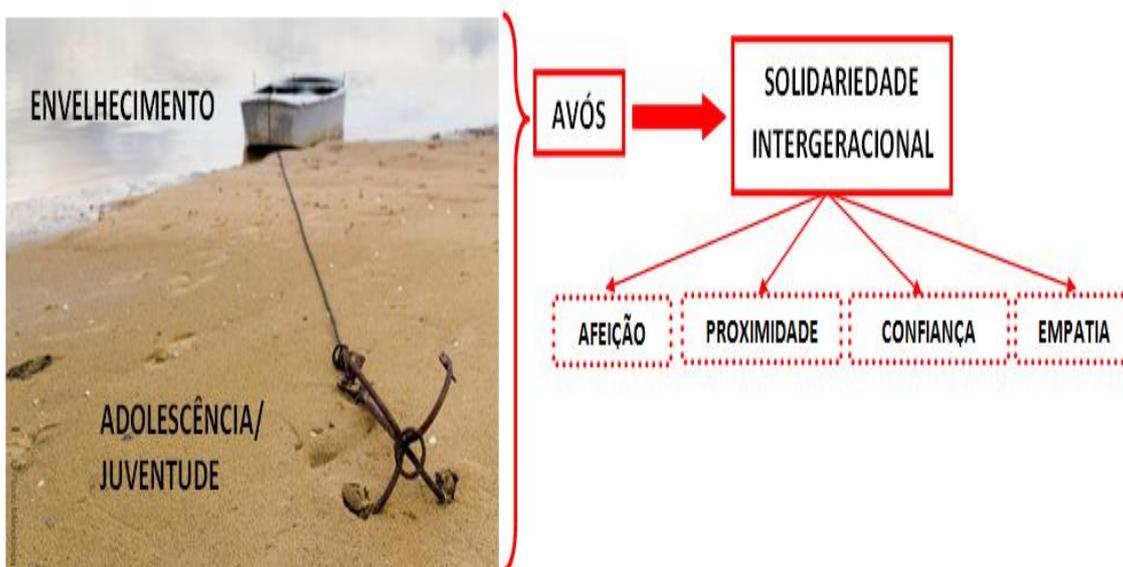


Figura 16: esquema sintetizador da discussão das classes 2 e 3.

Fonte: a autora (2017)

8 TECNOLOGIAS DE CUIDADO-EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIAS PARA REPENSAR O ENVELHECIMENTO

Este capítulo se baseia nas classes 6 e 7 e destaca a ênfase na sensibilização para a temática do envelhecimento que as estratégias interventivas promoveram nos adolescentes, os quais refletiram e repensaram sobre o universo que ronda a velhice. Nessas duas classes, houve predomínio dos conteúdos produzidos nos momentos 2 e 3 do método.

A composição desse bloco se deu principalmente pela análise da produção dos discursos dos adolescentes dos momentos metodológicos 2 e 3. No momento 2, realizou-se o jogo do envelhecimento em que eles vivenciaram um pouco do que é ser idoso e de quais formas o envelhecimento pode se apresentar na sociedade, a partir de uma dramatização de uma cena cotidiana que foi representada pelos grupos e discutidas as formas que o idoso se insere na sociedade, bem como de que formas ele é tratado pelas demais pessoas. Já o momento 3 trouxe as discussões sobre o Estatuto do Idoso, em que foi debatido sobre os direitos que essa população tem e os deveres que a sociedade deve ter no trato com o idoso.

Quadro 18: apresentação do terceiro bloco de análise

Classe Dados	Classe 6	Classe 7
Tema Geral	Eu nunca tinha pensado nisso: envelhecimento uma novidade a ser desvelada	Responsabilidade social: contribuições para os adolescentes escolares
Porcentagem em relação ao discurso total	16%	11%
Momentos relacionados	Momento 2 - Jogo do envelhecimento Momento 3- Gincana: Estatuto do Idoso	

Fonte: a autora (2015)

8.1 CLASSE 6 - EU NUNCA TINHA PENSADO NISSO: ENVELHECIMENTO UMA NOVIDADE A SER DESVELADA

A classe 6 obteve 16% das UCEs de todo material analisado pelo Alceste, com um quantitativo de 22 UCEs e o Phi determinante da importância das palavras é de 0,12. Esta classe mostra a sensibilização dos adolescentes pelo tema em estudo ao começarem a pensar no envelhecimento de si e do outro, buscando correlações em cenas cotidianas vistas antes de uma forma estéril para o envelhecimento e, a partir da reflexão provocada pelos momentos interventivos, deu cores e tons à dinâmica social vivenciada por esses sujeitos. No quadro 19 mostra-se como se dá a organização dos léxicos nesta classe.

Quadro 19: organização lexical da classe 6

PALAVRAS	PHI	FREQ
nunca	0,48	10
tinha	0,48	11
pens	0,45	15
deu	0,43	6
restaurante	0,43	6
mesmo	0,37	9
comer	0,36	8
ir	0,34	3
visao	0,34	5
comida	0,33	6
vergonha	0,33	4
vi	0,29	4
viol	0,27	3
nisso	0,27	3
vontade	0,27	3
em	0,26	12
todo	0,24	6
casa	0,22	4

assim	0,22	7
acontec	0,22	4
ou	0,20	6
lev	0,20	2
nas	0,20	2
pena	0,20	2
massa	0,20	2
eu	0,18	15
pra	0,19	7
ve	0,16	3
bem	0,16	3
isso	0,16	10
ach	0,14	6
era	0,16	4
fic	0,14	4
nem	0,15	2
que	0,14	44
poss	0,15	2
rapido	0,15	2
compreend	0,15	2
dor	0,12	2
Momento 2 - Jogo do envelhecimento		

Fonte: a autora (2015)

Nessa classe, apresenta-se a mobilização de afetos que o envelhecimento causa quando é confrontado pelos adolescentes. A vivência por meio da dramatização no Jogo do Envelhecimento causou forte estímulo para que os adolescentes repensassem sobre as cenas do cotidiano em que presenciam com o fim de ter um novo olhar que desvela o ser

idoso inserido na sociedade. A grande frase de impacto "*eu nunca tinha pensado nisso*" foi dita diversas vezes pelos adolescentes, o que revela que o envelhecimento ainda é uma temática que é pouco discutida pelas pessoas mais jovens, merecendo mais visibilidade. Estas afirmações são constatadas nas seguintes UCEs:

Eu achei incrível. Nunca tinha pensado mesmo nisso não. Não sabia que perdia a visão nem a escuta. Pensei que fosse só caducar e dor nas pernas. Tudo isso é muito revoltante, a forma que a atendente tratou o idoso, com desprezo, deu vontade de ir brigar com ela. Um absurdo (uce nº 123 $\phi = 0,15$ uci nº 2 : *m_02).

Eu só achava que eles eram desrespeitados no ônibus. Eu nunca tinha pensado que os idosos tinham essas mudanças no corpo, achava que era são coisa na cabeça e nas juntas articulações, mas eu vi que atinge o corpo todo, a visão é o pior (uce nº 118 $\phi = 0,11$ uci nº 2 : *m_02).

A gente não leva os idosos para comer fora de casa. Nunca tinha percebido que os idosos sofrem esse tipo de coisa no restaurante, são coisas pequenas que a gente nem percebe, a gente não pensa em ser adulto, jovem, adolescente, criança mas não percebe que os idosos precisam de um tratamento diferente (uce nº 107 $\phi = 0,10$ uci nº 2 : *m_02).

Um jovem xingando o idoso e apressando pra comer mais/ rápido, isso não se faz. Temos que compreender os idosos, mas eu nunca tinha pensado/ nisso, nesse negócio do dia a dia, sabe (uce nº 117 $\phi = 0,09$ uci nº 2 : *m_02).

E o pior que a gente vê muito isso por aí. É absurdo. O idoso ficando com tudo comprometido/ mesmo. É estranho pensar que a gente vai ficar assim, nunca tinha pensado nisso (uce nº 120 $\phi = 0,08$ uci nº 2 : *m_02).

Foi massa ver assim de perto, só assim a gente pensa que vai acontecer mesmo e como vai ser. Eu não queria ser idosa assim, eu pensava em ser tipo a Suzana Vieira, foi um choque (uce nº 121 $\phi = 0,07$ uci nº 2 : *m_02).

As pessoas não pensam que vão ficar idosas. É uma coisa bem longe, mas está aí, meus pais já são idosos e eu não tinha me tocado disso. Agora vou tentar olhar pra eles diferente, compreender mais e ajudar em casa. Deu pra ter mais noção do que acontece com os idosos, esse negócio de ficar com a visão comprometida é pior do que caducar (uce nº 122 $\phi = 0,07$ uci nº 2 : *m_02).

Pouca gente respeita os idosos. Todo mundo deveria ter isso na escola ou em qualquer lugar, saber como é ser idoso, o que o idoso sente. Nunca tinha pensado que o restaurante era um lugar que tem sofrimento para o idoso (uce nº 110 $\phi = 0,04$ uci nº 2 : *m_02).

Os jovens ficaram excluindo a gente. Queriam ser atendidos primeiro e não entendiam que a gente demorava pra ler o cardápio. Mas se pensar direito, é assim mesmo que acontece. Eu vejo muito isso. Nunca tinha parado pra pensar em como os idosos se sentiam em ambientes públicos (uce nº 114 $\phi = 0,04$ uci nº 2 : *m_02).

Os adolescentes relatam que as discussões sobre envelhecimento deveriam existir em diversos espaços, pois permitem que possa despertar e se sensibilizar para uma temática que ainda está distante, porém é comum a todas as pessoas e, a partir desse novo olhar, seria possível ver com outros olhos o seu entorno e contorno, vendo o envelhecimento de si e do outro e em diversos espaços de convivência.

Nunca tem coisa, comida, totalmente disponível para o idoso, comida que dê para o idoso comer nos restaurantes. O idoso que usa dentadura é impossível comer fora de casa, não tem comida apropriada (uce nº 105 phi = 0,13 uci nº 2 : *m_02).

Eu já vi isso em ônibus. Nunca tinha prestado atenção em outros lugares não. Achei massa pra gente começar a pensar que gente mal educada tem em todo canto e idoso também (uce nº 124 phi = 0,07 uci nº 2 : *m_02).

Ao despertarem a atenção de que as necessidades dos idosos não são atendidas em espaços sociais que são comuns a eles, os adolescentes trazem um novo olhar sobre a temática e veem pontos que não lhes eram claros, como é o caso de perceberem que os idosos usam dentaduras e, muitas vezes, não têm comida apropriada para eles nos restaurantes. Então, ser/ver um idoso em um local que lhes é familiar aproxima-os ainda mais para a temática, trazendo reflexões e permitindo desvelar o universo que permeia o envelhecimento, revendo algumas práticas e identificando violências contra o idoso.

Não dava pra pegar o dinheiro no bolso, realmente isso acontece, a gente vê no supermercado, por exemplo, os idosos demorando pra pegar e contar o dinheiro. Não pensava que era dificuldades dele, achava que era lerdeza mesmo. Os idosos são frágeis, quase crianças mesmo. Vi muita violência aqui (uce nº 116 phi = 0,13 uci nº 2 : *m_02).

Me deu muita pena desses idosos, é uma violência isso (uce nº 128 phi = 0,07 uci nº 2 : *m_02).

Os adolescentes ancoram a ideia de fragilidade comparando os idosos às crianças. Mais uma vez, trazem a infantilização do idoso, como seres indefesos e incapazes físico/cognitivo, o que gera o sentimento de pena e causa desconforto nos adolescentes pela forma como as pessoas tratam os idosos – fato este mais notório a partir do desenrolar dos momentos de tecnologia cuidado-educação. Essas constatações despertam os adolescentes para as várias nuances no lidar com os idosos, emergindo a necessidade de ajudá-los a atravessar esses problemas.

Você não poder ver é o fim do mundo. Fiquei com pena, mas com vontade de ajudar mais as pessoas idosas pra que elas não sejam tão maltratadas. A gente vendo a cena

de fora, deu uma revolta, quando os jovens começaram xingar os idosos para eles irem mais rápido, dizendo que estavam atrapalhando, isso é uma falta de respeito, vergonha (uce nº 119 phi = 0,07 uci nº 2 : *m_02).

Na CHA observa-se a aproximação das palavras de acordo com o seu contexto trazendo os léxicos mais representativos da classe 6, conforme a figura 17:

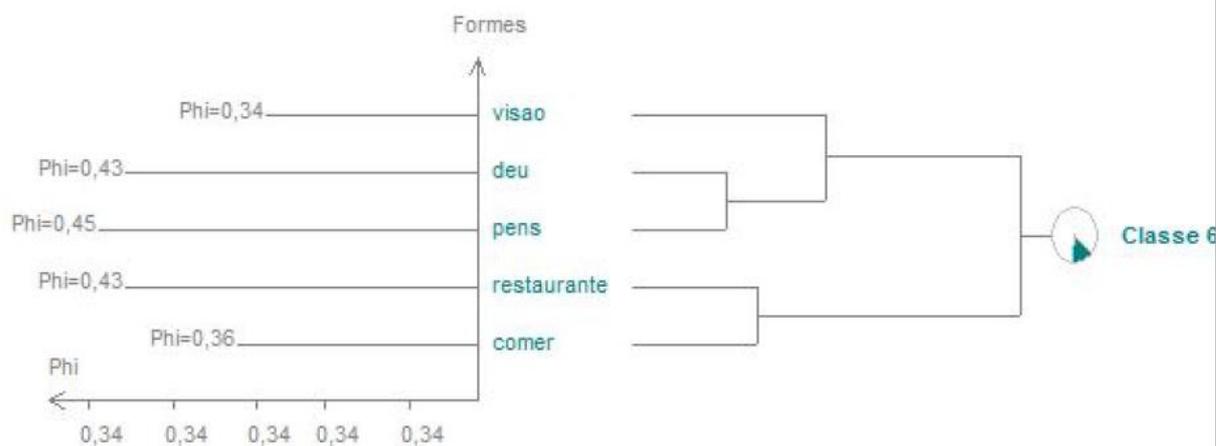


Figura 17: classificação hierárquica ascendente para classe 6, de acordo com programa Alceste

Fonte: a autora (2015)

Vê-se que há duas grandes subdivisões: "*visão*", "*deu*" e "*pensado*"; "*restaurante*" e "*comer*". Tais relações abordadas na classe 6 também estão em evidência na classificação ascendente, já que esta liga tais palavras, relacionando-as com uma característica de alteração física do envelhecimento que é a visão com a cena do restaurante, vendo-a, a partir do momento interventivo, com um novo olhar, como exposto.

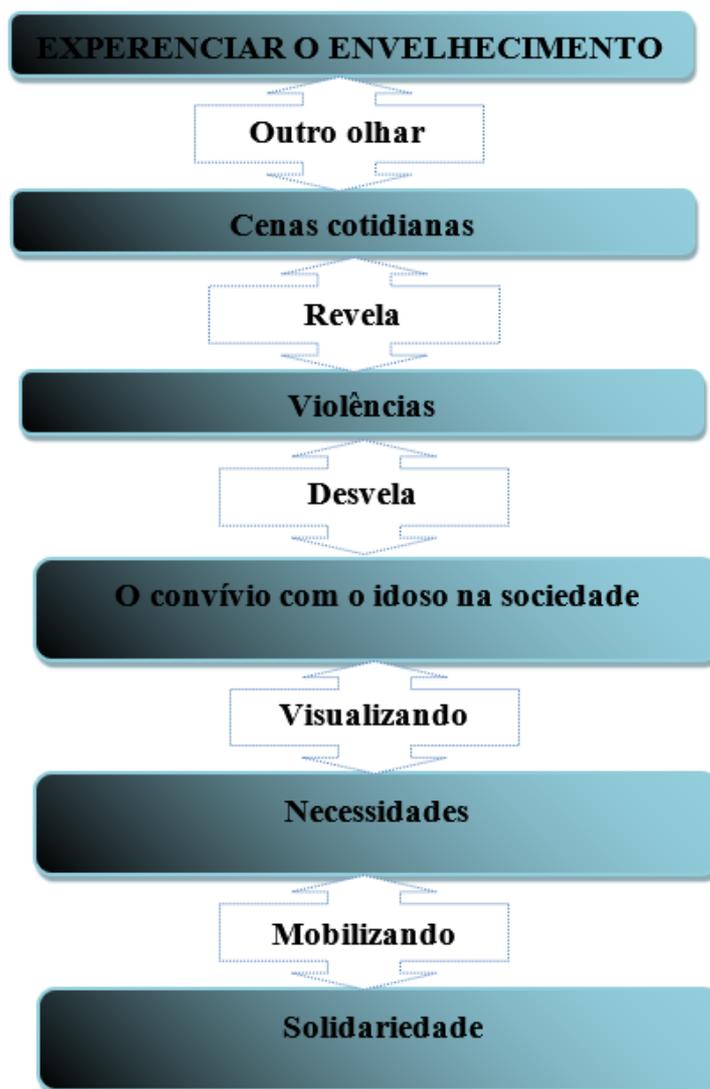


Figura 18: síntese da classe 6.
Fonte: a autora (2015)

8.2 CLASSE 7 - RESPONSABILIDADE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO MÉDIO

A classe 7 obteve 15% das UCEs de todo material analisado pelo Alceste, com um quantitativo de 15 UCEs e o Phi de corte determinante dessas palavras é de 0,14. Esta classe revela o conhecimento do Estatuto do Idoso pelos adolescentes. Até então, conheciam somente o Estatuto da Criança e do Adolescente. Reconhecer a necessidade de um conjunto de leis para reger a conduta moral e ética da sociedade, auxilia na garantia dos direitos e deveres da população. Portanto, ao tomarem consciência disso, os adolescentes colocam-se como agentes multiplicadores de saberes sobre o conteúdo do

Estatuto do Idoso além de repensarem o relacionamento intergeracional cotidiano. No quadro 19 mostra-se como se dá a organização dos léxicos nesta classe.

Quadro 20: organização lexical da classe 7

PALAVRA	PHI	FREQ
lei	0,75	15
estatuto	0,66	10
gincana	0,55	5
avo	0,44	8
pro	0,42	4
exist	0,42	4
conhec	0,41	7
adolescente	0,41	5
diz	0,36	7
foi	0,36	11
ver	0,34	8
era	0,32	5
esta	0,32	7
essa	0,30	8
direito	0,31	9
toda	0,30	3
nossos	0,30	3
ninguem	0,30	6
muito-bom	0,30	3
ate	0,28	5
precis	0,28	6
dar	0,26	4
pra	0,23	10
tem	0,24	22

dever	0,23	5
onibus	0,23	3
sab	0,21	9
pelos	0,21	2
trabalh	0,21	5
no	0,18	6
so	0,18	7
mas	0,19	9
na	0,17	7
ach	0,17	6
diss	0,17	2
muitos	0,17	2
para	0,14	16
serem	0,15	2
respeit	0,14	5
Momento: Momento 3 - Gincana sobre o estatuto do idoso		

Fonte: a autora (2015)

Nesta classe houve predomínio dos discursos produzidos pelos adolescentes durante o momento 2, que foram originados a partir da gincana sobre o estatuto do idoso, mostrando-se como uma ferramenta importante para que os participantes do estudo dessem visibilidade ao conjunto de leis que são voltadas ao idoso, até então desconhecido por eles, como se vê nas UCEs:

Essa gincana serviu para gente ver que existe lei para os idosos. A gente achava que era só invenção esse negócio de fila preferencial, lugar preferencial nos ônibus. Mas está na lei e a gente tem que respeitar. A gente só conhecia o estatuto da criança e do adolescente e essa lei do idoso vai servir para gente dizer para nossos avós que eles têm um monte de direito que nem eles sabiam que estão no papel (Uce n° 129 Phi = 0,15 uci n° 3 : *m_03).

Tem gente que não tem respeito nenhum pelos idosos. Talvez as pessoas não saibam que os idosos têm muitas leis que protegem a pessoa idosa. Eu achava que idoso era uma pessoa que não tinha nada que protegesse. Só conheço o estatuto do adolescente,

não sabia que pra idoso tinha estatuto também (Uce n° 140 Phi = 0,09 uci n° 3 : *m_03).

Vê-se que os participantes do estudo têm conhecimento prévio do estatuto da criança e do adolescente, pois tal estatuto trata de temas de seus interesses etários. Ao tomarem ciência do estatuto do idoso, podem servir de multiplicadores de saberes para os avós, principalmente.

Nesse sentido, percebe-se que, mesmo ao serem confrontados com uma realidade que o estatuto do idoso coloca para balizar o comportamento social e garantir os direitos dos idosos, os adolescentes ainda não se colocam nesse processo, tendo um olhar voltado para as pessoas que têm maior idade e excluindo-se enquanto seres envelhecetes, pois ainda não têm as alterações hegemônicas do envelhecimento, como as UCEs tratam:

Achava que era só um agrado para quem já e idoso, mas está na lei e tem que ser cumprida. Achei que foi boa essa gincana para a gente conhecer os direitos dos idosos, todo mundo deveria saber, toda turma deveria conhecer, pois somos todos cidadãos (Uce n° 132 Phi = 0,11 uci n° 3 : *m_03).

Eu achava que era só porque tem escrito no ônibus pelos idosos serem mais velhos e mais cansados que tem que dar a cadeira, mas está na lei, no estatuto, tem que respeitar, tem que dar o lugar (Uce n° 134 Phi = 0,10 uci n° 3 : *m_03).

Como está revelado nestas uces, a forma de lidar com os idosos tem relações com as alterações físicas/cognitivas do processo de envelhecimento e a percepção das necessidades que as pessoas mais velhas têm e que os jovens devem buscar suprir, baseado não nas leis, mas sim na conduta ética e moral, colocando como um "*agrado*" – ou seja, uma gentileza das pessoas. Ao conhecerem que existe um código escrito para balizar o comportamento da população, eles tomam consciência de que as pessoas só respeitam os direitos dos idosos por causa da obrigatoriedade e do medo da punição que as leis têm em seu conteúdo. Portanto, chegam a conclusão de que só se respeitam os direitos dos idosos por existir um Estatuto que normatiza o comportamento social que pune quando há desobediência.

Dessa forma, os adolescentes reconhecem que as pessoas que cobram respeito pelos direitos dos idosos são "*chatos*" por estarem cumprindo o dever cívico de estabelecer a ordem através das leis voltadas aos idosos, como é visto nesta uce:

Mas agora eu aprendi que eles têm muitos motivos pra serem um pouco chato às vezes e por isso vou tentar ver diferente essa chatice deles. Gostei da parte que os idosos têm direito a passagens de ônibus pra outras cidades, vou até dizer pra minha avó, ela viaja toda semana pro interior (Uce n° 143 Phi = 0,09 uci n° 3 : *m_03).

Os adolescentes trazem a discussão do Estatuto do Idoso como uma tomada de consciência e desvelamento do que até então era oculto para eles, como é o caso das leis específicas da pessoa idosa. Referem que há uma descoberta de um universo novo permeado pelo conhecimento desse código escrito e que, a partir de então, podem ver de uma forma diferente a maneira como a sociedade se organiza.

Essa gincana do estatuto foi importante pra gente. A gente não sabia nem-que tinha lei especifica pra idoso. Só falam sobre o estatuto do adolescente e tal. Ninguém fala do idoso, e tipo um tabu. Tem a lei, mas ninguém fala. Teve uma coisa interessante que foi que na lei diz que o idoso, se ele quiser, ele pode trabalhar (Uce n° 137 Phi = 0,09 uci n° 3 : *m_03).

Esse jeito de mostrar as leis para o idoso, o estatuto foi ótimo, bem dinâmico, serviu para a gente ver que existe lei especifica para o idoso, não e só para criança e adolescente não (Uce n° 130 Phi = 0,08 uci n° 3 : *m_03).

Isso foi uma coisa que me deixou pensativo. Foi uma maneira divertida de ver as leis. Ninguém aqui sabia que isso existia. Foi muito-bom ver desse jeito, com brincadeira. A gente aprende até mais. Tem muitos direitos pros idosos, mas a gente não vê ninguém fazendo isso na vida (Uce n° 139 Phi = 0,07 uci n° 3: *m_03).

Ao confrontarem a realidade eles se dão conta que há muitas nuances do idoso que são desrespeitadas por ignorarem as normas sociais que regem o comportamento ao tratar das pessoas com mais idade, reconhecendo que há uma falha de conhecimento gerado pela falta de diálogo sobre esse universo, causado pelo tabu que ronda a forma de pensar e agir da população. Essa estimulação em ver o tema, "deixam pensativos" os adolescentes que se sensibilizam e repensam sobre a pauta do relacionamento intergeracional.

Essa forma de aprender foi ótima pra gente poder ter outra visão dos direitos dos idosos. Essa gincana fez a gente se sentir mais perto dos idosos. Conhecer mais sobre o que eles têm direito foi muito-bom. Um dia a gente vai envelhecer e vamos precisar. Até mesmo pra dizer em casa, pro meu avô, e bom (Uce n° 144 Phi = 0,09 uci n° 3 : *m_03).

O que a gente vê são os idosos trabalhando não porque querem, mas porque precisam. Minha avó vive dizendo isso se eu pudesse não trabalhava mais. Isso me deixou mal, sabe. Ver que tem toda uma lei pros idosos terem melhor vida e minha avo não quer trabalhar, mas tem que trabalhar pra ajudar em casa (Uce n° 138 Phi = 0,08 uci n° 3 : *m_03).

Pra mim foi muito bom. Estou falando melhor com minha avó que eu não estava dando atenção que ela queria. Fiquei pensativo. Importante para ver que os adolescentes também envelhecem (Uce n° 169 Phi = 0,06 uci n° 4 : *m_04).

Essa visualização do panorama que as leis estabelecem na sociedade trazem à tona uma nova forma de pensar e agir dos adolescentes, tanto perante os idosos que os circundam, fomentando a maneira pela qual as relações intergeracionais se estabelecem, propiciando um senso crítico da realidade e revendo paradigmas, reafirmando o papel de multiplicadores desse conhecimento.

Temos que nos conscientizar dos nossos direitos e deveres, até orientar os idosos no que está na lei e o governo, a família também tem dever de dar para eles (Uce n° 133 Phi = 0,09 uci n° 3 : *m_03).

Essa gincana foi boa para a gente ver que a lei existe e precisa ser cumprida, que todo mundo tem que espalhar isso por aí. Todo mundo deveria conhecer. A gente não conhece hoje, mas está há muito tempo aí e ninguém observa, ninguém respeita, a gente precisa dizer para os nossos avós, brigar na fila do supermercado, dizer que é um direito que está no estatuto do idoso (Uce n° 135 Phi = 0,13 uci n° 3 : *m_03).

Nossas avós têm precisam saber disso e acho que a gente pode dizer para eles, orientar até os vizinhos, principalmente nessa questão da aposentadoria, não sabia que era obrigação do governo dar aposentadoria (Uce n° 131 Phi = 0,08 uci n° 3 : *m_03).

Como você disse, se tem um estatuto e porque os direitos não estão sendo respeitados, precisamos respeitar e tem que passar para os idosos o que está escrito no estatuto (Uce n° 136 Phi = 0,06 uci n° 3 : *m_03).

O reconhecimento da invisibilidade das leis que regem os direitos e deveres dos idosos é revelado pelos discursos dos adolescentes. Os adolescentes concordam que as pessoas, incluindo-os, não têm acesso a esse tipo de conhecimento que deveria ser disseminado para todos, para que assim os idosos pudessem ser atendidos integralmente enquanto seres participantes de uma comunidade. Observa-se que, no que compete à aposentadoria, não tinham conhecimento de que o Governo garantiria um provimento financeiro mínimo para os idosos que não dispusessem de nenhum rendimento.

Na CHA observa-se a aproximação das palavras de acordo com o seu contexto trazendo os léxicos mais representativos da classe 7, conforme vê-se na figura 19:

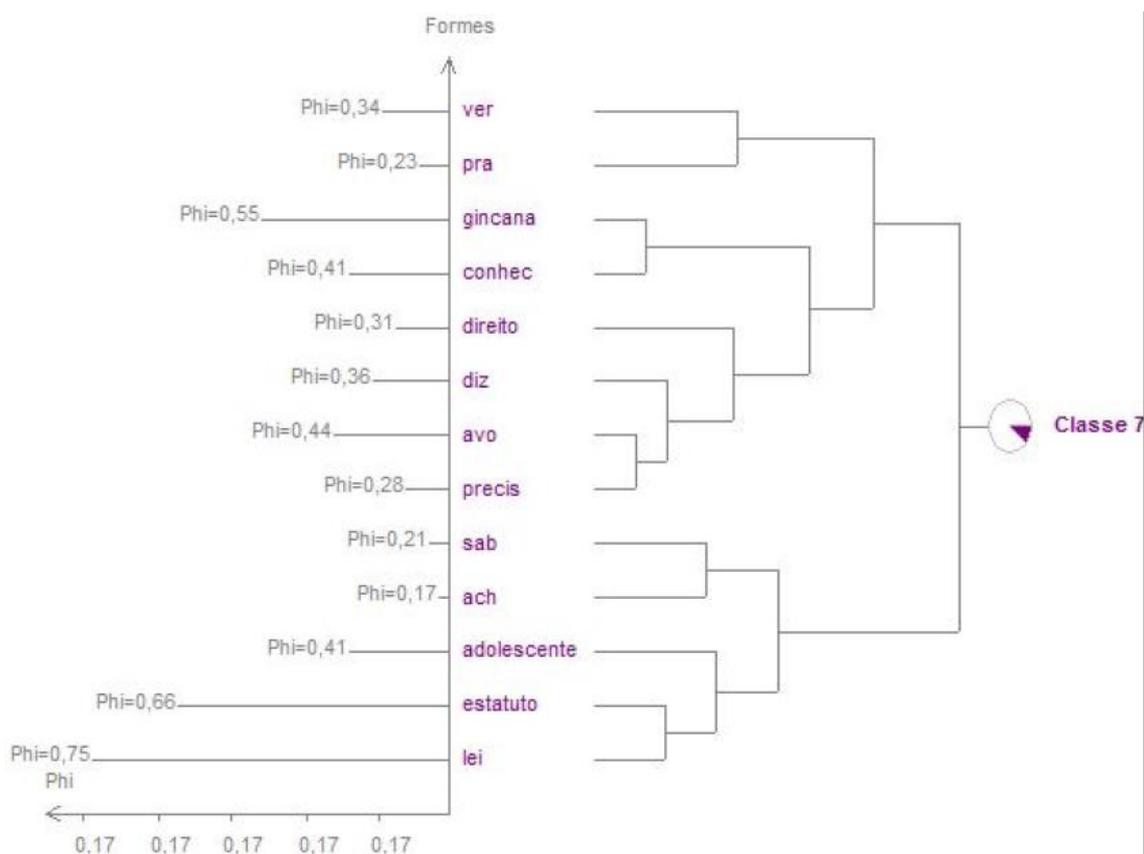


Figura 19: classificação Hierárquica Ascendente para classe 7 de acordo com o programa Alceste
Fonte: a autora (2015)

Na CHA vê-se a formação de grandes duas subdivisões, retratando a força associativa que esses léxicos têm nos discursos analisados. A primeira que engloba as palavras "ver", "gincana", "conhecimento", "direito", "diz", "avós", "precisa" revela o discurso dos adolescentes sobre o que o momento interventivo propiciou a eles e que isso diz respeito diretamente à forma como lidam com os avós; ou seja, demonstra um grande enfoque intergeracional arraigado no pensamento desses sujeitos.

Já a segunda subdivisão compreende os léxicos "saber", "achar", "adolescente", "estatuto" e "lei" mostrando pistas que os adolescentes têm que ter conhecimento sobre as leis voltadas ao idoso que são pouco exploradas pela sociedade.

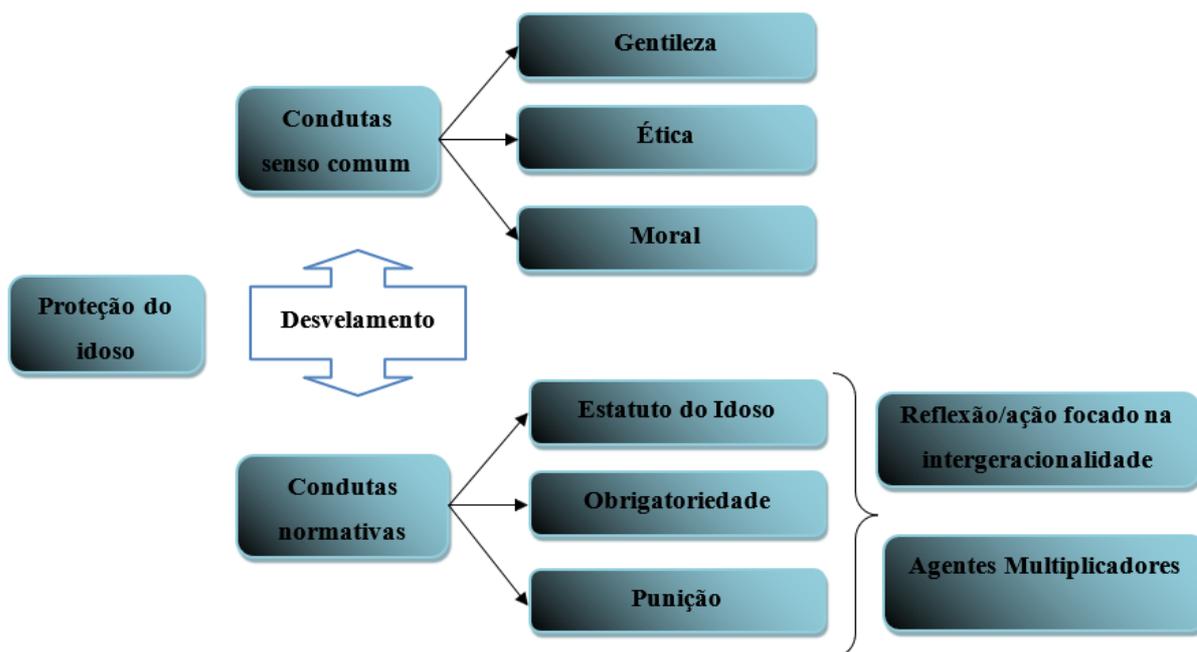


Figura 20: síntese da classe 7
Fonte: a autora (2016)

8.3 DISCUSSÃO

Os adolescentes veem o envelhecimento como algo inalcançável que só pode ser palpável a partir do momento em que vivenciam algum aspecto que é comum aos idosos. Para tanto, a sensibilização para a temática do envelhecer é uma ferramenta imprescindível para trazer à tona discussões com vistas a identificar e desmistificar algumas nuances que o universo do ser idoso apresenta.

Evidencia-se nas UCEs que os discursos dos adolescentes sobre o envelhecimento assumem um olhar de desvelamento, tornando visível o que, até então, era escondido para eles. Esse despertar foi instigado principalmente pela vivência de como é ser um idoso em um ambiente que faz parte do cotidiano dos adolescentes – como é o caso do restaurante, que foi abordado durante a vivência do jogo do envelhecimento.

A simulação de alguns aspectos físicos do envelhecimento, como foi a colocação de algodão nos ouvidos, luvas nas pontas dos dedos, óculos embaçados, feijões dentro do sapato e uso de bengalas, fazendo referência à diminuição das acuidades táteis, visual e auditiva, além de dores musculares e nas articulações, foram correlacionadas com situações cotidianas concretas para os alunos, como é o caso de um restaurante.

A mobilização de sentimentos, julgamentos e afetos que estão imbuídos na dramatização que adveio com o Jogo do Envelhecimento traz à tona alguns comportamentos que são identificados pelos adolescentes como violentos com o idoso. Ao pensar nas dificuldades que as pessoas mais velhas têm ao conviverem em uma sociedade em que o dia-a-dia não é adaptado às suas necessidades geram sofrimento e, conseqüentemente, violências ao idoso.

O fenômeno da violência contra a pessoa idosa pode ser decorrente do agrupamento de pessoas de diferentes gerações, bem como da dependência obrigatória dos idosos, o que ocasiona o surgimento de conflitos que decorrem da quebra do diálogo e da argumentação livre, tornando a relação entre os jovens e os mais velhos complicada, sendo que tais pontos acontecem desde o meio doméstico até o convívio social, perpassando o âmbito institucional (FLORÊNCIO; FERREIRA FILHO; SÁ, 2007)

Souza, Matias e Brêtas (2010) referem que o envelhecimento é silencioso, não é percebido na sua plenitude; na maior parte das vezes apenas é identificado quando o indivíduo tem comprometida a sua capacidade funcional. No caso dos adolescentes, fisiologicamente, não se espera que tenham incapacidades funcionais e cognitivas, não se identificando com a fase da velhice, o que gera um tabu acerca do tema.

A partir das tecnologias de cuidado-educação propostas, os adolescentes comunicaram uma mudança de paradigmas no que tange às mudanças físicas e cognitivas, significando como "*choque*" perceber que não seriam idosos igual a Suzana Vieira, atriz famosa. Os nexos entre o que a mídia traz para a reflexão da população sobre o que é ser idoso e a realidade vivenciada cotidianamente pelos adolescentes, causa estranheza e tem ares impactantes sobre o que o futuro lhes reserva.

As questões sobre como o processo de envelhecimento são abordadas na mídia, embasam a construção das RSs dos adolescentes e causam estranheza quando são confrontados com a realidade da vida cotidiana.

A velhice, de acordo com Pereira, Freitas e Ferreira (2014), mesmo distante dos adolescentes, constitui um tema que reporta as pessoas a sentimentos e pensamentos que envolvem questões temidas por muitos: a passagem do tempo, doenças, limitações, morte, perdas, solidão e, assim, se torna um assunto que causa certa resistência e temor.

Araújo e Andrade (2012) afirmam que o tabu é algo que tem uma significação multifacetada, reportando, de um lado, para o "sagrado" e, do outro, para o "misterioso", o "perigoso" e o "proibido". Em comum, entretanto, há o fato de todos esses elementos não deverem ser tocados ou abordados, de forma que denotam algo que deve permanecer

à distância daqueles que não compartilham dele, como é o caso dos adolescentes que têm por desconhecido o envelhecimento, já que associam ao declínio físico e cognitivo.

Os adolescentes admitem, portanto, que todos devem se conscientizar da forma como as pessoas mais velhas são tratadas e de como isso reflete na construção de uma sociedade mais sensível às questões do envelhecimento com todas as nuances – não somente físicas, mas também nas formas de regras que balizam as condutas sociais, buscando a ordem por meio da obediência e punição.

Na prática, a execução de tais leis ainda é precária e muitos idosos ainda são negligenciados nos seus direitos de cidadãos, pois, além das avaliações legais, têm que se priorizar uma maior reflexão da sociedade frente à pessoa idosa, visando a modificação do comportamento desde o âmbito educacional, que deve ser ampliado frente à formação de profissionais, ao poder do Estado. Para que se possa exigir a melhor execução das políticas de atenção ao idoso, ou mesmo possibilitar o surgimento de outras na área, tem que se levar em consideração que os mesmos remetem à importância da divulgação dos casos para que se permita um levantamento que reflita a dimensão epidemiológica dos casos de violência para proporcionar melhoramento das políticas para a população idosa (ARAÚJO *et. al.* 2012).

A discussão realizada com os adolescentes sobre o Estatuto do Idoso englobou principalmente as questões de mobilidade nos transportes públicos, e que garantem maior liberdade de realizar as diversas atividades cotidianas. Os adolescentes colocam-se, principalmente, como agentes multiplicadores desses saberes à sua comunidade, servindo como elo para que as leis voltadas ao idoso possam ser efetivadas.

O desconhecimento de leis específicas para o idoso é contundente nas UCEs apresentadas, ancorando na ideia de que o universo do envelhecimento é um "*tabu*" já que "*ninguém fala do idoso*" – pois, até então, esse conjunto de leis era inexplorado e desconhecido por eles e pela sociedade como um todo. Até o fato de o Estatuto do Idoso garantir o direito ao trabalho, respeitando as limitações das pessoas mais velhas, causa espanto e estranheza entre os adolescentes.

É válido mencionar que toda Representação Social surge da necessidade de modificar o que é estranho, o que não é compreendido, em algo familiar; essa seria uma das funções centrais da representação: "domar o desconhecido". Em geral, os grupos produzem representações como uma forma de filtrar as informações que emanam do ambiente, com fins de amoldar o comportamento singular. É um tipo de manipulação do processo do pensamento e da estrutura da realidade (MOSCOVICI, 2012).

O bom tratamento atribuído ao idoso diz respeito à consideração que estes adolescentes sentem pelos idosos, contribui no combate ao preconceito etário e proporcionam o entendimento entre as diferentes gerações (PEREIRA; FREITAS; FERREIRA, 2014).

"*Caducar*" compreende as alterações cognitivas relacionadas ao processo de envelhecimento, são mais visíveis e têm um grande impacto nas relações sociais e familiares. Portanto, os adolescentes acreditavam que somente "*caducar*" seria a característica marcante do processo de inserção/exclusão social que os idosos têm na sociedade. Nesse sentido, despertar para outros aspectos físicos que também são fatores limitantes aos idosos, possibilita aos adolescentes verem que existem diversas dimensões as quais são empecilhos aos idosos de conviverem em uma sociedade que não se adapta às suas necessidades, tornando a acessibilidade difícil – o que termina por excluí-los de alguns espaços de convivência social.

Quando as políticas de defesa do idoso não são atendidas pela sociedade, automaticamente ocorre o desrespeito e a desvalorização ao idoso. Isto mostra que os adolescentes presenciam no cotidiano tal desvalorização, na concretização de atos exemplificados como a não liberação, pelos mais jovens, de assentos prioritários nos ônibus, a dificuldade de acessibilidade na cidade, o baixo valor da aposentadoria, as longas filas de espera para atendimento e o desconhecimento da sociedade dos direitos dos idosos. Fatos que influenciam os mais jovens e objetivam atitudes negativas acerca da velhice (PEREIRA; FREITAS; FERREIRA, 2014).

Durante a dramatização realizada, o desprezo que os atendentes tinham com os idosos, a pressa, os xingamentos das pessoas pela "lverdeza", causam um sentimento de revolta nos adolescentes – embora eles já tivessem vivenciado anteriormente essa experiência. A partir desse despertar, eles começaram a ver de uma forma diferenciada e com um olhar mais crítico e reconheceram que esse destrato acontece e que as pessoas, incluindo-os, são os perpetradores desses comportamentos.

A exclusão social e simbólica é também um aspecto importante do envelhecimento que expõe, na condição do velho e de seus embates por direitos mínimos, como saúde e sobrevivência, a desregulamentação social como uma face real da individualização e da fragmentação (DELGADO, 2010).

A reflexão sobre cidadania também é despertada nos adolescentes. Tendo por cidadania, de acordo com Neves (2008) como a relação existente entre uma pessoa e o Estado, na qual a pessoa deve obediência, e o Estado, proteção. Ao conceito de cidadania

deve se incorporar o conceito de alteridade. A cidadania compreende a igualdade de direitos e, dentre estes, está o direito de viver a própria vida e ser diferente dos demais. O respeito à diferença se desvirtuou em indiferença ao sofrimento do outro, no discurso neoliberal, em direitos diferentes ou duplicidade de cidadania, existindo uma política para os ricos e uma política para os pobres, junto à ideia de cidadania mínima ou mínimo social a ser garantido aos mais pobres.

Segundo Faleiros (1992), no sistema de desigualdades profundas de nosso país, ocorre uma dupla negação da cidadania: através da sociedade e do próprio Estado, visto ter sido ele usado para reforçar a desigualdade, ao invés de ser o Estado do cidadão. Sofremos a desestruturação da organização social, principalmente na época da ditadura e, como reação, atualmente a sociedade civil exige uma nova estrutura política em que os direitos sociais parecem constar como prioridade

Os adolescentes revelam a invisibilidade do idoso no que concerne às leis praticadas pela sociedade. Ao acessar o senso comum dos adolescentes, identificou-se que eles desconheciam as normas protetoras do idoso; portanto, desconheciam que as filas e lugares preferenciais são regidos por leis que garantem não somente isto, mas diversos outros direitos próprios da pessoa mais velha.

A velhice vivida como isolamento e autonegligência é uma realidade concreta e bastante comum nesse universo, apesar de uma de suas características ser sua invisibilidade social, reveladora do aspecto mais perverso das imagens do envelhecimento bem-sucedido e de seus mecanismos sobre os corpos e suas expressões (DELGADO, 2010).

Também os programas intergeracionais mostram-se ferramentas bastante úteis para desfazer mitos, pois através de contatos com idosos pode-se enxergar as diversas situações da velhice (SOUZA, 2011).

Ao fazerem um exercício crítico e reflexivo sobre as cenas do cotidiano, os adolescentes veem de uma forma diferenciada as condições do idoso e o meio no qual ele está inserido. Emerge, assim, o sentimento de revolta e de pena que movem as emoções dos adolescentes para que eles assumam uma posição perante essa realidade, revelando o desejo de ajudá-los para que não sejam mais desrespeitados, sendo solidários com o momento que os idosos vivem. Isso demonstra que as estratégias de cuidado-educação são favoráveis ao fazê-los repensar sobre o tema, movendo sentimentos que podem auxiliar na reflexão/ação desses adolescentes com o processo de envelhecimento e, conseqüentemente, com potencial de ação frente aos idosos.

Corroborando com essa ideia, a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) considera que o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos. A garantia de inserção social dos idosos propõe, ainda, a inclusão nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto. A intergeracionalidade é prevista a partir da viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações.

Projetos intergeracionais apresentam-se como o espaço mais adequado para o estabelecimento de trocas entre as gerações; para a reflexão sobre o processo de envelhecimento; para o resgate dos aspectos positivos da longevidade; para ajudar a afastar dos jovens o medo da velhice; para desenvolver nas crianças imagens de identificação e devolver aos idosos os sonhos, os objetivos e os projetos de vida (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

O Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) no art. 3º. prevê o estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento, para isso sugere a inclusão do tema envelhecimento nos currículos mínimos da educação formal (art. 22º). Ressalta, também, no art. 21º, a importância do idoso no processo de transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais. A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria nº. 2.528/ 2006) propõe uma articulação intersetorial entre os Ministérios da Saúde e da Educação, visando garantir a inclusão nos currículos escolares de disciplinas que abordem o processo de envelhecimento, a desmistificação da senescência, como sendo diferente de doença ou de incapacidade, valorizando a pessoa idosa e divulgando as medidas de promoção e prevenção de saúde em todas as faixas etárias.

Aliado a isso, Heredia, Casara e Cortelletti (2007) trazem que a vivência em família é uma experiência rica em oportunidades para a construção de diferentes relacionamentos pessoais, no sentido de que as experiências falam ao mesmo tempo das necessidades, dificuldades, capacidades e incapacidades relacionais de todos e de cada um.

Então, o educador pode influenciar a imagem que o adolescente possui do envelhecimento. A partir de um trabalho intencional, baseado em conceitos, percepções

e vivências do universo dos estudantes, será possível ajudar os adolescentes a construir ou fortalecer concepções positivas sobre a velhice (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

Outro fator relevante a ser proposto, de acordo com Araújo *et. al.* (2012), é levar mais informações para as escolas com intuito de formar cidadãos mais conscientes, desde a educação primária até a profissional, para impulsionar a reflexão e a crítica sobre casos em sua maioria omissos – pois se a conscientização for construída desde a entrada do indivíduo nos meios informativos mais seguros, como a escola, muitos casos poderão ser identificados e até mesmo evitados.

Pereira, Freitas e Ferreira (2014) trazem como atribuição da Enfermagem, como prática social, ser parceira, junto às escolas, na perspectiva de uma educação gerontológica, buscando sensibilizar os adolescentes por meio da reflexão-ação sobre sua vida e seu curso natural, de forma a construir novas ideias e significados para velhice. Com isso, a Enfermagem pode contribuir para uma melhor compreensão dos processos relacionais entre as gerações, ajudando a enfrentar e superar preconceitos e desvalorização da velhice e do idoso.

Tendo-se em mente ‘o adolescer como um momento único’, Souza (2011) aborda que eles devem experimentar o próprio da fase, mas não se deve esquecer do dever moral de formação de cidadãos conscientes do cenário político e sociofamiliar que vivenciam: um país que envelhece. Isto seria ponto de discussão com os jovens de como isto influencia sua vida e é influenciado.

Repensar sobre a forma que se organiza a sociedade no entorno e contorno, possibilitou aos adolescentes um novo olhar sobre as relações intergeracionais que têm com avós e com idosos da sociedade. Além de pensar no envelhecimento de si, veem no outro uma porta de entrada para que possam disseminar o conteúdo proposto, trazendo à luz o que até então ainda é pouco visto pela população, possibilitando a maior efetivação dos direitos e deveres das pessoas idosas.

Reflexões são despertadas nos adolescentes, ao se depararem que os idosos têm que trabalhar para garantir o sustento tanto seu quanto da sua família enquanto no Estatuto há regras que viabilizam os idosos a terem uma velhice mais tranquila, garantida pela família e sociedade.

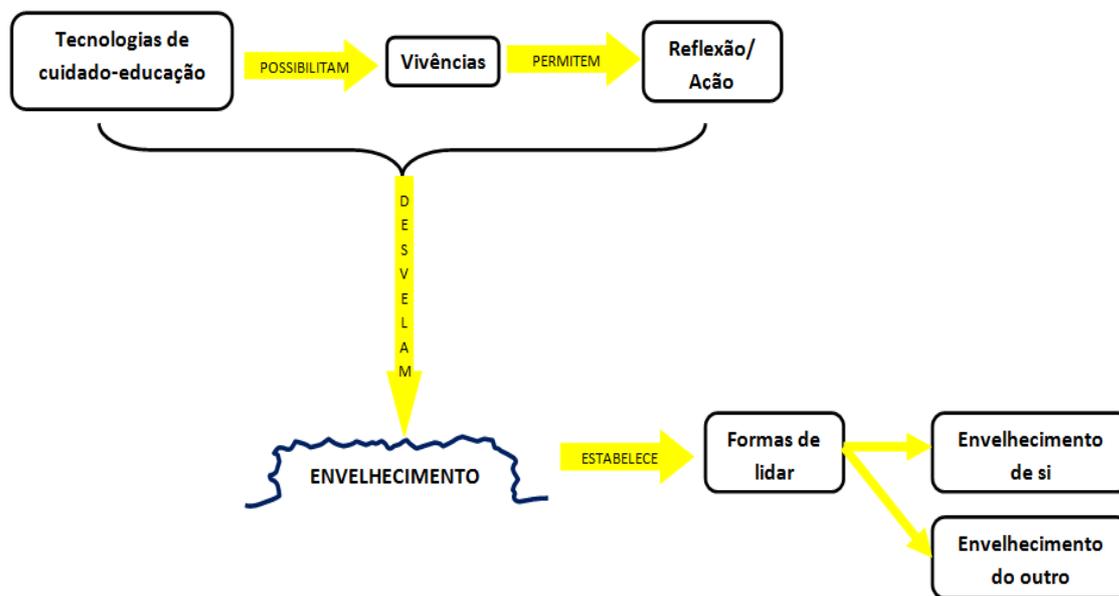


Figura 21: esquema sintetizador da discussão das classes 2 e 3
Fonte: a autora (2017)

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O polo epistemológico deste estudo revela a forma de constituição das RS sobre o envelhecimento para os adolescentes que se referem a ideias e termos categoriais, princípios condutores, conceitos essenciais adotados, cuja função é mediar a distinção do objeto, facilitar a conceituação das relações do sujeito da pesquisa, favorecendo a delimitação do espaço de alcance do campo de compreensão epistemológica dos resultados da investigação.

O envelhecimento para os adolescentes é um fenômeno pouco discutido e permeado por interpretações estereotipadas do que é ser idoso e como se dá esse processo, subsidiando a formação de suas representações sociais.

As principais dimensões encontradas quando se aprofunda a análise do núcleo central são as nuances negativas que o processo de envelhecimento remete aos adolescentes, trazendo uma carga cultural carregada com elementos ainda presentes na contemporaneidade que estereotipa o idoso e os relacionam à fase terminal da vida.

O sistema periférico, por sua vez, é permeado de elementos que correlacionam aspectos que podem ser mutáveis a um contexto mais próximo da realidade. A presença de ideias de felicidade e respeito no sistema periférico das representações revela que a visão negativa pode ser repensada com foco na cidadania, e é por esse caminho que as estratégias devem ser implementadas para desvelar os aspectos reais do que se tem por envelhecimento.

Quando se confronta os núcleos centrais das representações sociais produzidas por meninos e meninas, e de adolescentes que tem e os que não têm convívio intradomiciliar com os idosos, identifica-se que a estruturação dessas representações sofre ação do contexto cultural e social que esses sujeitos estão imbricados. No primeiro caso, na perspectiva de gênero, revela-se claramente a ligação da imagem do envelhecimento às doenças, entre o sexo feminino. Já entre os adolescentes homens percebe-se que isto não está implicado. Conclui-se, portanto, que há uma perpetuação cultural de que as mulheres estão mais preocupadas com doenças enquanto os homens não olham a vida por este viés, quer seja por déficit no cuidado à sua saúde quer seja por questões de gênero que dificultam o acesso aos serviços de atenção à saúde.

Quando se tem como foco adolescentes que tem e os que não têm convívio intradomiciliar com os idosos, identifica-se uma estruturação mais real, palpável do que se tem por envelhecimento por parte dos sujeitos que tem uma convivência diária com

idosos. Ver o processo de envelhecimento no outro, traz uma visão mais contextualizada de como se desenvolve o ciclo vital até que a pessoa chegue a velhice. A projeção no outro torna mais fácil de compreender um processo estranho para si e assim se tem mais subsídios para explicar o fenômeno do envelhecimento. Os adolescentes que têm a oportunidade de ter esta convivência intergeracional em suas casas, possuem um universo vocabular peculiar e real sobre o envelhecimento quando comparados aos adolescentes que não têm esta oportunidade.

Revelou-se o processo de construção da RS com base nas relações sociais que está intimamente ligada aos preconceitos que os idosos enfrentam relacionados a sua idade que remete a incompetência de realizar tarefas cotidianas, caracterizando-os como frágeis e objetivando nas crianças a imagem do idoso – ancorando seu pensamento nos aspectos relativos ao universo pueril, para que se torne mais concreto este fenômeno do envelhecimento. Assim, a organização social e cultural desempenha um papel crucial para a disseminação de estereótipos e valores agregados ao universo do ser idoso.

Como os adolescentes não têm elementos palpáveis para associar-se aos idosos, como vivências, alterações fisiológicas do envelhecimento, eles tendem a relacionar a fase em que vivem com a velhice, trazendo questões próprias da juventude para o universo do ser velho, infantilizando-os. Ao relacionar os idosos com crianças, tem-se uma construção de um idadismo que fala sobre a incapacidade e falta de autonomia do idoso para lidar com as questões do cotidiano.

A ideia de uma juventude da velhice é construída com base em atividades que ajudam o idoso a não ser tão idoso assim. Os adolescentes não negam a velhice, mas ancoram no que eles têm propriedade e vivências para que sintam mais próximos da temática e seja mais concreta, trazendo para sua realidade. A juventude perene que a mídia coloca ajuda na objetivação e ancoragem dos adolescentes para o universo do ser idoso, em que a jovialidade é pré-requisito para se acessar redes e mídias sociais. Então, se um idoso tiver proficiência para manusear as tecnologias vigentes, eles não fazem parte de um universo restrito somente aos idosos, por exemplo, eles fazem parte de uma rede social maior que abrange não somente sua faixa etária, mas também os mais jovens.

A essência do ser idoso mescla-se com elementos constitutivos do universo do adolescer e por todo ciclo vital em que viveram até o momento. Os adolescentes ancoram a velhice nos elementos da juventude e/ou infância, porém com algumas adaptações cabíveis ao processo de envelhecimento, embora não consigam especificar quais. Para tanto, as tecnologias de cuidado-educação mostram-se como ferramentas imprescindíveis

na sensibilização dessa temática, dando elementos palpáveis aos adolescentes para que eles reflitam e pensem como se dá o processo de envelhecimento, contribuindo para a empatia entre as gerações o que conflui para os relacionamentos intergeracionais.

A articulação dessas dimensões processadas pelos adolescentes forma um arcabouço teórico permeado por ações cotidianas, que dá origem a um modelo explicativo de como se dá o processo de construção sobre o processo de envelhecimento tendo como base tecnologias de cuidado-educação como subsídios para despertar e desvelar elementos que não são do universo do adolescer. Tal modelo tem como referência conceitual a ideia a educação transformadora, com foco gerontológico, pautada na cidadania, civilidade e debates que influenciam a forma de pensar e agir dos seres humanos.

O desvelar de um universo próprio do ser idoso é essencial para que os adolescentes vejam de uma nova forma as relações intergeracionais em que eles têm com as pessoas que os circundam, estabelecendo relações solidárias e empáticas, sendo agentes multiplicadores de boas práticas para um bom envelhecimento e incentivar o pensamento crítico e reflexivo sobre a temática para que assim possamos ter em nossa sociedade seres humanos que são capazes de compreender e lutar por melhores condições de vida para a população idosa.

A dramatização traz elementos reais da vida, tantas questões sociais quanto fisiológicas do envelhecimento, para que os adolescentes sejam atores desse processo e possam ver com outro olhar o envelhecimento, o que dá subsídio para pensar como acontecem as relações sociais cotidianas com os idosos e de que forma estão implicados nisso. Gera um sentimento de desconforto quando os adolescentes percebem que eles também são multiplicadores de preconceitos e maus tratos aos idosos, ao ver no outro uma ação e julgar como errado, trazem para si e tomam consciência que eles também são causadores de idadismos aos idosos.

As leis voltadas ao idoso, invisíveis aos adolescentes, que antes só conheciam o Estatuto da Criança e do Adolescente, foi desvelada e reveladora de direitos dos idosos e deveres da sociedade. Trazer à discussão o Estatuto do Idoso fez com que eles vissem que o idoso tem sim consistência social e que há políticas públicas voltadas a eles. Isto recai diretamente sobre a cidadania e civilidade que baliza as ações da sociedade para com as pessoas próximas, dando uma base para que possam se empoderar com o conhecimento e replicarem saberes e práticas para seu entorno e contorno.

A aplicação das tecnologias de cuidado-educação mostrou-se uma maneira eficaz de fazer com que os adolescentes refletissem sobre o envelhecimento de forma mais contextualizada com o entorno e contorno em que esses sujeitos estão inseridos. O fato de nunca terem pensado no tema remete ao desconhecimento de um tema, explicando os aspectos de objetivação em imagens depreciativas e ancoragem na infância. A execução de práticas que permitem aos adolescentes pensarem sobre a temática do envelhecimento, agrega outros elementos que os fazem ver com um olhar empático o idoso e o desvela, colocando em um patamar mais palpável o universo do envelhecer.

O enfoque na aplicação de tecnologias cuidado-educação em articulação com a educação transformadora na perspectiva da enfermagem gerontológica pode ser adotada pelos profissionais da área que tenham como foco o desvelar do universo do envelhecimento para adolescentes. Criar um espaço de reflexão nas escolas, orientado pelo enfermeiro, onde os adolescentes sejam sujeitos ativos e participativos do processo de conhecimento, e que seja um meio propício para a expressão de suas representações sociais sobre a temática, em que movem sentimentos, julgamentos e emoções e assim, possam ser discutidos de pronto o conteúdo debatido nesses momentos. Esta reflexão deve ainda colaborar para a (re)interpretação desta realidade pelos adolescentes, acerca de algumas ideias ligadas ao seu cotidiano e como se constituem enquanto membros de uma comunidade, com o intuito final de promover uma sensibilização para a temática e pensarem como sujeitos implicados no processo de envelhecimento de si e do outro.

Com isso, confirma-se o pressuposto que orientou a tese, de que as Representações Sociais dos adolescentes sobre envelhecimento desvela o panorama de saberes e de práticas que eles têm sobre o tema e os idosos, e que estratégias participativas que problematizam o tema têm grande potencial para sensibilizá-los sobre o envelhecimento, e fazê-los repensar as relações intergeracionais, o envelhecimento de si e do outro.

O estudo mostrou-se relevante para sensibilizar e promover uma educação gerontológica com os adolescentes com vistas a fomentar discussões sobre o envelhecimento de si e do outro podendo até atuar como multiplicadores de saberes de práticas agora agregado de conhecimentos mais claros sobre o universo do ser idoso. Portanto, tendo em vista esses fatores, faz-se importante que essas intervenções transformadoras educacionais sejam disseminadas para outros locais e que se possam ser replicadas em outras escolas e com outros adolescentes.

Como limitação do estudo, destaca-se a sua realização e, conseqüentemente, dos momentos de cuidado-educação, em apenas duas turmas de uma escola em Fortaleza-CE. Instiga-se então que outras pesquisas sejam realizadas tendo como fundamento os achados discutidos ao longo deste trabalho.

Ressaltam-se as contribuições do estudo aos cuidados de enfermagem, pois o aprofundamento desta pesquisa proporcionou a imersão nas representações sociais destes adolescentes sobre o envelhecimento, apreendendo a estruturação e processo que constitui o seu senso comum e trazendo isto como aliado no processo de implementação das tecnologias de cuidado-educação entre eles, dando mais subsídios para que eles possam pensar sobre o envelhecimento com vistas a estabelecerem relações mais empáticas com o universo do ser idoso.

Por fim, caracteriza assim, o caráter inovador do estudo, em que a enfermagem gerontológica se apoia no conhecimento e imersão nas representações sociais para que se estabeleça um diálogo balizado por tecnologias de cuidado-educação com vistas a sensibilizar uma parcela da população, quebrando paradigmas, estereótipos e desvelando o envelhecimento para quem ainda não teve a oportunidade de pensá-lo em seu cotidiano.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAAGNANO, N.. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 985.

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p.155-171

ABRIC, J.C. . A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALVES JUNIOR, E. D.; Pondo em prática a intergeracionalidade In: MELO, V.A, TAVARES,C. (Org), **O exercício reflexivo do movimento**, Rio de Janeiro : Shape, 2006, p. 262-281

ANTONUCCI T. Social relations: a examination of Social Networks, Social Support, and Sense of Control. *Handbook of Psychology of Aging*; **New York: Academic Press**; 2007; 427-453.

ARAÚJO, L. F., AMARAL, E. B., Sá, E. C. N., AZEVEDO, R. L. W., & LOBO FILHO, J. G. (2012). Violência contra a pessoa idosa: representações sociais entre adolescentes do Arquipélago de Fernando de Noronha-PE. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 104-111

ARAUJO, R.H. ; ANDRADE, J.C.. O tabu dos povos primitivos e o estigma das sociedades atuais: as duas faces de um mesmo fenômeno psicanalítico e sociológico. **Cogito**, Salvador , v. 13, p. 58-62, nov. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2016.

BENGTSON, V. L. & ROBERTS, R. E. LIntergenerational solidarity in aging families: an example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family*, v 53, p 856-870. 1991

BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e práticas. In: FREITAS, E.V. (Org.); **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2011, p. 1447-1455

BRASIL. C.B. Centro de Estudos e Debates Estratégicos Consultoria Legislativa (Org.). **Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece**. Brasília: Edições Câmara, 2017. 293 p. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/31619>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda Nacional de prioridades de pesquisa em saúde**. Brasília (DF): MS; 2008.

_____. Decreto n. 5803, 8 de junho de 2006. **Dispõe sobre o Observatório da Educação, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 de junho de 2006, sessão 01, p.05.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. **Estatuto do Idoso.** Brasília: DF, Outubro de 2003. BRASIL, Ministério da Previdência e Assistência Social Lei n. 8.842.

_____. Portaria n. 152; 30 de outubro de 2012; **Regulamento do Programa Observatório da Educação.** Diário Oficial da União, Brasília, 31 de outubro de 2012, sessão 01, p. 43.

BUTLER, Robert N. Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, Oxford, v. 9, n. 4, p. 243-246, 1969.

CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados contextuais. In: MOREIRA, A. S. P.; JESUÍNO, J. C. (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais.* João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

CAMPOS, R. L. M. **A representação social da atividade profissional do funcionário público em um contexto de mudança.** Taubaté: UNITAU/Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas), Universidade de Taubaté. 2002. 144p.

CASTRO, Gisela G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. *Comunicação & Educação*, vol. 20, n. 2, 2015, p. 101-114.

CHAIMOWICZ, F. **Saúde do Idoso.** 2ª ed. Belo Horizonte: NESCON UFMG: 2013. 167p.

COUTINHO, M. P. L. et. al. **Representações Sociais: Abordagem Interdisciplinar.** João Pessoa (PB): Universitária UFPB; 2003.

COUTINHO, M. P. L.; NÓBREGA, S. M.; CATÃO, M. F. M. **Contribuições Teórica-Metodológicas acerca do uso dos instrumentos projetivos no campo das representações sociais.** In: _____ et al (Orgs). *Representações Sociais: abordagem Interdisciplinar.* João Pessoa: Universitária/ UFPB, p. 50- 66, 2003.

CRUSOÉ, N. M. C.; A teoria das representações sociais em moscovici e sua importância para a pesquisa em educação **APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação** - Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004

CUNHA, J. X. P. da et al . Autonomia do idoso e suas implicações éticas na assistência de enfermagem. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 95, p. 657-664, Dec. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042012000400018&lng=en&nrm=iso>. access on 12 jan. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-11042012000400018>.

DAHL, R; HARIRI, A. R; **Lessons from G. Stanley Hall**: Connecting new research in biological sciences to the study of adolescent development. *Journal of Research on Adolescence*, 2005, 15, 367-382

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, G. G. **A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade**. In: BARROS, M. M. L (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 49-68.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e curso da vida. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.120-128, 2010.

DELGADO, J.. Velhice, corpo e narrativa. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 16, n. 34, p. 189-212, Dec. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200009>.

DIAS, C. M. S. **“Pais são para criar e avós para estragar”**: será? In I. C. Gomes, E. F. M Silveiras, F. B. Assumpção Junnior, L. Preiszkulnik (Orgs), *Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas* 2008. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan

ENGLISH, T., JOHN, O. P., SRIVASTAVA, S. & Gross, J. J. (2012). Emotion regulation and peer-rated social functioning: A 4-year longitudinal study. *Journal of Research in Personality*, 46, 780–784.

FALEIROS, V. Cidadania e Participação Popular. In: congresso brasileiro de psicologia da comunidade e trabalho social; Autogestão, Participação e Cidadania, 1, 1992. Belo Horizonte. **Anais. Tomo 2**. Belo Horizonte, 1992.

FARIA, JH. **Tecnologia e processo de trabalho**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.

FERREIRA, M. A.; A educação em saúde na adolescência: grupos de discussão como estratégia de pesquisa e cuidado-educação. **Texto contexto - enfermagem.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, June 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 20 dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000200003>.

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz - **Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso** – Disponível em <http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/index.php>. Acessado em 03 de jan de 2017.

FLORÊNCIO, M.V.L., FERREIRA FILHA, M.O., SÁ, L.D.. A violência contra o idoso: dimensão ética e política de uma problemática em ascensão. **Revista Eletronica de Enfermagem**. [Internet]. 2007 v. 9, n. 3, p. 847-57.

FLORES, L., JR.; BARENBAUM, H. (2012). Desire for emotional closeness moderates the effectiveness of the social regulation of emotion. *Personality and Individual Differences*, 53, 952-957.

FOSCO, G. M.; GRYCH, J. H. (2012). Capturing the family context of emotion regulation: a family systems model comparison approach. *Journal of Family Issues*, 34(4), 557-578.

FRANÇA, L. H. F. P.; SILVA, A.M.T.B; BARRETO, M.S.L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, RIO DE JANEIRO, 2010; 13(3):519-531

FREIRE P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 2010.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

FREITAS, M.C.; FERREIRA, M. A.. Velhice e pessoa idosa: representações sociais de adolescentes escolares. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto , v. 21, n. 3, June 2013 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000300750&lng=en&nrm=iso>. access
on 18 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000300014>.

GOUVEIA, Odília Maria Rocha; MATOS, Alice Delerue; SCHOUTEN, Maria Johanna. Redes sociais e qualidade de vida dos idosos: uma revisão e análise crítica da literatura. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 6, p. 1030-1040, Dec. 2016 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000601030&lng=en&nrm=iso>. access
on 07 Mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562016019.160017>.

GVOZD, R; DELLARROZA, M. S. G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 295-304, 2012 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232012000200012&lng=en&nrm=iso>. access
on 19 Sep. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232012000200012>.

HATTON-YEO, A. Conference Report. In: ICIP international intergenerational conference, 1. Connecting generations – A global perspective, 1, 2002. Keele, England: Unesco Institute for Education and Beth Johnson Foundation, 2002, p. 1-48. Disponível em: <<http://www.unesco.org/education/uie/pdf/keelereport.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

HEREDIA VBM, CASARA MB, CORTELLETTI IA. Impactos da longevidade na família multigeracional. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**. 2007; 10 (1): 07-28.

HOYER, W. J., & ROODIN, P. A. **Adult development and aging**. New York: The McGraw-Hill, 2003.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos. Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Nacional 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2011.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JUSTO, J. S. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia, UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, Junho 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100005>.

LEAL, M. G. S. Aspectos psicológicos do envelhecimento. **Revista E. Sesc-SP**, v. 20, n. 1, 2013, pp. 44-46.

LIMA, M. J. **O que é enfermagem?** Coleção Primeiros Passos. 4ª São Paulo: Ed. Brasiliense; 2004.

MARTINS, C. R. M.; CAMARGO, B. V.; BIASUS, F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica, Bogotá**, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos de uma história**. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.45-66, 2001.

NERI, A. L. (2001a). O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In A. L. Neri (Org.), *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais* (pp.11-52). Campinas: Papyrus

NERI, A.L. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento**. São Paulo: Papyrus, 2001.

NEVES, SM. Os papéis sociais e a cidadania. In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, 2008. pp. 28-48. ISBN: 978- 85-99662-87-8. Available from SciELO Books .

NÓBREGA, S. M. **Sobre a Teoria das Representações Sociais**. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). *Representações Sociais: Teoria e Prática*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p.55-87.

NÓBREGA, S.M.; COUTINHO, M.P.L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO *et al.* **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 67-77.

OLIVEIRA MM, DAHER DV, SILVA JL, ANDRADE SSC. Men's health in question: seeking assistance in primary health care. *Ciêns Saúde Coletiva*. 2015;20(1):273-78.

OLIVEIRA, A.R.V. & KARNIKOWSKI, M.G.DE O. (2012, março). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, 15(2), 145-158. São Paulo (SP), Brasil: FACHS / NEPE/PEPGG/PUC-SP

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.; MARQUES, S. C. Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Org.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 157-200.

PAPALEO NETTO, M. O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, E. *et. al.* (Orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2012.

PAPALEO NETTO, M. **Tratado de gerontologia**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atheneu, 2011.

PEREIRA, R. F. **Representações sociais de adolescentes escolares sobre idoso e velhice**: subsídios para o cuidado clínico de enfermagem. 22/11/2012. 135 fls. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará.

PEREIRA, R.F. ; FREITAS, M.C. de; FERREIRA, M. A. Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 67, n. 4, p. 601-609, Aug. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672014000400601&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670416>

RABELO, D.F. ; NERI, A.L.. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 18, n. 1, p. 138-153, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 set. 2016.

RALHA, S; BARBOSA, R.- Envelhecer: caminhos pensados, caminhos traçados In Pereira, A., et al., (orgs) - **Livro de actas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Associação Portuguesa de Psicologia, 2013. p. 563-572.

REBOUCAS, M. et al . O que há de novo em ser velho. **Saude soc.**, São Paulo , v. 22, n. 4, p. 1226-1235, Dec. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000400023&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902013000400023>.

REY, F.G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson, 2005.

RIBEIRO, S. N. **Um estudo sobre o vocabulário das revistas destinadas a adolescentes**. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 7., 2003, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Cifefil. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-22.html>>. Acesso em: 20 de set de 2016.

RODRIGUES, L.S; SOARES, G.A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, n.4, p.1-29, 2006. Disponível em: m: <<http://www.ufes.br/ppghis/agora>> . Acesso em: 28 jan. 2016.

ROMMEL, B A. F. O Processo De Envelhecimento: As Principais Alterações Que Acontecem Com O Idoso Com O Passar Dos Anos. **Inter Science Place**, v. 1, n. 20, p. 106–132, 2012.

SÁ, C.P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais**. Revista. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Flávia Heloísa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Envelhecimento: um processo multifatorial. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 14, n. 1, p. 3-10, Mar. 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000100002>.

SANTOS, I. L.; SHIMIZU, H. E.; GARRAFA, V. Bioética de intervenção e pedagogia da libertação: aproximações possíveis. **Rev. Bioét.**, Brasília , v. 22, n. 2, p. 271-281, ago. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422014222008>.

SANTOS, V.B.; TURA, L.F.R.; ARRUDA, A.M.S. As representações sociais de pessoa velha construídas por adolescentes. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 2011 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000300010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29 out.. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000300010>.

SARAIVA, E. R. A.; COUTINHO, M. P. L.; MIRANDA, R. S. **O emprego do software Alceste e o desvendar do mundo lexical em pesquisa documental**. In: Coutinho, M. P. L.; Saraiva, E. R. A. Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 67-94.

SCHNEIDER, R.H. ; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 25, n. 4, p. 585-593, Dec. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.

SCHWARZ B, TROMMSDORFF G, ALBERT I, MAYER B. Adult parent-child relationships: relationship quality, support and reciprocity. **Applied psychology: an international review** 2005; 54(3): 396-417.

SILVA, E.A.O ; LACERDA, A.M.G.M. A violência e os maus-tratos contra a pessoa idosa. In **Fragmentos de Cultura**, v.17, n.3/4, p.239-255,2007.

SILVEIRA, N.D.R., LODOVICI, F.M.M. & QUADROS, I.B.DE. (2012, dezembro). Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas. **Revista Kairós Gerontologia**,15(8), pp.217-244. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

SOUSA, A.C.S.N.de, Lodovici, F.M.M., Silveira, N.D.R., & Arantes, R.P.G. (2014). Alguns apontamentos sobre o Idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. In: Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 19(3), 853-877.

SOUZA, E. M. Intergenerational integration, social capital and health: a theoretical framework and results from a qualitative study. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1733-1744,2011.

SOUZA, Márcia Teixeira de. Relações intergeracionais numa sociedade que envelhece: expectativas, preparo e atuação dos jovens. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Curso de Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde, Enfermagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <[http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/1082/1/Marcia Teixeira de Souza.pdf](http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/1082/1/Marcia%20Teixeira%20de%20Souza.pdf)>. Acesso em: 08 fev 2017.

SOUZA, R.F.; MATIAS, H.A. ; BRETAS, A.C.P . Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 6, p. 2835-2843, Sept. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

81232010000600021&lng=en&nrm=iso>. access
on 04 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600021>.

STACHESKI, D. R. Representações negativas do envelhecimento na comunicação pública brasileira: Campanha de Conscientização da Violência Contra a Pessoa Idosa no Trânsito. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 13, n. 32, p. 255-267, set./dez. 2012

STACHESKI, D. R.; MASSI, G. A. Índices sociais de valor: mass media, linguagem e envelhecimento. *Revista Interface*, v.15, 2011.

TEIXEIRA, M. L.T.O ; FERREIRA, M.A.. Uma tecnologia de processo aplicada ao acompanhante do idoso hospitalizado para sua inclusão participativa nos cuidados diários. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 18, n. 3, p. 409-417, Sept. 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000300002&lng=en&nrm=iso>. access
on 10 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072009000300002>.

TEODORO, M. L. M. (2006). Afetividade e conflito em díades familiares: avaliação com o famiograma. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(3), 385-590.

TONELLI, M.J.F; SOUZA, Marina Gomes Coelho de; MULLER, Rita de C. Flores. Masculinidades e práticas de saúde: retratos da experiência de pesquisa em Florianópolis/SC. **Physis**, , v. 20, n. 3, p. 973-994, 2010 . Available from <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000300015&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Jan. 2017.

TRENTINI, M; GONÇALVES L. H. T.; Pequenos grupos de convergência: um método no desenvolvimento de tecnologias na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**. 2000 Jan-Abr; v. 9, n. 1, p. 63-78

TRENTINI, M; PAIM, L. **Pesquisa convergente-assistencial: um desenho que une o fazer e o pensar na prática assistencial em saúde-enfermagem**. Florianópolis: Insular; 2004.

TREZZA, M. C. A. F.; SANTOS, R. M.; LEITE, J. L.; Enfermagem como prática social: um exercício de reflexão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 6, Dez. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000600019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000600019>.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas – **Resumo Executivo Envelhecimento no Século XXI: celebração e desafio**, 2012. Disponível em https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf .Acesso em 28 de dez de 2016.

VALA, J. . **Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano**. In: Vala, J. e Monteiro, M. B. (coords.). *Psicologia social*. 4 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

VARKEY, P., CHUTKA, D.S. AND LESNICK, T.G. "The aging game: improving medical students' attitudes toward caring for the elderly", **J. Am. Med. Directors Assoc.** 7, 224-229, 2006, in Decety, J. and Lamm, C.

VERAS R.P.; LOURENÇO R., MARTINS, C.S.F.; SANCHES M.A.S.; CHAVES P. H.; Novos paradigmas do modelo assistencial no setor saúde: consequência da explosão populacional dos idosos no Brasil. In: VERAS RP. **Terceira idade: gestão contemporânea em saúde**. Rio de Janeiro (RJ): Relume-Dumará/UnATI/UERJ; 2002. p.11-79.

VERAS, R. P. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000300020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 10 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>.

VÈRGES, P. Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC: manual. Versão 5. Aix en Provence: S. n. 2002

VICTOR JF, XIMENES LB, ALMEIDA PC, VASCONCELOS FF. Perfil sociodemográfico e clínico de idosos atendidos em Unidade Básica de Saúde da Família. **Acta paulista de enfermagem**. [periódico online] 2009 [citado 2010 abr 05]; 22(1) [cerca de 6 p.]. Disponível em: URL: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a08v22n1.pdf>.

VIEIRA, Katiucia Letiele Duarte et al . Atendimento da população masculina em unidade básica saúde da família: motivos para a (não) procura. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 120-127, Mar. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000100017>.

WHO - World Health Organization. (2005). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

ZOBOLI ELCP, SCHVEITZER MC. Nursing values as social practice: a qualitative meta-synthesis. **Rev latinoam enferm** [Internet]. 2013 [acesso em 2016 jun 04];21(3):695– 703. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000300695

APÊNDICES

APÊNCIDE A

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Formulário N°: _____ Data: _____ Turma: _____

1 Sexo

1.1 () Masculino

2 Idade

1.2 () Feminino

3 Nacionalidade

4 Estado

5 Cidade

6 Bairro

7 Renda familiar:

8 Religião

8.1 () Católico

8.2 () Protestante

8.3 () Espírita

8.4 () Não tem

9 Com quem mora 9.1 () Mãe Idade: _____

9.4 () Avó Idade: _____

9.5 () Irmãos Idade: _____

9.6 () Outros Idade: _____

9.2 () Pai Idade: _____

9.3 () Avô Idade: _____

11 Convive em casa com idosos? 11.1 () Sim

11.2 () Não

12 Participou de alguma explicação/aula sobre envelhecimento? 12.1 () Sim

12.2 () Não

APÊNDICE B

TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP)

ENVELHECIMENTO

Momento: _____ Data: _____ Turma: _____

APÊNDICE C

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilma Sr. Diretor da Escola de Ensino Médio Professor Joaquim Nogueira

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada *REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO: nexos com tecnologias de cuidado-educação* a ser realizada na Escola de Ensino Médio Joaquim Nogueira, pela doutoranda Jessica de Menezes Nogueira, sob orientação da Profa Dra. Márcia de Assunção Ferreira, com o(s) seguinte(s) objetivo(s): Investigar as ideias/noções que os jovens têm sobre: envelhecimento, idoso, idoso na sociedade e família, como também o envelhecimento de si; Realizar estratégias educativas com jovens sobre a temática em destaque. Avaliar conhecimentos/saberes sobre envelhecimento, velhice e idoso após a realização das estratégias educativas, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos nas séries de ensino médio. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que a confidencialidade dos participantes será respeitada de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que os dados coletados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Ms. Jessica de Menezes Nogueira
Pesquisador(a) Responsável do Projeto

Concordamos com a solicitação **Não concordamos com a solicitação**

Diretor da Escola de Ensino Médio Professor Joaquim Nogueira

APENDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Escola de Enfermagem Anna Nery



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EEAN/HESFA

TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS
POR ESTUDANTES DE 12 A 17 ANOS DE IDADE

Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde

Seu filho(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO: nexos com tecnologias de cuidado-educação**, que tem como **objetivos**: Investigar as ideias/noções que os adolescentes têm sobre: envelhecimento, idoso, idoso na sociedade e família, como também o envelhecimento de si; Realizar estratégias educativas com jovens sobre a temática em destaque. Avaliar conhecimentos/saberes sobre envelhecimento, velhice e idoso após a realização das estratégias educativas. Este é um estudo baseado em uma abordagem interventiva, utilizando como método a Pesquisa Convergente Assistencial.

A pesquisa terá dezesseis meses, com o término previsto para dezembro de 2015. As respostas de seu filho(a) serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade dele(a) será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

A participação dele(a) é **voluntária**, isto é, a qualquer momento ele(a) poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. A pesquisa não trará prejuízo à relação de seu(sua) filho(a) com a pesquisadora ou com a instituição escolar.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de formulários e em grupos de discussão sobre envelhecimento. Os grupos de discussão serão gravados por meio de equipamento audiovisual para posterior transcrição – que será guardada por **cinco (05)** anos e incinerada após esse período. Não haverá **custo ou quaisquer compensações financeiras**.

Os riscos em potencial são de ordem social e psicológica e, caso ocorram, os participantes terão assistência específica de acordo com cada caso, pela própria equipe da pesquisa composta de enfermeiros, e poderão solicitá-la a qualquer momento durante e após a pesquisa.

O **benefício** relacionado à participação de sua(seu) filho(a) está relacionado ao conhecimento científico sobre o processo de envelhecimento humano.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e a participação de seu(sua) filho(a), agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Profª. Dra. Márcia de Assunção Ferreira

Orientadora (EEAN/UFRJ)

Cel: (021) 8563-2540;

E-mail: marciadeaf@ibest.com.br

Ms. Jessica de Menezes Nogueira

Doutoranda EEAN/UFRJ

Cel: (021) 83599414

E-mail: jessicademenezesn@gmail.com

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo com a participação do meu(minha) filha(a) no estudo proposto, sabendo que dele poderei retirar este consentimento a qualquer momento, sem que meu(minha) filho(a) sofra qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

_____, ____ de _____ de 20__.

Responsável: _____
(Assinatura)

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Escola de Enfermagem Anna Nery



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EEAN/HESFA

TERMO ASSENTIMENTO INFORMADO PARA ESTUDANTES DE 12 A 17 ANOS
DE IDADE

Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde

Você foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENVELHECIMENTO: nexos com tecnologias de cuidado-educação**, que tem como **objetivos:** Investigar as ideias/noções que os adolescentes têm sobre: envelhecimento, idoso, idoso na sociedade e família, como também o envelhecimento de si; Realizar estratégias educativas com adolescentes sobre a temática em destaque. Avaliar conhecimentos/saberes sobre envelhecimento, velhice e idoso após a realização das estratégias educativas. Este é um estudo baseado em uma abordagem interventiva, utilizando como método a Pesquisa Convergente Assistencial.

A pesquisa terá dezesseis meses, com o término previsto para dezembro de 2015. Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(s) pesquisador (a) ou com a instituição em que você estuda.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de formulários e em grupos de discussão. Os grupos de discussão serão gravados por meio de equipamento audiovisual para posterior transcrição – que será guardada por **cinco (05)** anos e incinerada após esse período. Você não terá **custo ou quaisquer compensações financeiras**.

Os riscos em potencial são de ordem social e psicológica e, caso ocorram, os participantes terão assistência específica de acordo com cada caso, pela própria equipe da pesquisa composta de enfermeiros, e poderão solicitá-la a qualquer momento durante e após a pesquisa.

O **benefício** relacionado à sua participação será o de aumentar seu conhecimento científico voltado ao processo de envelhecimento humano.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Profª. Dra. Márcia de Assunção Ferreira
Orientadora (EEAN/UFRJ)
Cel: (021) 8563-2540;

Ms. Jessica de Menezes Nogueira
Doutoranda EEAN/UFRJ

Cel: (021) 83599414

E-mail: marciadeaf@ibest.com.br

E-mail: jessicademenezesn@gmail.com

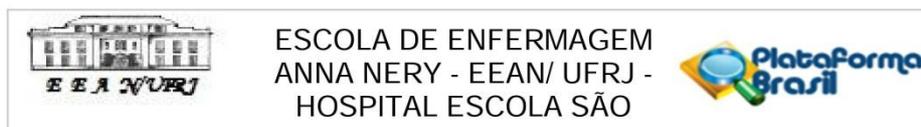
Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE ASSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que poderei desistir do mesmo a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

_____, ____ de _____ de 2014.

Participante da Pesquisa: _____
(Assinatura)

ANEXOS

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Envelhecimento, velhice e idoso: tecnologia de cuidado-educação voltada ao adolescente

Pesquisador: Jessica de Menezes Nogueira

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 27720014.0.0000.5238

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem Anna Nery

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 856.631

Data da Relatoria: 29/10/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa aplicada, interventiva utilizando como percurso a Pesquisa Convergente Assistencial. A instituição cenário é a Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra. A fim de aumentar a confiabilidade do estudo, a pesquisadora vem requerer que seja aprovada por este CEP a inclusão como instituição cenário da Escola Estadual de Ensino Profissional Joaquim Nogueirada, sendo objeto desta emenda. Os materiais e métodos da pesquisa já foram descritos em parecer de aprovação anterior, não tendo sido alterados nesta emenda.

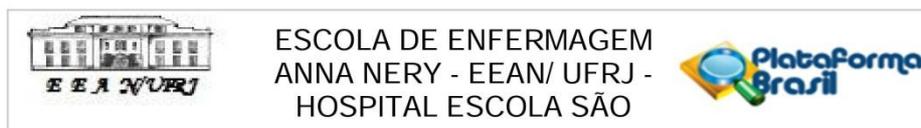
Objetivo da Pesquisa:

- Investigar as ideias/noções que os adolescentes têm sobre: envelhecimento, idoso, idoso na sociedade e família, como também o envelhecimento de si;
- Realizar estratégias educativas com adolescentes sobre a temática em destaque;
- Avaliar conhecimentos/saberes sobre envelhecimento, velhice e idoso após a realização das estratégias educativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os potenciais riscos da pesquisa são de caráter psicossocial, pois os adolescentes participantes da pesquisa podem, em algum momento, sentirem-se constrangidos com as perguntas. Caso isso ocorra, serão respeitadas as escolhas deles em continuar ou não participando da mesma. Para

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 20.211-110
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2293-8148 **E-mail:** cepeeanhesfa@gmail.com



Continuação do Parecer: 856.631

minimizar tais riscos, serão dadas as informações necessárias sobre todos os procedimentos da pesquisa e esclarecimentos sobre dúvidas em qualquer momento do processo, além do que as entrevistas serão realizadas em locais privados, de modo a não expor os participantes. Os benefícios relacionado à participação será o de aumentar o conhecimento científico voltado ao processo de envelhecimento humano.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa pertinente para a Enfermagem e demais áreas da saúde, principalmente no que tange o processo de envelhecimento na sociedade e a relação com a juventude.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos: assinada e carimbada - apresentada
- 2) Projeto de Pesquisa detalhado com as devidas correções: apresentado
- 3) Orçamento financeiro e fontes de financiamento: adequado/apresentado
- 4) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: adequado
- 5) Termo de Assentimento: apresentado
- 6) Cronograma: adequado
- 7) Carta de Anuência da Instituição Cenário: apresentada
- 8) Instrumento de Coleta de Dados: apresentado
- 9) Carta de Anuência da nova Instituição Cenário: apresentada

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

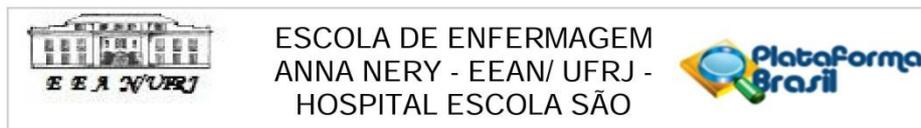
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN/HESFA atendendo o previsto na Resolução 466/12 do CNS/MS APROVOU o referido projeto na reunião ocorrida em 30 de outubro de 2014. Caso o(a) pesquisador(a) altere a pesquisa é necessário que o projeto retorne ao Sistema Plataforma Brasil para uma futura avaliação e emissão de novo parecer. Lembramos que o(a) pesquisador(a) deverá

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275	CEP: 20.211-110
Bairro: Cidade Nova	
UF: RJ	Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2293-8148	E-mail: cepeeahesfa@gmail.com



Continuação do Parecer: 856.631

encaminhar o relatório da pesquisa após a sua conclusão, como um compromisso junto a esta instituição e o Sistema Plataforma Brasil.

RIO DE JANEIRO, 04 de Novembro de 2014

Assinado por:
MARIA DA SOLEDADE SIMEÃO DOS SANTOS
(Coordenador)

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 20.211-110
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2293-8148 **E-mail:** cepeeahesfa@gmail.com